



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS BENEDITO BENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

GIVALDO SILVA JATOBÁ

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO
DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO**

ARAPIRACA, 2025

GIVALDO SILVA JATOBÁ

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO
DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo *campus* Benedito Bentes do Instituto Federal de Alagoas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes

ARAPIRACA, 2025



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Avançado Benedito Bentes
Biblioteca

370

J39p

Jatobá, Givaldo Silva.

Práticas pedagógicas no contexto de vidas onlife: por dentro da vida nas redes sociais no ensino médio integrado / Givaldo Silva Jatobá. – 2026.

132 p. : il.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes.

Dissertação - (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) Instituto Federal de Alagoas, Campus Avançado Benedito Bentes, Maceió, 2025.

1. Educação. 2. Práticas Pedagógicas. 3. Análise Textual. 4. Redes Sociais.
I. Título.



Catalogado por: (Nome do Bibliotecário e Registro no CRB)



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
Autarquia criada pela Lei nº 11.892 de 29 de Dezembro de 2008



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

GIVALDO SILVA JATOBÁ

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO
DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo *campus* Benedito Bentes do Instituto Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 16 de março de 2026

COMISSÃO EXAMINADORA



Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
gov.br EDUARDO CARDOSO MORAES
Data: 17/04/2026 17:55:31-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes - (Presidente e Orientador/a)

Documento assinado digitalmente
gov.br FÁBIO FRANCISCO DE ALMEIDA CASTILHO
Data: 26/03/2026 17:09:34-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Fábio Francisco de Almeida Castilho - (ProfEPT/Ifal - Avaliador/a Interno/a)

Documento assinado digitalmente
gov.br LILIAN KELLY DE ALMEIDA FIGUEIREDO VOSS
Data: 25/03/2026 09:52:33-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Lilian Kelly de Almeida Figueiredo Voss - (UFAL- Avaliador/a Externo/a)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, a fonte da vida, na qual sempre busco
inspiração.
Aos meus pais, João de Deus Jatobá e Maria Lúcia Silva Jatobá (*in memoriam*), que
sempre me deram o melhor que sabiam oferecer, não apenas a mim, mas
principalmente a eles mesmos.
A meus irmãos, Luiz Carlos Silva Jatobá, Vera Lúcia Silva Jatobá e Ana Maria Silva
Jatobá, por serem, simplesmente, quem são, e que, apesar dos nossos percalços na
vida, sempre mantivemos a condição que nos une: somos irmãos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta dissertação. Assim, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes, por seu apoio contínuo e paciência ao longo deste trabalho.

Agradeço também aos membros da banca examinadora, Prof. Dr. Fábio Francisco de Almeida Castilho e a Profa. Dra. Lilian Kelly de Almeida Figueiredo Voss, pelo tempo dedicado à análise desta dissertação, durante todo esse percurso, por suas observações e ponderações, que enriqueceram significativamente este estudo.

Minha sincera gratidão aos meus colegas de turma, pelo suporte moral e por todas as vezes que ajudaram a esclarecer minhas dúvidas durante esse processo até aqui.

Sem a colaboração e o apoio de todos vocês, este trabalho não teria sido

possível.

As transformações digitais, provocadas pelo advento da digitalidade e da conectividade, têm contribuído para a emergência de realidades cada vez mais hiperconectadas (...). Essas realidades provocam reflexões sobre como os processos de ensino e aprendizagem estão sendo desenvolvidos, o que nos instiga a buscar novas metodologias e práticas pedagógicas que promovam a inventividade, a cocriação e a colaboração.

(Schuster; Rosa; Schlemmer, 2023, p. 58)

RESUMO

Esta dissertação parte da constatação de que a sociedade contemporânea é marcada pela hiperconexão, imersa em uma realidade em rede onde se vivem vidas OnLIFE. Nesse cenário, a pesquisa propõe-se a analisar o comportamento expresso nas interações digitais dos discentes e a percepção dos docentes sobre esse fenômeno, visando fomentar a construção de práticas pedagógicas alinhadas ao contexto da educação OnLife e foi realizada no curso de Desenvolvimento de Sistemas, nas turmas de 1º e 3º anos do Ensino Médio Integrado do IFAL – Campus Maceió. O estudo fundamenta-se na perspectiva da educação OnLIFE, buscando subsídios em Floridi (2015), Schlemmer (2021) e Silbiger (2021). Para aprofundar o diálogo teórico, somam-se as contribuições de Jacon (2017) sobre práticas pedagógicas na Educação Profissional Tecnológica; de Lima Filho (2023) acerca da formação humana integral na inter-relação entre trabalho, ciência, cultura e tecnologia; de Costa e Silva (2013), que discute o conceito de tecnologia à luz de Álvaro Vieira Pinto; e de Machado (2013), focando na inserção de saberes tecnológicos no currículo. Complementam a discussão Meira (2021), sobre inovação e método científico; Roza (2025), que problematiza as redes sociais como "engenharia do eu"; e Ferreira (2023), abordando questões socioemocionais. A metodologia adota uma abordagem cartográfica (BARROS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015; KASTRUP, 2021), utilizando a Análise Textual Discursiva (ATD) de Moraes e Galiazzi (2016). A relevância do trabalho reside na conexão com o mundo real e no fomento ao debate sobre práticas pedagógicas que considerem o fluxo configuracional da realidade. Como Produto Educacional, apresenta-se uma cartilha digital inspirada em Lima (2019), traçando o perfil dessas vidas no IFAL e tecendo orientações para uma educação OnLIFE.

Palavras-chave: Vidas OnLIFE; Educação OnLIFE; Práticas pedagógicas, Redes sociais; Análise Textual Discursiva.

ABSTRACT

This dissertation stems from the observation that contemporary society is characterized by hyperconnectivity, immersed in a networked reality where OnLIFE lives are experienced. Within this context, the research aims to analyze the behavior expressed in students' digital interactions and the teachers' perception of this phenomenon, seeking to foster the development of pedagogical practices aligned with the OnLife education context. The study was conducted in the Systems Development program, with 1st and 3rd-year students of the Integrated High School at IFAL – Maceió Campus. The study is grounded in the perspective of OnLIFE education, drawing on the works of Floridi (2015), Schlemmer (2021), and Silbiger (2021). To deepen the theoretical dialogue, it incorporates contributions from Jacon (2017) on pedagogical practices in Professional and Technological Education; Lima Filho (2023) regarding comprehensive human development in the interrelationship between work, science, culture, and technology; Costa e Silva (2013), who discusses the concept of technology in the light of Álvaro Vieira Pinto; and Machado (2013), focusing on the integration of technological knowledge into the curriculum. The discussion is further complemented by Meira (2021) on innovation and the scientific method; Roza (2025), who problematizes social media as the "engineering of the self"; and Ferreira (2023), addressing socio-emotional issues. The methodology adopts a cartographic approach (BARROS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015; KASTRUP, 2021), utilizing Discursive Textual Analysis (DTA) as proposed by Moraes and Galiazzi (2016). The relevance of this study lies in its connection to the real world and its fostering of debates on pedagogical practices that account for the configurational flow of reality. As an Educational Product, it presents a digital booklet inspired by Lima (2019), which outlines the profile of these lives at IFAL and provides guidelines for an OnLIFE education.

Keywords: *OnLIFE* Lives; *OnLIFE* Education; Pedagogical practices; Social networks. Discursive Textual Analysis.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATD - Análise Textual Discursiva

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CEP - Comitê de Ética e Pesquisa

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

EMI - Ensino Médio Integrado

EPT - Educação Profissional e Tecnológica

IFAL - Instituto Federal de Alagoas

ONLIFE - Vida hiperconectada

PE - Produto Educacional

PLE - Ambiente Pessoal de Aprendizagem

PROFEPT - Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica

TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TD - Tecnologias Digitais

TDIC - Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1:	17
TDIC DENTRO E FORA DA SALA DE AULA: O AMBIENTE ONDE A PRÁTICA ACONTECE	17
1.1 A Era Digital e suas nuances.....	18
1.2 A tecnologia no âmbito da EPT.....	22
CAPÍTULO 02:	30
VIDA E EDUCAÇÃO EM UMA PERSPECTIVA ONLIFE	30
2.1 Educação Onlife.....	31
2.2 Vida OnLife.....	37
CAPÍTULO 03:	43
METODOLOGIA - CARÁTER CARTOGRÁFICO UTILIZANDO ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA	43
3.1 Descrição da Pesquisa.....	44
3.2 Documentos do curso técnico integrado de sistemas de informação(PPC) e a BNCC.....	50
CAPÍTULO 04:	55
ANÁLISE: SUJEITOS DA PESQUISA E A VIDA ONLIFE	55
4.1 Tratamento dos dados: análise gráfica.....	55
4.2 Tratamento dos dados: Análise Textual Discursiva.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	87
ANEXOS	90

INTRODUÇÃO

Estamos experienciando o linear de uma nova era, na qual possibilidades e desafios caminham lado a lado. Sobre essa realidade, digital concreta, Floridi (2015) personalizou a expressão OnLIFE (ser humano em uma era hiperconectada), que tem sua fundação no “Manifesto Onlife”, o qual, ainda segundo esse autor, representa um exercício de reengenharia de conceitos que possam contribuir no processo de compreensão e experiência de uma realidade que se renova.

Os argumentos apresentados e defendidos por Floridi (2015) sobre a vida OnLIFE giram na órbita da ideia central de que as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) afetam radicalmente a nossa condição humana e em consequência abalam os nossos quadros referenciais, ou seja, os conceitos que foram internalizados no ambiente onde crescemos, chamado cultura, que nos dizem quem somos, como devemos nos comportar, o que devemos buscar, o que devemos temer, desejar, o que é possível e o que não é possível. A cultura nos diz quem somos, funcionando como lentes nas quais vemos o mundo, só que a cultura varia no espaço e no tempo. Assim, a nossa realidade hoje é permeada pela cultura digital, que nos perpassa. Logo, precisamos expandir nossa visão, fazer uma revisão dos nossos paradigmas.

Para dar fundamentação ao nosso processo de investigação, recorreremos à análise da tecnologia partindo de proposições em conformidade com as bases da EPT. Superando o senso comum, que é pautado em um “tecnocentrismo” que conceitua a tecnologia apartada do agir humano, alicerçamo-nos na compreensão da tecnologia como algo parcial e sem identidade própria, mas capaz de condicionar comportamentos humanos.

Para Vieira Pinto (2005), a adequada posição sobre o conceito de tecnologia possibilita: a) aproximar-se da essência da técnica; b) visualizar o significado do seu papel; c) compreender a razão das grandes transformações experimentadas ao longo do tempo. (Costa e Silva, 2013, p.5)

Nessa perspectiva, vivemos na era da informação. Ou seja, o mundo digital é uma realidade do nosso século. Logo, negar esse contexto é parar no tempo, é estarmos submetidos aos avanços tecnológicos do século presente, com a mesma mentalidade do século passado. Desconsiderar essa realidade no nível individual já é uma temeridade, mas quando proliferam essa forma de pensar no âmbito educacional, na nossa prática

pedagógica, há implicações no processo de formação dos nossos jovens e nos impactos sociais gerados.

A esse respeito, um relatório divulgado pela *Hootsuite* e pela *We are Social*, no ano de 2021, afirma que o brasileiro passou em média nove horas e dezessete minutos conectado ao longo das 24 horas do dia. Se considerarmos que dormimos, em média, 8 horas por dia, das 16 horas que passamos acordados, calculamos que aproximadamente em 58% desse tempo estamos conectados. Para complementar, outro levantamento feito pela *App Annie* mostrou que dessas quase 10 horas, 4 horas e 8 minutos são dedicadas às redes sociais, nos *smartphones*, além de passarmos horas surfando pelas redes sociais, no *TikTok* e no *Instagram*, os *apps* mais baixados em 2021 e 2022. Assim, começamos a assistir a uma série na *Netflix* ou um vídeo no *YouTube* sem nem saber porque o conteúdo chegou à nossa lista de sugestões.

Estamos conectados com o mundo, a um toque das nossas mãos e o celular se tornou uma “extensão do nosso próprio corpo”. Logo, não podemos conceber, nos dias de hoje, que existam duas vidas, uma *on-line* e outra *off-line*, uma espécie de realidade paralela, pois as tecnologias digitais participam de todos os processos formais e informais que constituem as nossas vidas. Segundo Schlemmer (2021),

(...) torna-se sem sentido polarizar momentos on-line ou off-line, pois me constituo em ambos e até simultaneamente. Atualmente, vivo uma realidade hiperconectada resultante do hibridismo dos mundos físico, biológico e digital, numa sociedade OnLIFE. (Schlemmer, 2021, p. 46).

Logo, o cenário que experienciamos nos dias de hoje é o de vidas em rede, em uma sociedade conectada. Portanto, há a necessidade de uma educação OnLIFE e, mais especificamente, de práticas pedagógicas que partam e sejam construídas com base nesse princípio. Assim, entender esse contexto é fundamental para situar a pesquisa à realidade dos nossos tempos. Então, o que esses autores defendem é que não há vidas separadas, não há uma dimensão digital e uma analógica. Em vez dessa dicotomia, houve a integração traduzida na expressão OnLIFE. Segundo Schlemmer (2018),

No lugar dos binômios dualismos (sujeito-objeto, indivíduo-meio ambiente, off-line / on-line) e das centralidades (no conteúdo, no professor, no aluno), existe a rede, numa ecologia interativa que aponta para a necessidade de pedagogias conectivas, em rede. Para além de metodologias ativas e resolução de problemas, são **propostas metodológicas inventivas e invenção de problemas** (Schlemmer, 2018, p. 51).

Nesse sentido, a sociedade como um todo, mas principalmente os nossos jovens,

está imersa nesse universo digital, vivendo uma vida OnLIFE. Portanto, a relevância social e acadêmica dessa pesquisa se fundamenta quando busca estudar esse objeto do conhecimento não de forma isolada e estática, fora da validade do seu tempo, mas dentro de um processo dinâmico, que respeita, valoriza e parte da realidade concreta, histórica, social e geograficamente datada, em conexão com o todo.

Outro autor que contribui para os pressupostos teóricos dessa pesquisa é Meira (2021, p.15), quando se questiona: "Como é que esse modelo de aula [modelo ainda do século XIX] vai atualizando-se ao longo do tempo e sendo o mesmo? Ele vai assumindo novas características e continua o mesmo". Para ele, esse modelo de aula não cabe mais numa sociedade em rede, para sujeitos conectados, com vidas OnLIFE.

Ainda, podemos falar que a mudança tecnológica, ao longo do tempo e, em especial, nos dias de hoje, aliada a novas maneiras de pensar, de viver e de construir conhecimento, conjuntamente as tecnologias digitais, nos tem possibilitado vivenciar modelos antes inimagináveis. Elas estão transformando a forma de vivermos, de nos divertirmos, de nos comunicarmos, igualmente de trabalhar e de aprender a aprender. Essas modificações afetam todas as pessoas envolvidas nos processos de ensino e aprendizagem. Assim, a prática pedagógica passa pelo desenvolvimento tecnológico e as mudanças interferem diretamente na conduta de professores e alunos.

Nesse sentido, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), cuja fundação, na qual está alicerçada a construção e a sustentação das normativas que a compõem, estabelece dez competências, que têm como ponto de partida a "posição" de onde o aluno se encontra, a largada, que é variável. Desse modo, visa respeitar as diferenças, equalizando as distâncias e busca promover a equidade a todos, na tentativa de oferecer condições e oportunidades de desenvolvê-las, tendo como alvo a formação humana integral. Nesse sentido, Zabala (2021) argumenta que

Se fizermos uma leitura atenta, perceberemos que, em consonância com a estrutura dos quatro pilares da educação – aprender a saber, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver –, as competências definidas na BNCC desenvolvem esses quatro pilares, preponderantemente os relacionados ao saber fazer, ao saber ser e ao saber conviver. (Zabala, 2021, pág. 72).

Na Educação Profissional Tecnológica (EPT), mas, especificamente no Ensino Médio Integrado, o próprio nome, que constitui o fundamento da sua criação, é o de uma

educação integral, holística, que contemple todas as dimensões do ser humano, combatendo a dualidade, de um lado o Ensino Médio e do outro a Educação Profissional. Essa sempre foi sua posição diante da realidade concreta que se apresenta. Por essa perspectiva, a nossa prática pedagógica não deve assumir uma conduta desconectada do nosso tempo, que possa separar vidas, sociedades e Educação de uma realidade na qual todos estamos imersos, vivendo vidas OnLIFE.

Diante dos desafios e possibilidades gestados através de nossas experiências nessa era hiperconectada, podemos pensar a criação de práticas pedagógicas concatenadas com o que está posto, não de forma passiva, mas por meio de um processo reflexivo capaz de questionar, inclusive, a própria realidade presente. É sobre isso que vamos tratar.

Ainda de acordo com Floridi (2015), as nossas ações, as nossas percepções, a nossa moralidade e o nosso próprio corpo estão entrelaçados às tecnologias, num contexto global. Essa é a possibilidade de tecer um diálogo entre vida e educação, mediada por correlações de causas e efeitos, diante das transformações e impactos gerados pela implantação das TDIC e sua adesão pela sociedade.

Nesse sentido, surgiu o problema de pesquisa, que pode ser expresso através da seguinte pergunta: Que tipo de comportamento esta sociedade hiperconectada nos exige no processo de condução da vida e como fomentá-lo através da nossa prática pedagógica? Esse questionamento emergiu a partir da seguinte hipótese: Essa realidade OnLIFE, na qual vivemos, projeta novos desafios na nossa prática, enquanto professores.

Por possuir esse caráter hermenêutico, que busca formar novas compreensões, a pesquisa faz uso do método cartográfico, cujos procedimentos metodológicos estão descritos em Barros, Kastrup e Escóssia (2015) e Kastrup (2021) e da análise textual discursiva (ATD), desenvolvida por Moraes e Galiuzzi (2016).

Nesta pesquisa temos como objetivo geral **analisar o comportamento expresso nas interações digitais dos discentes e a percepção dos docentes sobre esse fenômeno, visando fomentar a construção de práticas pedagógicas alinhadas ao contexto da educação OnLife.**

E, a partir deste estudo, produzir uma cartilha de práticas pedagógicas no

contexto de vidas onlife.

Os objetivos específicos são expressos da seguinte forma:

- Promover uma compreensão mais profunda nas relações sociais hiperconectadas;
- Compreender a percepção dos estudantes sobre redes sociais digitais como elemento orientador de construção de práticas pedagógicas;
- Analisar através da Análise Textual Discursiva (ATD), as percepções docentes e discentes sobre os desafios da hiperconexão e sua relação com os processos de ensino e aprendizagem;
- Correlacionar as diretrizes da BNCC e do PPC do curso com os princípios da educação OnLife;
- Desenvolver um Produto Educacional (PE), na modalidade cartilha, fundamentado nos resultados da pesquisa, que discuta princípios e orientações para práticas pedagógicas que fomentem a inventividade, a cocriação e a colaboração como fundamentos de uma educação OnLife.

Os resultados dessa construção estão distribuídos e organizados em 4 capítulos. No primeiro, apresentamos, dentro de um panorama mais amplo, a concepção teórica de tecnologia e, em seguida, num contexto mais específico, trazemos essa discussão para o âmbito da EPT.

No segundo, problematizamos e refletimos sobre o enquadramento da educação nessa nova realidade, pela lente da nossa era hiperconectada, e, num âmbito mais geral, a vida onlife, na qual vivemos.

No terceiro capítulo, fazemos uma síntese sobre o caráter cartográfico fundamentado na ATD. Descrevemos os procedimentos adotados e as práticas realizadas na pesquisa. Vamos propor, também, um diálogo entre a BNCC e o PPP do curso técnico de nível médio integrado em Desenvolvimento de Sistemas do IFAL, mediado pelos princípios da educação onlife.

O quarto capítulo: “Análise: sujeitos da pesquisa e a Vida Onlife”, foi dividido em dois subcapítulos: no primeiro efetuamos uma análise gráfica e no segundo uma análise textual discursiva que resulta na produção dos metatextos.

Ao findar este trabalho, fazemos uma retrospectiva deste estudo, ressaltando

seus pilares de sustentação, os resultados alcançados e as limitações encontradas.

CAPÍTULO 1:

TDIC DENTRO E FORA DA SALA DE AULA: O AMBIENTE ONDE A PRÁTICA ACONTECE.

“Educação é um processo permanente, amplo e aberto. As escolas deveriam abolir a palavra formatura, porque isso cria a ilusão de que, em algum momento, estamos prontos e não precisamos aprender mais. A vida é um rio que flui ininterruptamente. Assim deve ser a educação. Cada momento, cada relacionamento, cada experiência deve servir ao processo único de desenvolver nossa consciência e nos permitir um agir mais acordado na vida. Para o desenvolvimento de uma disciplina perene, não há ponto de chegada. O desenvolvimento constante e continuado é o que garantirá a permanência no caminho escolhido. A vantagem é que quanto mais conhecemos sobre o processo, mais esse tema forma em nós, até o ponto em que não há mais distância entre o processo e a prática.”

(Magalhães, 2012, p.25)

Para buscarmos subsídios de embasamento que nos conduzam a um processo reflexivo, ao depararmos com as nuances da nossa realidade digital que nos perpassam e instigam, questionamos: que tipo de comportamento esta sociedade hiperconectada nos exige no processo de condução da vida e como fomentá-lo através de nossa prática pedagógica?

Para esse estudo, analisaremos os conceitos teóricos desenvolvidos em torno desse ponto central: a sociedade OnLife. Para atingirmos nosso intento, temos como objetivo analisar o comportamento expresso nas interações digitais dos discentes e a percepção dos docentes sobre esse fenômeno, visando fomentar a construção de práticas pedagógicas alinhadas ao contexto da educação OnLife.

Inicialmente, faz-se necessário compreendermos a conceituação de tecnologia através de uma análise crítica de seu processo de construção e implicação da ação humana. Para tal, estabelecemos, no capítulo 1.1, um diálogo entre as ideias de Costa e

Silva (2013), em seu artigo “Tecnologia, educação e tecnocentrismo: as contribuições de Álvaro Vieira Pinto”, e Lima Filho (2023), em “A inter-relação entre trabalho, tecnologia, ciência e cultura como base para a formação integral na Educação Profissional e Tecnológica”. Em um segundo nível, no capítulo 1.2, especificamos essa discussão inter-relacionando as ideias de Jacon (2017), no artigo “Práticas Pedagógicas na Educação Profissional Tecnológica: reflexões à luz de correntes teóricas modernas e contemporâneas”, Kuenzer (2016), em “Trabalho e escola: a aprendizagem flexibilizada”, e Machado (2013), em “Saberes Tecnológicos, Teoria da Atividade e processos pedagógicos”.

1.1 A Era Digital e suas nuances

Enquanto Costa e Silva (2013) transita mais no campo das ideias, alertando para os perigos de uma visão acrítica do conceito de tecnologia, Lima Filho (2023) busca significar esses conceitos através de uma formação integral vinculada aos princípios práticos da Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Essa fundamentação é essencial para investigarmos como as práticas pedagógicas no Ensino Médio Integrado podem superar uma visão instrumental do uso das redes sociais.

Para buscarmos uma melhor compreensão das determinações implícitas e explícitas através do termo Era Digital (frequentemente associado à hiperconectividade da vida OnLife), recorreremos às ideias de Vieira Pinto, por intermédio de Costa e Silva (2013), que conceitua a essência da tecnologia. Ao examinar a forma como as pessoas são predominantemente condicionadas a percebê-la, o autor nos apresenta quatro maneiras de expressar o sentido da tecnologia que nos ajudam a desvelar as concepções de docentes e discentes sobre o fenômeno digital.

A primeira refere-se à **tecnologia como epistemologia da técnica**, ou seja, o conhecimento científico baseado em uma ciência que tem como objeto de estudo a técnica. A tecnologia está, portanto, em todas as ferramentas que o homem usa. Para Vieira, há um perigo quando substantivamos o adjetivo “modo de fazer”, uma qualidade que não só é inerente ao homem, mas exclusiva dele: o projetar e o agir consciente. Ao transferirmos essa qualidade para a máquina, é como se tirássemos do homem a responsabilidade e a finalidade da materialização de sua própria projeção. Segundo o artigo, a confusão não é natural, existem interesses econômicos que financiam esses pseudoconceitos que são incutidos no nosso subconsciente e que muitas vezes

naturalizam o uso acrítico de plataformas como Instagram e TikTok dentro e fora do ambiente escolar.

A técnica, na qualidade de ato produtivo, dá origem a considerações teóricas que justificam a instituição de um setor do conhecimento, tomando-a por objeto e sobre ela edificando as reflexões sugeridas pela consciência que reflete criticamente o estado do processo objetivo, chegando ao nível da teorização. Há sem dúvida uma ciência da técnica, enquanto fato concreto e por isso objeto de indagação epistemológica. Tal ciência admite ser chamada de tecnologia. (Vieira Pinto, 2005, p. 220)

A segunda refere-se a tecnologia como sinônimo de técnica. Essa equivalência conceitual da ciência com o seu objeto de estudo, visa transformar um campo do saber que é crítico na mera descrição de aparelhos. O conceito de técnica deve estar relacionado ao homem e não à máquina, até porque a máquina carrega dois sentidos: sua expressão dinâmica é caracterizada pela projeção humana e sua conotação estática é caracterizada quando a desligamos. Isso evidencia que todo aspecto existente é humano.

O terceiro conceito está relacionado a um aspecto global, entendendo tecnologia como o conjunto de todas as técnicas que uma sociedade possui. Este conceito, segundo Vieira Pinto, nos traz a possibilidade de interpretar tecnologia como o conjunto de técnicas mais desenvolvidas. Isso pode gerar uma ideia errônea de que a tecnologia é exclusividade dos países desenvolvidos. Comparar de forma simplista as nações é equivocado, pois não se pode classificar países como superiores a outros pelo desenvolvimento tecnológico. Entendê-los como os únicos modelos existentes é um problema, pois não existe sociedade sem tecnologia. Isso tipifica uma transposição de tecnologia que não leva em consideração os aspectos culturais e valores que caracterizam determinada sociedade. Vieira Pinto enfatiza que o verdadeiro desenvolvimentismo consiste em investir no homem, não na máquina.

Vieira Pinto em nenhum momento se opõe ao progresso tecnológico, pois ele o enxerga como o progresso do próprio homem. Quanto mais máquinas desenvolvidas tivermos, mais evoluído estará o homem, pois isso é um reflexo de um pensamento mais evoluído. No entanto, essa evolução exige uma apropriação crítica, fundamental para que docentes e discentes não sejam meros consumidores passivos da cultura digital.

Relacionada ao quarto conceito, temos a noção de tecnocentrismo. A

ideologização da máquina é uma visão acrítica. Isso faz com que os trabalhadores enxerguem a tecnologia como algo superior.

Para Vieira Pinto, o tecnocentrismo pode ser entendido como a absolutização do paradigma tecnológico. A tecnologia torna-se central, determinando comportamentos e valores. Um exemplo claro é a dependência do celular. No tecnocentrismo, há o perigo de que toda a vida humana seja regida pela racionalidade tecnológica. Isso cria uma mentalidade “tecnologista”.

Costa e Silva (2013) aponta as duas extremidades geradas a partir da “antropomorfização da técnica e a tecnificação do homem”:

Se, de um lado, há aqueles extremamente céticos, denominados tecnófobos, de outro, há os que veem de forma profundamente positiva a tecnologia, considerados tecnófilos. Ambos, contudo, enxergam-na como uma grande força que determina a própria sociedade – isso é o que muitos filósofos da tecnologia (Feenberg, 2001; Klinge, 2000; entre outros) denominam tecnocentrismo. (Costa e Silva, 2013, p. 841)

Para os tecnófilos, as tecnologias detêm a propulsão de resolver todos os problemas da sociedade. Essa absolutização dá um poder ilusório que projeta a tecnologia como idealizadora do progresso. O que vai definir se as máquinas vão resolver ou criar problemas é justamente a finalidade que o homem as dá. Do lado oposto, os tecnófobos são caracterizados por um medo irracional que paralisa e impede a pessoa de adentrar nesse universo digital constituído por essas novas tecnologias, inibindo as possibilidades que este universo tecnológico nos oferece. Ambas as posturas representam desafios para a construção de práticas pedagógicas que integrem a vida OnLife de forma equilibrada e crítica.

O termo “Era Digital” deve ser percebido de maneira crítica. Trazendo para a nossa realidade, podemos inferir que essa nomenclatura “Era Digital”, pode ser melhor analisada à luz dos conceitos de tecnologia trazidos por Vieira Pinto. O autor evidencia que qualquer produção humana carrega em si um processo histórico que muitas vezes é negligenciado. Quando se fala de era tecnológica, há implícito uma ideia de desconsiderar as eras anteriores. Esse estudo nos exorta a sairmos da superficialidade que desconsidera o agente criador e atribui as implicações sociais geradas ao próprio objeto. Ao contrário do que é vinculado por muitos discursos de que “vivemos na era da

tecnologia”, a técnica sempre existiu junto com o homem.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Lima Filho (2023) organiza suas ideias fazendo uma análise que parte de uma perspectiva meramente técnica para uma construção de pensamento crítico no âmbito da EPT. O autor aponta quatro elementos basilares indissociáveis que nos dão uma direção sobre a base da formação humana que caracterizam a essência da Educação, Profissional e Tecnológica:

O primeiro item é formado pelo trabalho, que consiste no ato pelo qual o homem transforma a realidade em que vive. Usando Álvaro Vieira Pinto de subsídio, o autor define o trabalho como expressão da ação humana de constituição de si e da realidade. O segundo é a tecnologia. Em comum acordo com Costa e Silva (2013), afinal ambos se embasam em Álvaro Vieira Pinto, Lima Filho (2023) sintetiza o conceito como “**memória social do fazer novo**”. O próximo é a ciência, aspecto que, segundo o autor, fundamenta o uso da tecnologia e fornece subsídios ao homem para que se posicione na realidade. O quarto elemento é a cultura, caracterizado por Lima Filho como a “**memória social do trabalhar**”, ou seja, como ele se posiciona e produz a sua história. Esses elementos são fundamentais para compreendermos como a cultura digital e a hiperconectividade reconfiguram as relações de trabalho e aprendizagem.

O autor se baseia no conceito de formação omnilateral de Marx: o homem não deve ser formado apenas para fazer, mas também para compreender e transformar a realidade. Para ele, essa formação é caracterizada por três conceitos: Educação Intelectual, como o acesso a todos os saberes que devem ser dominados pelo homem; Educação Tecnológica, como perfeita articulação entre teoria e prática; e Educação Física, como o desenvolvimento do corpo para além do gesto repetitivo. Tal perspectiva reforça a necessidade de uma educação que considere o estudante em sua totalidade, incluindo suas vivências digitais.

Nessa perspectiva, o pensamento de Floridi (2015) não contradiz as ideias de Vieira Pinto, expressas por Costa e Silva (2013) e Lima Filho (2023), segundo as quais a dinâmica expressa pela máquina é imprimida pela projeção da ação da vida humana. Para Floridi, essa projeção alcançou tal magnitude, que passou de um mero instrumento (ferramenta de uso) para se tornar uma “força ambiental” (meio onde vivemos). O ser humano construiu um ambiente tecnológico que, dialeticamente, reconfigura a própria condição humana e os processos educativos (contexto que define a condição OnLife

investigada nesta pesquisa).

1.2 A tecnologia no âmbito da EPT

Após analisarmos os vários conceitos de tecnologia estudados por Vieira Pinto, expressos por Costa e Silva (2013) e Lima Filho (2023), vamos concentrar nossa atenção na relação estabelecida entre esse campo do conhecimento e as concepções pedagógicas da EPT. Para situar essa discussão no contexto da formação integral e do uso crítico das tecnologias digitais (TD) como elementos centrais para compreendermos a vida OnLife dos nossos discentes, traçamos um diálogo entre as perspectivas históricas e as demandas contemporâneas da educação.

Para isso, estabelecemos uma interlocução entre Machado (2013), cujo objetivo versa em: “despertar a atenção e estimular o debate educacional sobre a inserção de saberes tecnológicos no sistema escolar e em currículos”, e Jacon (2017), que objetiva: “Analisar e refletir sobre a prática pedagógica na educação profissional tecnológica à luz de correntes teóricas modernas e contemporâneas”. Essa articulação é fundamental para compreendermos como a fragmentação do saber impacta a apropriação das ferramentas digitais no Ensino Médio Integrado.

Com base nesse contexto histórico, Jacon (2017) propõe uma reflexão sobre a influência de correntes modernas e contemporâneas no universo educacional. Para ela, essa linha cronológica das teorias modernas é demarcada a partir do movimento iluminista do século XVIII, que tem como base o poder da razão, a separação do sujeito e objeto, a expansão e especialização de disciplinas, ou seja, um processo de compartimentalização, de fragmentação do próprio conhecimento. Podemos fazer alusão às características inerentes ao cartesianismo, tais como esse distanciamento do sujeito com o objeto que está sendo investigado, essa busca pela objetividade e, conseqüentemente, essa necessidade de se distanciar do objeto investigado, para que não haja nenhum tipo de interferência de nossas crenças e representações que possam influenciar no processo de análise dos resultados.

Em contraponto a essa fragmentação que muitas vezes impede uma abordagem integrada das vivências digitais, Machado (2013) busca caminhos para reintegrar o fazer e o saber no currículo, definindo saberes tecnológicos como aqueles que buscam refletir o ato de produzir, ou seja, a reflexão sobre o trabalho. O grande questionamento que

norteia o artigo é como incorporar o saber do trabalho na formação humana.

A autora fundamenta suas análises com base em quatro autores: Camilloni (2006), Haudricourt (1964), Leontiev (1983) e Ginestié (2000), trazendo dois pilares que enriquecem a análise. O primeiro pilar é caracterizado pela dicotomia clássica do saber, que Camilloni (2006) nomeia de estratificação, ou seja, a separação entre o manual e o intelectual que se relaciona e contribui com a legitimação de uma ordem social marcada por essa divisão. Logo, essa estratificação de saberes faz parte e fomenta uma sociedade desigual caracterizada pela divisão social do trabalho.

Essa dicotomia, portanto, enfrenta limites diante da complexidade da sociedade atual. Conforme Jacon (2017), as teorias modernas começam a se revelar insuficientes para a abordagem, por exemplo, de objetos de estudo que são muito complexos, como a cultura, o próprio ser humano e a própria educação. No contexto desta pesquisa, essa insuficiência se manifesta na dificuldade de lidar com a fluidez das interações em redes sociais como Instagram e TikTok dentro de estruturas curriculares rígidas. Logo, se utilizarmos da ciência, nesse viés moderno, de fragmentação, de não diálogo entre os campos disciplinares, possivelmente, serão estudos incompletos, com diversas lacunas, devido à complexidade desses objetos. Portanto, para a abordagem de objetos complexos, essas teorias modernas se revelam insuficientes, surgindo, portanto, as perspectivas pós-modernas. Para Jacon (2017):

A flexibilidade é colocada como condição sine qua non, para uma prática pedagógica promotora de desenvolvimento de competências, habilidades e comportamentos requeridos à preparação de indivíduos flexíveis para ingresso ao mundo do trabalho [...]. Em geral, os docentes apresentam dificuldades em se desvencilhar de práticas tradicionais e rotineiras e de se apropriar cognitivamente e instrumentalmente de novas metodologias e de novas tecnologias da informação e comunicação. (JACON, 2017, p. 735)

Buscando preencher essas lacunas e promover uma maior integração curricular, Machado (2013) propõe como forma de inserir os saberes tecnológicos na escola, quatro estratégias. A primeira consiste na incorporação de mais formação acadêmica nos currículos das escolas técnicas. A segunda, como inverso da primeira, exige mais formação tecnológica nas escolas secundárias gerais. A terceira se refere à adoção de organização curricular num trabalho conjunto de professores de disciplinas acadêmicas e professores de conteúdos tecnológicos. A quarta sugere a integração curricular da

formação acadêmica e tecnológica. Apesar dos esforços, ela afirma que ainda persistem os problemas da oposição entre saberes acadêmicos e técnicos e do viés depreciador da formação para o trabalho.

Essa demanda por novas estratégias curriculares é reflexo de transformações mais amplas no mundo do trabalho. Para Jacon (2017), com a reestruturação do modo de produção capitalista, principalmente a partir de 1970, quando o modelo taylorista fordista entra em crise e tem uma reestruturação, ganha destaque a informatização, o modelo japonês: o toyotismo. Assim, essas mudanças advindas do campo econômico vão se refletir no campo educacional, com teorias pedagógicas que vão assimilar essa nova estrutura.

Sob tais argumentos, enquanto nas teorias pedagógicas modernas temos uma rigidez maior, nas pós-modernas, temos uma flexibilidade, surgindo a possibilidade de trabalharmos com aquilo que é fluido, com aquilo que é instável. Essa flexibilidade é como se fosse uma exigência imposta tanto aos professores como também aos indivíduos que são formados por esses professores. Essa competência é uma necessidade requerida pelo mundo do trabalho, que é diverso e dinâmico. Ou seja,

A compreensão da natureza mutável do trabalho perpassa pela capacidade dos atores na identificação e aplicação de conhecimento que gere inovação tecnológica e aumento da capacidade produtiva. No que diz respeito à formação de indivíduos para o front de trabalho no século XXI, há um redesenho da função da educação profissional e tecnológica: formação do cidadão nas dimensões éticas, sociais e ambientais, que se relacionam à capacidade do educando de se inserir nas relações sociais, interagir com o ambiente e transformar a realidade. (JACON, 2017, p. 735)

Diante dessa exigência por flexibilidade e das transformações no mundo do trabalho, Acacia Kuenzer (2016) faz um contraponto a essa realidade expressa por Jacon (2017), não no sentido de negação, mas de aprofundamento, por meio de uma análise crítica **das** bases materiais que lhe deram origem, partindo da prática (a realidade digital contemporânea) manifesta na aprendizagem flexibilizada. Para isso, faz uso da mediação do campo teórico do materialismo histórico-dialético. Conforme a autora, em princípio:

“Essa concepção seria resultante do avanço da base microeletrônica; reduzi-la, contudo, a essa dimensão, é uma simplificação que atende apenas a interesses de caráter ideológico. A análise acurada dessa proposta, para ser adequada,

precisa buscar suas raízes nas bases materiais que a geraram, o que extrapola os limites da tecnologia, atingindo as relações de produção que configuram o regime de acumulação flexível, cimentado pela ideologia pós-moderna.” (Kuenzer, 2016, p. 2)

Kuenzer (2016) propõe a necessidade de um movimento de retorno, de conscientização, que promova a elevação do sujeito da condição de refém à de protagonista no processo de construção individual e social da realidade. Para isso, a autora utiliza a relação indissociável entre trabalho e escola para dissecar o conceito de aprendizagem flexibilizada. “Para conhecer é preciso superar o que é aparente, para compreender as relações, as conexões, as estruturas internas, as formas de organização, as relações entre parte e totalidade, as finalidades, que não se deixam conhecer no primeiro momento.” (Kuenzer, 2016, p. 7)

Ao abordar a aprendizagem flexibilizada, a autora fundamenta-se no toyotismo. Nesse modelo produtivo, o trabalhador que tinha uma formação rígida, pautada em desempenhar apenas uma função específica, passa a ter uma formação mais abrangente que possibilite atuar em diversos setores, exercendo diferentes funções. “Daí o caráter “flexível” da força de trabalho; importa menos a qualificação prévia do que a adaptabilidade” (Kuenzer, 2016, p. 5). Essa flexibilidade formativa não se limita à questão curricular, abrangendo, a partir do advento das TDs, o fomento da autonomia do aprendiz que passa a ser protagonista de seu próprio processo de aprendizagem, ressignificando a própria configuração espacial e temporal.

“Diferentemente do que ocorria no taylorismo/fordismo, onde as competências eram desenvolvidas com foco em ocupações previamente definidas e relativamente estáveis, a integração produtiva se alimenta do consumo flexível de competências diferenciadas, que se articulam ao longo das cadeias produtivas. Estas combinações não seguem modelos pré-estabelecidos, sendo definidas e redefinidas segundo as estratégias de contratação e subcontratação que são mobilizadas para atender à produção puxada pela demanda do mercado.” (Kuenzer, 2016, p. 4)

A principal característica do toyotismo consiste na transferência progressiva do trabalho intelectual desempenhado pelo homem para as máquinas, ou seja, o trabalho morto (as máquinas) substituindo o trabalho vivo (o homem).

Para Kuenzer (2016), na construção do conhecimento, o ponto de partida não é

ontologicamente idêntico ao ponto de chegada, pois, mediante esse processo, o pensamento se torna capaz de ultrapassar o senso comum. O conteúdo, inicialmente aprendido de forma fragmentada, passa a se reintegrar no todo, de modo que o ponto de chegada torna-se novo ponto de partida para a construção de outros conhecimentos.

Essa visão crítica de Kuenzer (2016) dialoga intimamente com a proposta de Machado (2013) de buscar caminhos para reintegrar o fazer e o saber no currículo. Se o regime de acumulação flexível tenta reduzir o trabalhador a uma mera peça adaptável às demandas do mercado, a escola precisa atuar como um espaço de emancipação, onde o sujeito compreenda a totalidade dessas relações de produção. Para compreendermos como essa formação integral se consolida e se materializa nas práticas, inclusive nas que são mediadas pelas tecnologias digitais, recorreremos à Teoria da Atividade. Para aprofundar a compreensão sobre a atividade humana nesse contexto, citando Leontiev (1983), Machado (2013) aborda as diversas circunstâncias às quais a atividade está submetida:

Ainda segundo Leontiev, do ponto de vista da sua composição, a atividade é composta por ações, seus elementos fundamentais. Para ele, “do mesmo modo que o conceito de motivo se relaciona com o conceito de atividade, assim também o conceito de objetivo se relaciona com o conceito de ação”. (MACHADO, 2013, p. 86)

Nesse contexto, a estrutura da teoria da atividade é composta por três níveis: atividade, ação e operação. O primeiro se relaciona com o motivo, o segundo com a intencionalidade e o último necessita de condições para exteriorizar a elaboração interna dos níveis anteriores. Aplicando ao nosso objeto de estudo, podemos pensar na interação em redes sociais: a atividade seria a comunicação social (motivo: pertencimento); a ação seria postar um conteúdo (objetivo: compartilhar); e a operação seria o ato técnico de manusear o smartphone (condição material).

No entanto, essa transição para novas práticas enfrenta desafios. De acordo com Jacon (2017, p. 735), “o mundo globalizado provoca nos educadores uma constante tensão provocadora de reflexões sobre como transpor para uma prática contemporânea sem que haja a (des)construção de saberes cristalizados na experiência”. Esse mundo conectado traz consigo a necessidade dessas teorias pós-modernas. Obviamente, isso vai fazer com que o professor se choque com o próprio conhecimento adquirido, porque provavelmente o adquiriu via ensino tradicional, de viés modernista. A esse respeito,

Moran (2000) diz que o ato de educar no mundo contemporâneo está para:

[...] colaborar para que professores e alunos, nas escolas e organizações transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional, do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e de trabalho e tornar-se cidadãos realizados e produtivos. (MORAN, 2000, p. 57)

Para Jacon (2017), o que temos são práticas diversificadas continuamente. Questiona-se: Por que essas práticas devem ser diversificadas? Porque a própria sociedade está mudando, está em constante transformação, e a isso se soma o fato de que esse mundo globalizado é caracterizado pela fluidez, pela instabilidade, pelas transformações abruptas, características intrínsecas à vida OnLife. Portanto, é importante que o professor tenha isso em mente. Para ela:

Problemas decorrentes de conteúdos desarticulados não são únicos. Fartes e Santos (2011, p. 379) descrevem outros problemas vivenciados na educação profissional e tecnológica devido ao fato de boa parcela de seus professores possuírem formação superior em áreas técnicas, portanto não trazem em sua bagagem curricular aportes necessários à reflexão pedagógica. (JACON, 2017, p. 737)

Na perspectiva da EPT, boa parte de seus professores possuem formação superior em áreas técnicas, ou seja, tem formação voltada para o conteúdo específico. No entanto, no que diz respeito às questões pedagógicas, justamente aquelas referentes à prática do professor, isso é uma grande lacuna. Para a pesquisadora:

Pode-se inferir que, tomando por empréstimo a proposta de análise apresentada por Basso (1998, p. 2), que o trabalho docente se encontra estruturado nas condições subjetivas (formação do professor) e objetivas (condições de trabalho, organização da prática, participação no planejamento escolar e remuneração). A condição subjetiva é “complexa”. Se faz necessária a ampliação do campo de análise. (JACON, 2017, p. 737)

Nesse sentido, a autora faz referência à importância de formação continuada. Talvez, o mais indicado nesse caso fosse repensar a formação inicial, pois muitos professores se fecham para novos aprendizados, terminando os cursos superiores com o pensamento que estão acabados, no sentido de estarem completos, não precisando

aprender novos conteúdos. Essa postura é um problema diante dessa necessidade de flexibilização exigida pela cultura digital e de estar em constante movimento. Conforme Jacon (2017):

Verifica-se mesmo que após a formação continuada, alguns docentes não reinventam suas práticas por diversos motivos, vale destacar a dificuldade de intervenção da equipe gestora da unidade de ensino pela falta de mecanismos de ação junto ao docente em função da “posição”, demarcação e ocupação de espaços de poder. (JACON, 2017, p. 737)

Com base na pesquisadora, podemos considerar que a prática docente é uma atividade complexa, não no sentido de ser difícil ou complicada, mas pelo fato de termos aqui entrelaçados diversos contextos. Portanto, refletir sobre o ato de ensinar e de aprender é estudar uma complexidade de contextos articulados. O cenário atual de profundas mudanças tem recebido diversas denominações, quais sejam, sociedade moderna, pós-industrial, pós-mercantil e sociedade do conhecimento, entre outras. Nessa conjuntura, as mudanças nos paradigmas do conhecimento e em relação à formação de sujeitos críticos necessitam de práticas inovadoras, denominadas de contemporâneas, que são, na verdade, contestadas na sua proposta, pelo fato de serem uma releitura das teorias modernas.

Para instrumentalizar essa prática na EPT, Machado (2013), embasada em Ginestié (2000), ressalta que a trilogia que fundamenta a educação profissional tecnológica é composta pela atividade, pela linguagem e pelo objeto.

Para Ginestié, é a técnica que diferencia a atividade, a linguagem e o objeto e confere a cada um sua importância. Das interações entre esses três elementos são produzidas as significações. É por isso “que um objeto científico é diferente de um objeto técnico ou que uma atividade literária é diferente de uma atividade técnica ou que uma linguagem popular não tem nada a ver com uma linguagem técnica”. (GINESTIÉ, 2000, s/p). (MACHADO, 2013, p. 89)

Para que essa trilogia seja aplicada na EPT, é necessário entender, conciliar e organizar esses elementos que compõem a técnica. O resultado depende da especificidade de cada elemento. Podemos citar como exemplo a produção de conteúdo digital. O dispositivo e as plataformas utilizadas, as condições materiais, ditam de modo geral como a atividade se dá. O motivo pelo qual desenvolvemos a função, rege a dinâmica do próprio ato de postar. A linguagem utilizada, a estética visual e a forma de organizar

uma ideia, dependem da individualidade de cada autor.

Com base no exposto acima, entendemos que as transformações tecnológicas do mundo globalizado alteram constantemente os objetos. Nesse cenário, o artigo de Jacon (2017) enfatiza que as práticas pedagógicas contemporâneas, se veem impotentes em meio à rapidez das mudanças:

Na verdade, as teorias educacionais modernas e contemporâneas se amalgamam na proposição de teorias e diagnósticos sobre a prática pedagógica, sobretudo, pela impotência de atender às demandas sociais, tecnológicas, econômicas e culturais em um mundo de constantes mudanças. (JACON, 2017, p. 743)

No mundo da informação, onde o desenvolvimento da ciência se dá de forma muito acelerada, essas teorias não conseguem acompanhar o ritmo das mudanças nas máquinas (que são construídas com propósitos definidos) e suas derivações sociais. Apesar de tecnológica, a educação não deve estar pautada em dispositivos eletrônicos. O foco deve ser a capacidade criativa do professor de articular práticas inventivas. Conforme Jacon (2017, p. 745), “Acredita-se que o conhecimento sistematizado em rede e a criatividade são (e serão) os insumos necessários à formação do capital intelectual docente”. Ou seja, nessa abordagem, os docentes devem ser profissionais criativos e flexíveis sobretudo. Fazendo uma analogia com os elementos da trilogia da atividade, conclui-se que o grande diferencial é a busca por uma linguagem mais criativa.

Assim, para termos uma educação integral e humanizada, Machado (2013) nos orienta nessas quatro vertentes: os saberes que nos levam à compreensão dos fundamentos científicos (o porquê); a tecnologia que trabalha no âmbito das ideias e dos processos (o quê); a teoria da atividade, que situa a aplicação prática no contexto social e do trabalho; e a trilogia da atividade, que nos fornece “ferramentas” práticas que integram a EPT.

No capítulo que segue, inicialmente, retomamos a reflexão que tivemos com Costa e Silva (2013), Lima Filho (2023), Machado (2013), Jacon (2017) e Kuenzer (2016), a respeito da tecnologia e sua relação com a EPT e, assim, problematizamos o conceito de vida OnLife. Em razão disso, propomos pensar acerca da educação OnLife não apenas como um novo método, mas como uma possibilidade de formação inventiva para uma concepção de educação que responda às problemáticas da hiperconectividade aqui apresentadas.

CAPÍTULO 02:

VIDA E EDUCAÇÃO EM UMA PERSPECTIVA ONLIFE

Um exílio virtual. Uma cultura digital. Um mundo que está dentro de aparelhinhos e que traz à tona um fosso enorme que as casas possuíam e, ao mesmo tempo, amplia e aprofunda esse fosso. As redes sociais digitais advertem que a nossa maneira de diálogo com nossos filhos e filhas está falha, pois eles preferem passar horas do seu dia jogando, teclando, vendo séries, conversando com amigos virtuais, a estar com a gente, a sentar com a gente.

(Ferreira, 2023, p. 30)

No capítulo anterior, adentramos no conceito de tecnologia fundamentado em Vieira Pinto e expressos por Lima Filho (2023) e Costa e Silva (2013), que a define como uma ciência que tem como objeto de estudo a técnica, que consiste no ato humano de produção da realidade. Seguindo nessa linha de pensamento, Jacon (2017) e Machado (2013) traduzem esses conceitos em ações práticas inerentes ao campo pedagógico. Enquanto a primeira ressalta a impossibilidade de a escola acompanhar a velocidade das mudanças tecnológicas, demandando a conscientização de uma prática flexível e em rede, a segunda, apoiada em Ginestié, destaca a “trilogia atividade, linguagem e objeto” como fundamento da educação tecnológica, na qual a linguagem assume papel central ao formalizar a ação técnica e atribuir sentido ao ato pedagógico.

Neste capítulo, vamos discutir a possibilidade de uma educação OnLIFE, como formação inventiva, e problematizar o que é a denominada vida OnLIFE, nessa realidade hiperconectada, na qual vivemos. Para isso, concentramos nosso pensamento em uma indagação, que nos é recorrente: que tipo de comportamento esta sociedade hiperconectada nos exige no processo de condução da vida e como fomentá-lo através de nossa prática pedagógica? Após um longo processo, consolidamos nosso objetivo de pesquisa que consiste em analisar o comportamento expresso nas interações digitais dos discentes e a percepção dos docentes sobre esse fenômeno, visando fomentar a construção de práticas pedagógicas alinhadas ao contexto da educação OnLife.

Neste capítulo, apresentamos uma reflexão acerca da realidade digital contemporânea. Discorreremos sobre como experienciamos este tempo marcado pela conectividade, as transformações decorrentes e seus impactos. Analisamos essa nova forma de pensar e viver, problematizando como podemos pensar educação nesse novo contexto. Partimos da vida, caracterizada por uma estrutura em rede, haja vista que não há outro lugar de onde partir.

Dessa maneira, não se trata de estar ou não conectado, pois não é uma mera questão de escolha: os impactos das transformações da realidade concreta da nossa era hiperconectada independem se estamos dispostos ou não a vivenciá-los. Apesar da convicção de que a tecnologia é fruto da ação humana, corremos o risco de nos tornarmos seus reféns quando a tomamos como um fim em si mesma, ignorando que ela carrega propósitos socialmente estabelecidos. A forma como a experienciamos depende do conhecimento (prático ou teórico) das suas realidades, possibilidades e riscos que são inerentes à sua própria natureza, aspecto que determina o nosso proceder diante delas, sobre como potencializamos suas realidades presentes, possibilidades futuras e minimizamos os riscos em nossas vidas.

Desse modo, podemos nos perguntar: como poderíamos caminhar para frente se nossa direção aponta para o passado, estando de costas para o futuro? Ao entendermos tempo como sinônimo de vida, torna-se um paradoxo tentar investir em um estado desconectado do outro.

Em função do exposto acima, delineamos a seguinte estrutura organizacional: No primeiro tópico, educação OnLIFE, abordamos o conceito de práticas pedagógicas inventivas que promovam a inventividade, a cocriação e a colaboração, a partir das ideias de Kastrup (2010) e Schlemmer (2021), dentre outros. No segundo tópico, vida OnLIFE, discutimos como esta era digital implica no nosso modo de ser e de viver, a partir das ideias de Floridi (2015) e Schlemmer (2021), entre outros.

2.1 Educação Onlife

Todo esse percurso de construção conceitual, que vem se caracterizando na área educacional nos últimos anos, traz-nos uma compreensão um pouco mais aprofundada de como essa relação entre esses vários conceitos vêm se convergindo e se materializando no que convencionamos chamar de educação Onlife, e, como essas

teorizações dessa realidade hiperconectada ampliam a nossa visão e reconfiguram os nossos conceitos.

Nesse sentido, seguindo essa linha de pensamento, de análise desses fatores, devemos nos questionar como podemos pensar em uma educação para este tempo histórico e social, que não vá de encontro à vida, mas ao seu encontro, que nos permita experimentar uma educação que é conectada e dinâmica.

O processo de construção desse conceito de educação onlife, por sua própria natureza, implica algo dinâmico. Por esse motivo, vamos estabelecer uma linha de pensamento que nos permite compreender como esse mover conceitual segue o ritmo da vida. Vamos iniciar o diálogo trazendo a compreensão de ensino remoto na pandemia, que, para Moreira e Schlemmer (2020),

[se deu] Devido à expansão do coronavírus que inviabilizou a presença física de professores e estudantes no espaço geográfico das instituições educacionais, e obrigou os professores a transpor metodologias e práticas, adotadas em sala de aula presencial física, para os meios online, resultando em práticas de ensino remoto, de ensino a distância, distintas das práticas consolidadas neste domínio e sustentadas pela pesquisa na área. (Moreira e Schlemmer, 2020, p. 03)

Para esses pesquisadores, o período que caracterizou a pandemia estreitou essa relação de maior familiaridade dos professores com as TD, com a conectividade, com uma perspectiva de uso de TD como recurso, apoio, ferramenta, que é a forma como as mencionamos nos nossos discursos. Conforme vamos nos familiarizando, nos apropriando dessas tecnologias, identificamos que são diferentes das anteriores. Lévy (1993) as denominou de “tecnologias da inteligência”, porque, segundo ele, elas ampliam, exteriorizam e modificam funções cognitivas humanas, a forma de aprendermos e de organizarmos o pensamento. Entretanto, de acordo com Floridi (2015), as TDIC são vistas para além dessa noção, porque são “forças ambientais”, que afetam radicalmente a nossa condição humana e, em consequência, abalam os nossos quadros referenciais, isto é, os conceitos que foram adquiridos durante todo nosso processo de formação, a maneira na qual fomos suggestionados. “Forças ambientais” não significa que são forças que vêm da própria natureza, mas uma construção humana que incide na forma como o homem pensa e age.

Então, quando buscamos informações a respeito de alguém ou vice-versa, no mundo digital, um universo novo se abre. É o que o professor Di Felice (2009) vai chamar de infovíduos, em contraponto a “indivíduos”. Logo, quando Floridi (2015) nos remete à

concepção de sermos humanos numa era hiperconectada, fala sobre como as TDIC nos conectam com o mundo, problematizando a partir de dois pares que se retroalimentam, um par de conceitos e um par de interações, nossos conceitos de quem somos e de realidade e nossas interações mútuas e com a realidade.

Logo, esse cenário projeta um grande desafio para a educação, porque implica em olharmos para tudo aquilo que nos constitui enquanto professores. Isso nos leva a refletir sobre o processo de construção do conceito de *educação híbrida*, que, segundo Moreira e Schlemmer (2020), não se trata, simplesmente, de uma mera *junção*, que existem níveis de hibridismo e, que esse conceito foi se transformando ao longo do tempo.

Com base no exposto, esse conceito foi sendo modificado com as próprias experiências. No início, era compreendido apenas como *vínculo* à tecnologia digital, onde eram criados ambientes virtuais de aprendizagem, no qual os alunos eram estimulados a participar e a conviver, ou seja, funcionavam como espaços de familiarização com o mundo virtual.

Para Moreira e Schlemmer (2020), esse primeiro nível serviu para refletir, através das experiências com os próprios estudantes, das interações, dos *feedbacks*, etc., na necessidade real de se atingir um próximo nível, que é aquilo que entendemos como “hibridismo tecnológico digital”, mas que era muito pouco e não abarcava a amplitude da própria vida, daquilo que entendemos que seria um processo educacional para esse tempo histórico social.

A partir das contribuições de Latour e Di Felice (2010), que trouxeram elementos que ampliam a nossa compreensão de hibridismo, que surge do coengendramento da natureza, técnica e cultura, foi nos proporcionada uma visão mais profunda e mais ampla do entendimento conceitual do termo *híbrido*, como sendo não só uma junção, mas aquilo que se produz nesse coengendramento. Assim, o hibridismo passa por essa compreensão inicial de justaposição, de mistura, mas esse é o primeiro nível de hibridismo, sendo o próximo nível compreender o que é produzido a partir disso, que vem ampliando nossa visão, principalmente no conceito de *educação onlife*.

Schlemmer (2021) argumenta:

A partir de 2005, quando elaboramos a primeira compreensão de

hibridismo, inicialmente relacionado somente às Tecnologias Digitais (TD) e as formas de comunicação e interação (textual, oral, gestual e gráfica). Em 2010, o conceito se movimentou a partir de evidências que nos fizeram buscar em Latour e Di Felice elementos para ampliar a compreensão de hibridismo. O híbrido passou a considerar os espaços (geográficos e digitais), as tecnologias (analógicas e digitais), as presenças (físicas e digitais), as linguagens (textual, oral, gestual, gráfica, computacionais), as culturas (pré-digitais, digitais gamer, maker, etc.) relacionando-se à multimodalidade (presencial física e Online e suas variações), nos instigando à busca de novas epistemologias. (Schlemmer, 2021, p. 50).

Ainda, segundo Schlemmer (2021), o que chamamos de *educação onlife*, não vem somente do conceito de *sociedade onlife*, trazido por Floridi (2015). Para ela, esse é um dos elementos, mas junto a isso temos o conceito de *cognição, aprendizagem inventiva*, de Kastrup (2004), que nos chama atenção à questão da inventividade, no sentido de que aprender não é só resolver problemas, mas também inventar problemas, e isso passa pela problematização do mundo e do tempo presente.

Conforme Kastrup (2010), é fundamental termos clareza de que a abordagem cognitivista ou representacional é uma concepção produzida historicamente, que tem como fundamento a ideia que conhecer é representar um mundo pré-existente, enquanto a da “cognição inventiva” está alicerçada na ideia que o conhecimento não é uma representação, mas uma prática. A autora faz questão de enfatizar que aprender é “inventar mundos” e, não meramente um processo de adequação a uma realidade concreta, a um mundo pré-existente.

Ainda, de acordo com Kastrup (2010), o retrato do modelo da representação são efeitos das práticas cognitivas, ou seja, são consequências, resultados do ato de conhecer, de agir, de praticar, que se configura na cognição do sujeito que se materializa na acomodação a um território existencial. Ou seja, ao invés dessa ideia de um sujeito pronto, de um mundo pré-existente, de uma realidade dada, o que existe, na verdade, é um processo de produção de subjetividades, através de práticas concretas, dentro de uma rede constituída por ações, que são ao mesmo tempo cognitivas e existenciais. Para ela, as práticas têm no seu DNA um potencial inventivo, mudança de práticas, de subjetividades e de mundos.

Para Schlemmer (2021), o conceito de *educação onlife* está em construção e vem coegendrando toda essa edificação teórica, epistemológica, metodológica e tecnológica, que vem se desenvolvendo naquilo que chamamos de “tríade”, que é a pesquisa,

desenvolvimento e formação. Ou seja, está para um processo de pesquisa que vem convergindo nessa ideia.

Soma-se a isso, as contribuições de Di Felice, com seus conceitos de ato conectivo transorgânico, transubstanciação e habitar atópico, e de Floridi, com sociedade OnLIFE, de Morin, com a ideia de hipercomplexidade, e de Haraway, com simpoieses, num processo de ampliação e aprofundamento das compreensões anteriores, que nos ajudam a desenvolver uma melhor compreensão desses novos habitares do ensinar e do aprender, possibilidades e desafios de vivermos numa realidade hiperconectada.

Logo, esse conceito de *educação onlife*, de acordo com Schlemmer (2021), se constitui de um percurso teórico, que vem se construindo e se solidificando nos últimos anos, através do trabalho de vários pesquisadores, que se empenham em conceptualizar a realidade no seu processo. Em outras palavras, é um coengendramento de diferentes conceitos que vão compor o que entendemos por educação onlife. Para Schlemmer (2021),

Esse percurso educacional não se desenvolveu vinculado à estrutura física da sala de aula, tampouco num mesmo e único tempo síncrono, igual para todos, tendo a centralidade no professor ou no conteúdo. Essa arquitetura educacional foi profundamente alterada, com a transposição de metodologias, práticas e pedagogias. Ocorreu um processo de invenção, de transubstanciação, alterando a condição habitativa do ensinar e do aprender. (Schlemmer, 2021, p. 49, 50).

Para Schlemmer (2021), é uma educação On (ligada, conectada), Life (na vida), a partir das problematizações do mundo presente, que nos leve a refletir num processo que se configura, não numa perspectiva teórica centrada no humano, na figura do professor ou do aluno, mas numa perspectiva de rede, de ato conectivo, que, nesse sentido, sempre envolve as tecnologias digitais, num processo de transubstanciação.

Para ela, transubstanciação é essa transformação que precisamos fazer no campo da educação, das metodologias, das práticas pedagógicas, das pedagogias, no sentido de que a maior parte delas foram construídas numa época pré-digital. Logo, o que acontece nesta nova era. Um exemplo disso é quando uma transportadora coloca uma etiqueta de rastreamento em uma encomenda, pois a partir desse momento, passamos a ter uma série de informações a respeito dela: a localização exata, a previsão de entrega e a rota percorrida.

Essa encomenda, além de ser átomo, é também bit. Ela é também informação, e sendo assim, podemos combinar, remixar, armazenar e mais uma série de alterações em função disso. Ela vai deixar de ser algo físico? Não, mas vai ser também informação. Por isso, temos a argumentação de que,

Essas tecnologias se configuram como espaços de natureza digital virtual e tem em si a potência do encontro síncrono ou assíncrono, oportunizado por diversos tipos, níveis de presença, o que configura uma ecologia de espaços, presencialidades e formas de interação (Di Felice e Schlemmer, 2021, p. 46), nos permitindo um habitar atópico (Di Felice, 2009, p. 46).

E nós, enquanto humanos, vivendo na era da hiperconectividade, mais do que qualquer outro, também somos convertidos em informações, sejam visuais, auditivas ou gráficas, que também podem ser manipuladas, que, de acordo com Di Felice (2020, p. 46), “Isso me permite afirmar que sou constituído não somente por átomos, mas por bits. Um infovíduo que habita infomundos.” Nesse sentido,

Implica uma perspectiva ecológica hipercomplexa e conectiva, na qual a própria substância das materialidades de espaços, conteúdos, práticas e sujeitos é alterada para dados. Isso não significa que esses elementos perdem suas substâncias originais, mas sim que, pelo processo de digitalização, sofrem um processo de transubstanciação, uma alteração qualitativa ao estatuto da natureza. Essa digitalização associada à conectividade modifica, significativamente, a condição habitativa dos processos de ensinar e de aprender, o que fomenta a inventividade, em composições híbridas para pensar uma educação para o desenvolvimento sustentável e para a transformação social. (Schlemmer, 2021, p. 50, 51).

Conforme Kastrup (2010), a *aprendizagem inventiva* é um modo diferente de pensar o campo do conhecimento. A autora parte da ideia central de que a aprendizagem nessa perspectiva inventiva não é meramente um processo de resolução de problemas, mas também de criação de problemas, de problematização do tempo presente. Para ela, pensar a abordagem inventiva traz consigo implicações políticas, na medida que não se configura apenas como um processo que se adapta, mas também de invenção de mundos. Ressalta que a cognição inventiva é uma posição muito difícil e requer um trabalho árduo, na medida que o mais comum é o modelo hegemônico, a posição que muitas vezes alguns autores chamam de atitude natural, é sempre representacional. Para

ela, se trata de uma atitude habitual, produzida historicamente.

Nessa discussão, nossa proposta se filia a uma perspectiva crítica da educação, na medida que busca fomentar um processo inovador, não de inovação tecnológica, mas da inovação dos nossos comportamentos no âmbito geral e, no específico, de uma educação OnLIFE, no sentido de construção de uma percepção inventiva. Nessa abordagem onlife, quando se fala de inovação, não se trata, simplesmente, de trazer, de fazer uso da tecnologia, mas da ideia de que estamos vivendo num mundo que demanda uma *abordagem didático pedagógica inventiva*. É essa a inovação à qual nos referimos, no sentido de uma formação que possibilite a inventividade, a construção de metodologias e práticas pedagógicas, no sentido de promover a inventividade, a cocriação e a colaboração.

Por toda essa reflexão, nossa experiência com as TD, no ensino remoto emergencial, foi de transposição, de uso de tecnologia, enquanto ferramenta. Escolher atingir o próximo nível do espiral educacional é o primeiro passo, através de uma formação que nos possibilite pensar num processo capaz de nos tirar da transposição e nos levar para a transubstanciação das nossas metodologias, nossas práticas, do currículo, para outras formas de pensar educação para este tempo histórico social e hiperconectado.

Assim, o que se evidencia nessa linha do tempo conceitual é uma sincronia de convergência que deságua no conceito de uma *educação onlife*, que responda e prepare para as demandas da vida, que possa nos colocar a par de como a realidade funciona e a melhor forma de interagirmos com e diante dela e, em consequência, como todas essas formas de evolução tecnológica em rede se configuram em vivências que se constituem a partir do ato reflexivo da própria experiência. Após termos percorrido essa linha do tempo sobre o conceito de educação onlife, abordaremos melhor, no próximo tópico, aquilo que se traduz em vidas onlife.

2.2 Vida OnLife

A realidade digital está presente em todas as esferas da nossa vida, nos momentos formais e informais, criando culturas e produzindo novas realidades. De acordo com Floridi (2015), as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) não são e não funcionam como meras ferramentas, pois são “forças ambientais”. A fundação da sua

filosofia está alicerçada em uma correlação de fatores, que passam por um processo de reflexão em torno das transformações e dos impactos gerados pela implantação das TDIC e sua aceitação social.

Para podermos organizar uma linha de pensamento, dialogamos, em contraponto, com o filósofo francês Pierre Lévy, em entrevista, na Nova Escola, em 2003. O próprio título, “Estamos todos conectados”, já sinaliza a direção de suas ideias, quais sejam, as de que a internet iria nos permitir construir uma “inteligência coletiva”. Esse é o grande foco das ideias de Pierre Lévy, a possibilidade da construção de uma inteligência coletiva a partir da conectividade.

Lévy (2003) declara ser um defensor do uso do *computador* e da *Internet* para ampliação e democratização do conhecimento. Logo, o nome “tecnologias da inteligência” originou-se da personificação dessa ideia, em suas obras “Inteligência coletiva” e “Cibercultura”. Nesse segundo livro, responde ao seu próprio questionamento: como manter as práticas pedagógicas atualizadas com esses novos processos de transação do conhecimento? Para ele, será com a possibilidade de ampliação do saber, a partir dessas duas invenções. Ou seja, nesse contexto de computador e internet, é preciso sair de uma educação e de uma formação institucionalizadas para uma situação de troca generalizada de saberes.

Segundo esse pesquisador francês, estávamos vivendo em uma cultura planetária, onde a escola tem um papel fundamental de criar modelos de aprendizagem em que o professor saia da condição de um mero fornecedor do conhecimento e passe a ser um animador da *inteligência coletiva* do grupo, articulando, incentivando e promovendo conexões.

Por fim, Lévy (2003) apresenta um exemplo prático, ao fazer uma relação entre o cérebro humano e a rede mundial de computadores, no qual o primeiro constrói infinitas conexões neurais e o segundo possibilita integrar essa constelação de neurônios com a de bilhões de outras pessoas. Para ele, as TD são tecnologias de e para a inteligência, ao possibilitar a troca de ideias. Então, conclui que a internet permite criar uma *super inteligência coletiva*, que possibilitaria dar início a uma grande revolução humana. Na perspectiva de uma vida e uma *educação OnLife*, essas ideias de Lévy (2003) serão secundarizadas.

Ao nos apropriarmos da abordagem onlife, analisamos as ideias defendidas por Floridi (2015), com um grupo de pesquisadores que vem pensando sobre a necessidade de uma educação onlife que se contrapõem às ideias defendidas por Pierre Lévy. Nessa perspectiva, entendemos que as TD possibilitam a construção de uma inteligência coletiva, conforme Pierre Lévy, mas que a realidade nos mostra que as TDIC têm um outro papel que abarca uma amplitude muito maior, que deve ser considerada, que é o que Floridi (2015) vai chamar de “forças ambientais”, forças que exercem implicações na nossa própria vida, sobre quem somos, como pensamos e como nos relacionamos com nós mesmos e com o mundo.

Nesse sentido, argumentam sobre a necessidade de uma *educação híbrida*, mas não, como pensávamos anteriormente, uma *mistura*. Para os pesquisadores, não se deve apenas formar ambientes virtuais de aprendizagem para analisar como as pessoas interagem através deles. Nessa nova abordagem, passamos a entender que a realidade exige que pensemos nas TDIC além do *vínculo* com a tecnologia.

Esse grupo de pesquisadores, com Floridi (2015), vai dizer que essa maneira de pensar educação e as tecnologias digitais não abarca a complexidade do que é a vida que temos ao vivermos o que denominam de *realidade OnLIFE*. Por isso, a necessidade de pensarmos o que acontece na vida onlife, que se dá como um *coengendramento*. Ou seja, no universo onlife, não há dualidade, *on-line*, *off-line*, mas um processo de transformação, de transubstanciação.

Para discutir acerca desse coengendramento, Floridi (2015) aponta quatro principais mudanças que estremeceram as nossas bases conceituais, nas quais as duas primeiras por gerarem indefinição do que estava previamente definido, como distinção entre o mundo real e o virtual, entre humano, máquina e natureza, e a terceira porque reverteu o cenário de escassez para o de fartura de informações; e a última, literalmente, moveu e alterou o foco da primazia das entidades para as interações.

Ainda, segundo esse pesquisador, a nossa atual caixa de ferramentas conceituais está desalinhada, no sentido de falta de correspondência com a realidade, dificultando enfrentarmos os novos desafios que emergem conjuntamente com as TDIC. Conforme argumenta, por reconhecer esse desencaixe conceitual, um grupo de 15 acadêmicos de diversas áreas instigaram a criação do “Manifesto Onlife”, que propõe um debate aberto sobre os efeitos dessa nova realidade hiperconectada.

O autor afirma que a infinidade de informações disponíveis também pode gerar uma paralisia produzida por infraestruturas informacionais que têm por objetivo capturar e negociar nossa atenção. Em função do exposto, o pesquisador abraça os desafios e busca formular novas compreensões do que é ser humano em uma era hiperconectada. Destaca que os artefatos não podem ser pensados simplesmente como operacionais, porque essa visão objetiva e imparcial da realidade não se sustenta.

O pesquisador aborda a necessidade que temos de estabelecer relações que não se restringem a nós mesmos, o eu humano, mas que contemplem interações com outros “eus”, desde artefatos tecnológicos até à natureza como um todo. O autor afirma que a liberdade não está solta, não acontece em um vazio, mas em um ambiente repleto de possibilidades e restrições, no qual os outros “eus” não sejam reduzidos a meros instrumentos ao nosso dispor, onde predominem o autocontrole e o respeito. Não se trata simplesmente de uma “inteligência coletiva” ou de uma *junção*.

Entendemos que não há divergência com os autores citados no Capítulo 01, pois esse argumento vai ao encontro da própria conceituação de tecnologia expressa por Vieira Pinto ao defender que a máquina não é um agente autônomo, mas uma extensão da consciência humana.

De acordo com o autor, uma questão central que enfrentamos na sociedade da informação é definir em que tipo de projeto humano se fundamenta a nossa construção. Para ele, falta-nos essa visão, que faz com que a quantidade cada vez maior de distrações se filie ao nosso despreparo cultural, fazendo com que as tecnologias sejam usadas, predominantemente, para, em vez de dar vida, matar o nosso tempo, e, o mais trágico, de forma inconsciente.

A partir dessa reflexão, objetivamos em nossa pesquisa conhecer um pouco melhor como são as vidas OnLIFE do IFAL. Com base nessa aproximação, tentaremos compreender como pensam, estudam, vivem e quais as possíveis implicações dessa realidade OnLIFE para os processos de ensino e de aprendizagem. Segundo Rego (1995), quando Lev Vygotsky fala da importância das ferramentas culturais e do conhecimento produzido pela humanidade, trazendo justamente que a criança não nasce pronta, mas que ela vai se humanizar a partir do desenvolvimento com o outro, se pensarmos nos dias de hoje essas ferramentas são as TD e o processo de humanização ou de desumanização que se forma por meio dessas interações nesses ambientes virtuais.

Por esse motivo, o *corpus* desta pesquisa emerge do processo de problematizar e pensar essa vida em rede, e converge para a inovação, não, tecnológica, mas comportamental, que necessariamente passa pelas tecnologias, mas é algo muito maior, no que concerne aos processos de ensinar e aprender. Não podemos ficar encarcerados no tempo e no espaço, pois somos seres históricos e sociais, e a escola está sujeita aos processos que caracterizam a dinâmica da vida, que se renovam com a realidade.

Diante desse cenário, Ferreira (2020), em seu livro “A geração do quarto: quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar”, afirma que esses jovens, em sua grande maioria recorrem às redes sociais digitais, por enfrentarem relações afetivas conflituosas, tanto familiares quanto sociais, e que essa falta de pertencimento, de afeto, faz com que eles recorram às redes sociais digitais como uma tentativa de se desvincular de sua rede social física, que é sentida como desamor. Ainda segundo o autor, a “geração do quarto” vive o paradoxo da falta e do excesso de conexão: perdeu a conexão com os seus e está distante daqueles que estão próximos, até com aqueles com os quais divide o mesmo teto, e próximos daqueles que está fisicamente distante.

Para ele, o quarto foi o local adotado, e o celular o meio, como principal via de fuga, e que, apesar da pouca idade, sabem lidar com as redes sociais, digitar com rapidez nos minúsculos teclados dos celulares, fazer várias coisas ao mesmo tempo e lidar bem com as novas formas de comunicação virtual. Possuem vasta experiência em relações humanas via mundo digital, porém fazem uso dessas habilidades no sentido de estarem desconfortáveis com eles mesmos e com o mundo. Para Ferreira (2020),

Ser como se é, quando se é alguém que não se parece com o modelo de ser que lhe disseram “correto”, pode configurar um deslocamento, inadequação, uma não relação biunívoca, uma espécie de desentrosamento e, portanto, de incômodo. A geração incomodada consigo mesma, com o que dizem sobre ela, com o que ela vê no espelho, que lhe mostra o que não quer ver. (Ferreira, 2020, p. 22).

Ainda, nos alerta para o que considera um dos mais problemáticos equívocos dos nossos tempos, o foco exclusivo em canais do *YouTube* na busca de informações, deixando de lado meios como livros, jornais, revistas impressos e/ou digitais, substituindo por informações extraídas de opiniões de várias pessoas, que na maioria dos casos demonstram superficialidade naquilo que expressam. Para Ferreira (2020),

A geração do quarto, por ser denso o mundo que a cerca e a institui e que por ela,

de certo modo, também é instituído, diz não querer a “densidade” do livro nem a “densidade” da palavra que demora. Almeja a informação rápida. Talvez por isso superficial, incapaz de provocar reflexões mais agudas. (Ferreira, 2020, p. 85).

Assim, a realização deste percurso foi imprescindível para compreensão de como experienciamos nossa realidade hiperconectada e suas implicações nos processos de ensino e aprendizagem. No capítulo seguinte, descrevemos como se deu esta pesquisa, os instrumentos utilizados, sua localização, seus participantes e estabelecemos um diálogo entre o PPC do curso e a BNCC do Ensino Médio, mediados pelos princípios de uma educação onlife.

CAPÍTULO 03

METODOLOGIA - CARÁTER CARTOGRÁFICO UTILIZANDO ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA

A distinção entre pesquisa quantitativa e qualitativa, embora pertinente, surge ainda insuficiente, já que os processos de produção da realidade se expressam de múltiplas maneiras, cabendo a inclusão de dados quantitativos e qualitativos. Pesquisas quantitativas e qualitativas podem constituir práticas cartográficas, desde que se proponham ao acompanhamento de processos. Para além da distinção quantitativa-qualitativa restam em aberto impasses relativos à adequação entre a natureza do problema investigado e as exigências do método. A questão é como investigar processos sem deixá-los escapar por entre os dedos.

(Passos; Kastrup; Escóssia, 2015, p. 08)

No capítulo anterior, tratamos sobre vida e educação numa perspectiva Onlife. Vimos que esse conceito vem se caracterizando e retratando um processo de mudanças oriundos das nossas experiências conectivas em rede, a partir das tecnologias digitais (TD), e em consequência os seus efeitos em nossas vidas. Nesse contexto, nos questionamos: que tipo de comportamento esta sociedade hiperconectada nos exige no processo de condução da vida e como fomentá-lo através de nossa prática pedagógica?

De acordo com o nosso objeto de estudo: práticas pedagógicas no contexto de vidas onlife, a partir das próprias experiências que se coadunam com a dinâmica da vida, elegemos uma proposta metodológica alicerçada na cartografia, tendo como fonte Passos, Kastrup e Escóssia, na obra “Pistas do Método Cartográfico – pesquisa-intervenção e produção de subjetividade”, de 2015. Também, por entendermos a necessidade de vivenciar processos, como fundamento de elaboração de novas compreensões, que se casam harmoniosamente com as ideias de Moraes e Galiazzi, na obra “Análise Textual Discursiva”, de 2016, na qual conceituam e fundamentam todo esse

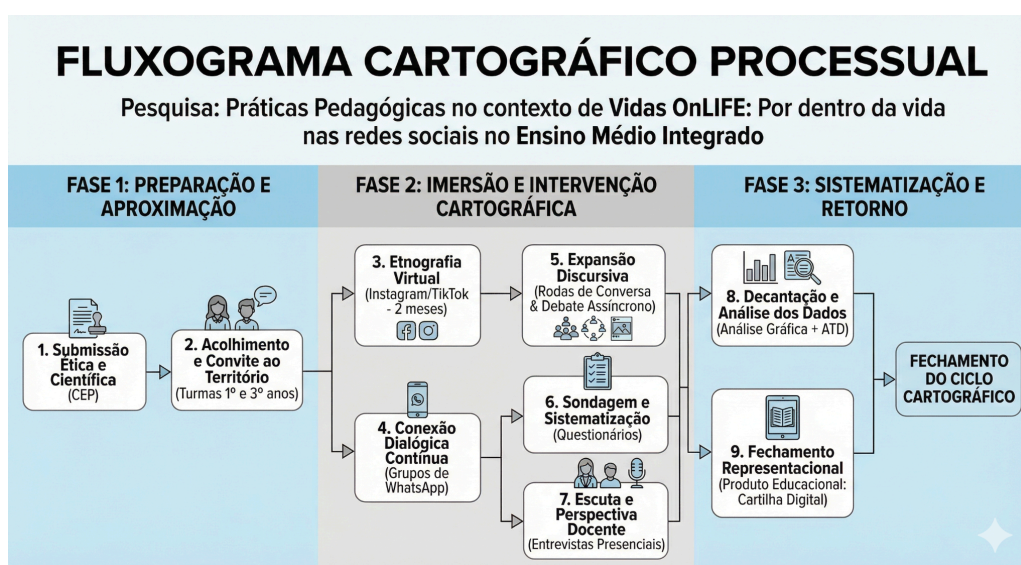
percurso teórico metodológico, que servirá para a análise.

Filiamo-nos à análise textual discursiva (ATD), por entendermos essa união como essencial para atingirmos o que é proposto neste trabalho. Fizemos uma viagem de imersão, por dentro da vida nas redes sociais, materializamos nossas vivências na forma de textos, e, por meio da ATD, exercitamos o processo de construção de metatextos no emergir de novas compreensões. Neste próximo tópico, trago, de início, o que é a pesquisa e sua localização e, em seguida, propomos um diálogo entre a BNCC do Ensino Médio (Brasil 2018) e o PPC do curso de Desenvolvimento de Sistemas do IFAL (Campus Maceió).

3.1 Descrição da Pesquisa

A pesquisa foi realizada no Instituto Federal de Alagoas IFAL (campus Maceió), no Ensino Médio Integrado, no curso de Desenvolvimento de Sistemas, com professores e alunos dos 1º e 3º anos. A decisão por esse nível de escolaridade e anos letivos se deve à necessidade de acompanhar processos e conhecer as vidas OnLIFE desses estudantes, no início e na conclusão desse ciclo de aprendizagem. Quanto ao curso, justifico a escolha pela fundação da base tecnológica na sua estrutura, e sua relação intrínseca com esse universo digital, no qual estamos imersos. Para fazer parte da amostra, escolhemos 5 docentes, de forma aleatória, e 15 discentes, de acordo com a frequência que interagem nesses ambientes virtuais. Esse processo cartográfico está representado na figura abaixo:

Figura 01: Representação visual do processo cartográfico



Fonte: O Autor (2026).

Após um longo e rigoroso processo de submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), foi concedida a permissão para iniciarmos a pesquisa de campo. Organizamos um convite que visa deixar os alunos a par da pesquisa, instigando-os a participar.

O objetivo é analisar o comportamento expresso nas interações digitais dos discentes e a percepção dos docentes sobre esse fenômeno, visando fomentar a construção de práticas pedagógicas alinhadas ao contexto da educação OnLife. Foram utilizadas duas redes sociais: o *Instagram* e o *TikTok*, escolhidas a partir do primeiro contato com esse grupo de pesquisa, devido à sua maior adesão. Foi solicitada autorização para ter acesso e seguir esses estudantes nesses *apps*, além de pedir para que eles também me sigam. Fizemos uma etnografia virtual, a partir da qual foi produzido uma espécie de diário de bordo, para acompanhar como esses alunos interagem nessas plataformas, quais conteúdos postam e que perfis seguem, dentre outras questões. O intuito é traçar um perfil desses participantes, considerando que vivemos em uma sociedade Onlife.

Figura 02: Grupo de Whatsapp com estudantes do 1º ano



Fonte: O Autor (2025).

Figura 03: Grupo de Whatsapp com estudantes do 3° ano

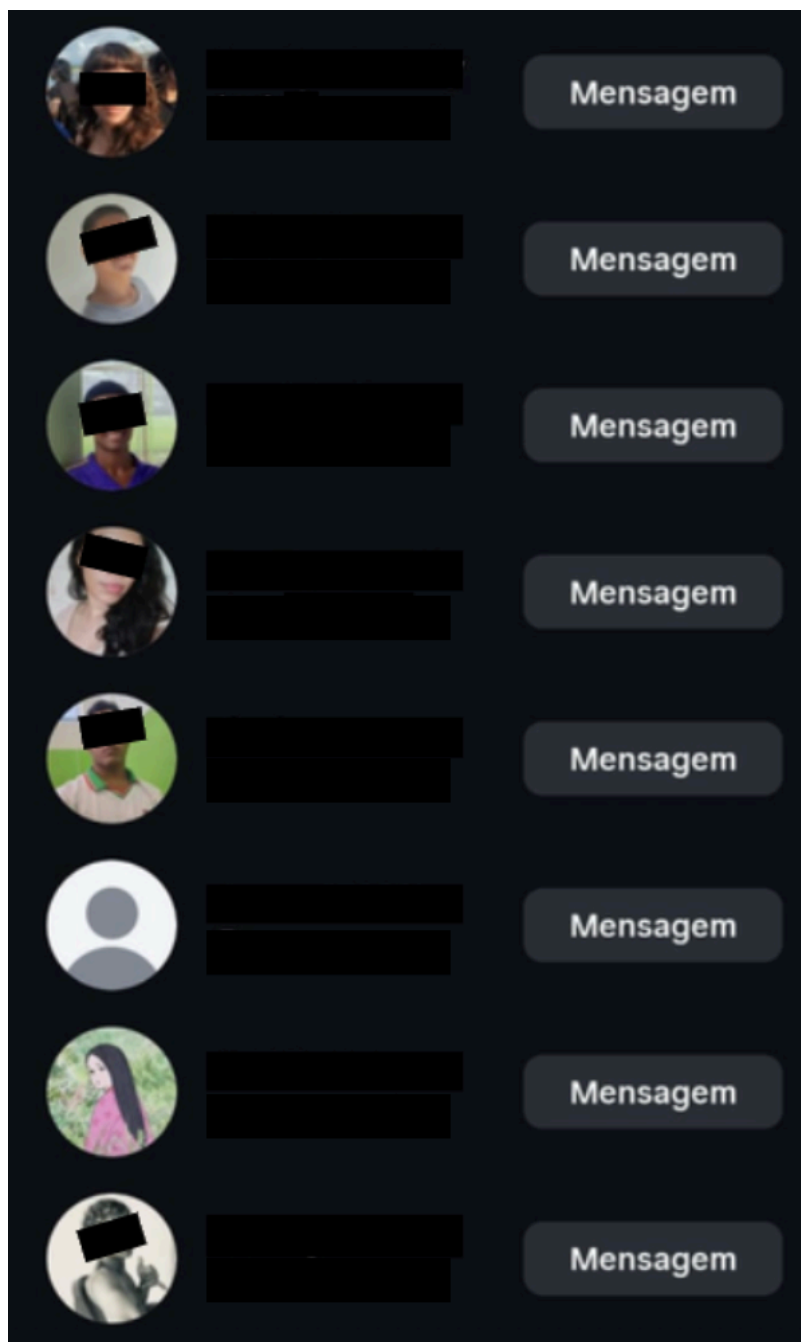


Fonte: O Autor (2025).

A coleta de dados se deu por meio de três formas: observação e descrição (seguindo os usuários nas redes sociais), rodas de conversas e questionários. Para melhor acompanhamento dos estudantes nas redes sociais, formamos dois grupos de whatsapp: “Pesquisa de Mestrado – Teens na Era Digital” (com os estudantes do 1° ano) e “3° ano na era digital” (com os estudantes do terceiro ano).

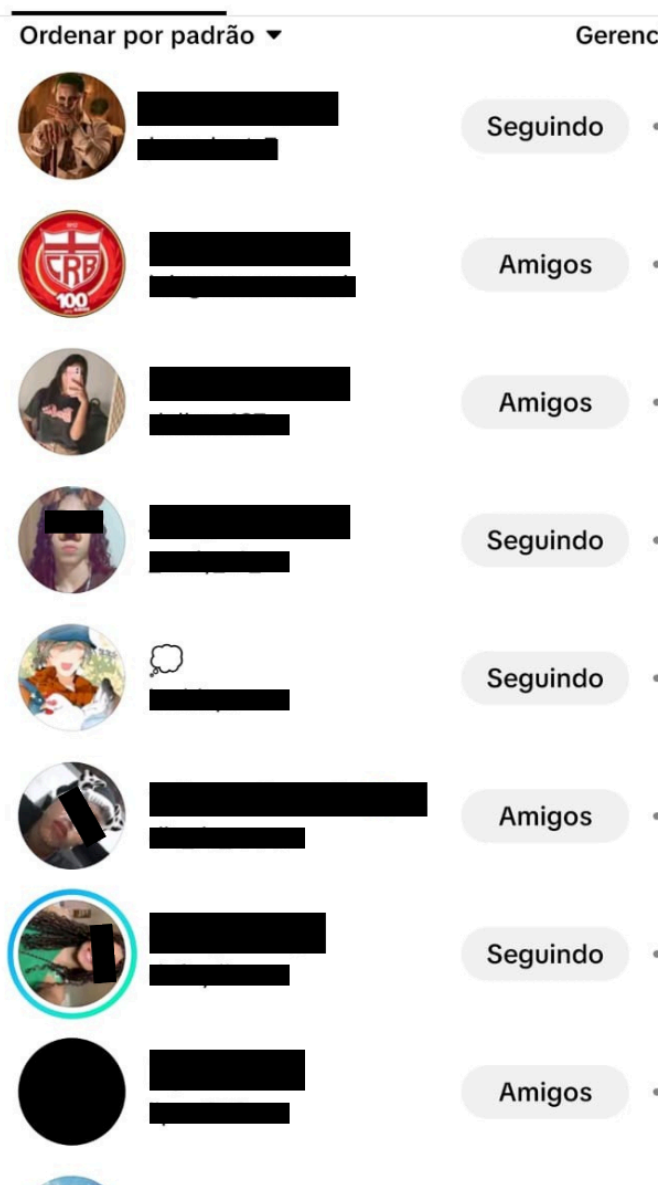
A primeira forma consistiu em observar todos os dados que estão disponíveis publicamente no *Instagram* e no *TikTok* dos usuários. Para maior segurança e melhor análise dos dados, foram guardadas apenas descrições escritas do material observado. Tudo o que podia ser materializado por meio de palavras, sejam escritas, faladas ou lidas, ouvidas ou vistas, foi descrito durante esse processo, para que em uma segunda fase da pesquisa servissem de base na construção de interpretações e argumentações.

Figura 04: Estudantes seguidos no instagram



Fonte: O Autor (2025).

Figura 05: Estudantes seguidos no tiktok



Fonte: O Autor (2025).

Os participantes permitiram que o pesquisador os seguisse no Instagram e no TikTok, concedendo assim acesso aos seus dados. Esta é a forma mais segura de garantir a privacidade de cada um, pois, dessa forma, o pesquisador não teve acesso a nada que um seguidor comum não tenha.

Após esse acompanhamento ao longo de dois meses e a análise dos dados produzidos, foram organizadas rodas de conversa, realizadas em quatro encontros, dois com alunos do primeiro ano e dois com alunos dos terceiros anos, na modalidade presencial, para explorar as indagações que surgiram. O foco foi desenvolver o pensamento crítico, refletindo sobre as implicações dessa vida Onlife nos processos de ensino e aprendizagem.

Figura 06: Roda de conversa com os alunos do 3º ano



Fonte: O Autor (2025).

A terceira etapa foi realizada através de questionários, construídos com base nos processos anteriores. As perguntas foram um importante complemento para as indagações que surgiram sobre tudo o que foi levantado. Após ouvir os estudantes, realizamos uma entrevista semiestruturada de forma presencial com os professores, a fim de compreender suas percepções da realidade digital e suas implicações nos processos de ensino e aprendizagem.

Em seguida, mediante a metodologia quali-quantitativa adotada, procedemos com a análise dos dados por meio de representações gráficas e ATD. A partir desses resultados

e de acordo com as bases conceituais que caracterizam a educação onlife, propomos 10 práticas pedagógicas que são explicadas de forma mais aprofundada no Produto Educacional.

3.2 Documentos do curso técnico integrado de sistemas de informação(PPC) e a BNCC

Neste subcapítulo, vamos propor um diálogo entre a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) e o Plano Pedagógico do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Desenvolvimento de Sistemas do IFAL (campus Maceió), discutindo algumas de suas principais abordagens, pontos em comum e possíveis indícios que estabelecem relações que se coadunam com a perspectiva de uma proposta de educação onlife, tal como aqui a discutimos, no Capítulo 02.

Vamos iniciar pelo que a BNCC descreve no ensino médio:

O Ensino Médio é a etapa final da Educação Básica, direito público subjetivo de todo jovem, que deve ter assegurada a oportunidade de consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, aprimorar sua formação ética e autônoma e desenvolver o pensamento crítico e a preparação para o mundo do trabalho e para o exercício da cidadania. (Brasil, 2018, p. 461).

Com base na definição do PPC do referido curso, seu objetivo macro é,

[...] formar profissionais técnicos de nível médio qualificados para atender as solicitações do setor produtivo na área de produtos e serviços de informática. Mais especificamente, formar profissionais com competência histórico-social, política, ética e técnica, bem como com uma visão empreendedora, tanto para o desenvolvimento quanto para a manutenção de sistemas computacionais. (2019, p. 13).

Partindo dessas definições, podemos inferir que tanto a BNCC (Brasil, 2018) quanto o Plano Pedagógico do Curso (PPC), de 2019, consideram a perspectiva de educação unitária e politécnica de Marise Ramos (2008). O conceito do curso objetiva a superação da dicotomia entre formação manual e intelectual, buscando uma “formação humana e integral” para que o aluno possa "conhecer e utilizar as formas contemporâneas de linguagem, com vistas ao exercício da cidadania e a preparação para o mundo do trabalho".

Essa perspectiva está em alinhamento, tanto, com o que Ramos (2008) descreve

como uma educação que "possibilite a apropriação dos conhecimentos construídos até então pela humanidade, o acesso à cultura, etc.", quanto com a perspectiva da Sociedade Brasileira de Computação (SBC), que, conforme o documento oficial, afirma que "vive-se hoje na era da informação" e que "é inegável que a revolução digital gerou um grande impacto na sociedade".

Desse modo, os dois documentos fazem referência em seus parâmetros a uma perspectiva alinhada com a proposta de uma educação OnLIFE, que busca compreender e atuar em uma realidade hiperconectada, encontrando afinidades em vários pontos dessa noção de educação, tal como a delineamos neste estudo. O principal deles reside na valorização do pensamento crítico e da autonomia intelectual, aspectos fundamentais tanto no PPC quanto na BNCC.

Nesse sentido, o PPC do Curso de Desenvolvimento de Sistemas do IFAL, por meio da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, propõe uma prática investigativa que transcende a mera transmissão de conteúdo. A esse respeito, o documento destaca:

Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão por meio da indicação de espaços para atividades complementares, para aprofundamento de conhecimentos adquiridos, como forma de fomento do debate, da dúvida, da crítica e, portanto, de construção da vida acadêmica e ampliação dos horizontes culturais e profissionais dos alunos(2019, p. 16).

Essa abordagem sugere uma educação que não se limita à "resolução de problemas", mas sua criação como forma de "questionar o próprio mundo".

Além disso, dialoga com a BNCC, quando essa complementa e reforça essa abordagem educacional, ao enfatizar o uso das tecnologias de forma crítica. A área de linguagem fomentada, e seu uso no plural, não é por acaso. Nesse documento, entre as sete competências que englobam esse campo linguístico está o objetivo norteador deste trabalho de pesquisa, que é a busca por analisar o comportamento expresso nas interações digitais dos discentes e a percepção dos docentes sobre esse fenômeno, visando fomentar a construção de práticas pedagógicas alinhadas ao contexto da educação OnLife.

A seguir, destaco a primeira e a última competências elencadas na BNCC, destacando a forma como foi organizada e caracterizada a competência que abre e a que propõe a reflexão, quais sejam, "compreender o funcionamento das diferentes linguagens

e práticas (artísticas, corporais e verbais) [...]”; como abertura e, “mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos [...]”; como conclusão propositiva.

Assim, a proposta pedagógica do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Desenvolvimento de Sistemas do IFAL (PPC/2019) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio, embora sejam documentos de diferentes esferas, estabelecem um diálogo profundo e complementar, especialmente no que tange à formação integral e ao papel da tecnologia na sociedade contemporânea.

De acordo com o documento do PPC do IFAL, deve haver "indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão" e o "trabalho como princípio educativo". Essa abordagem dialoga diretamente com a visão da BNCC de "processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea". Dessa maneira, enquanto o PPC foca na formação de um "profissional-cidadão", a BNCC busca o desenvolvimento de competências que capacitem o aluno a atuar de forma crítica e ética em um mundo em constante transformação.

Esse "diálogo" entre os documentos se intensifica na dimensão da pesquisa. O PPC do IFAL ressalta o papel da pesquisa como uma prática que proporciona o "fomento do debate, da dúvida e da crítica", indo além da transmissão de conteúdos. Essa perspectiva se filia à BNCC:

Nessa perspectiva, para além da cultura do impresso (ou da palavra escrita), que deve continuar tendo centralidade na educação escolar, é preciso considerar a cultura digital, os multiletramentos, os novos letramentos, entre outras denominações que procuram designar novas práticas sociais e de linguagem. [...] os novos letramentos remetem a um conjunto de práticas específicas da mídia digital que operam a partir de uma nova mentalidade, regida por uma ética diferente. (2018, p. 478).

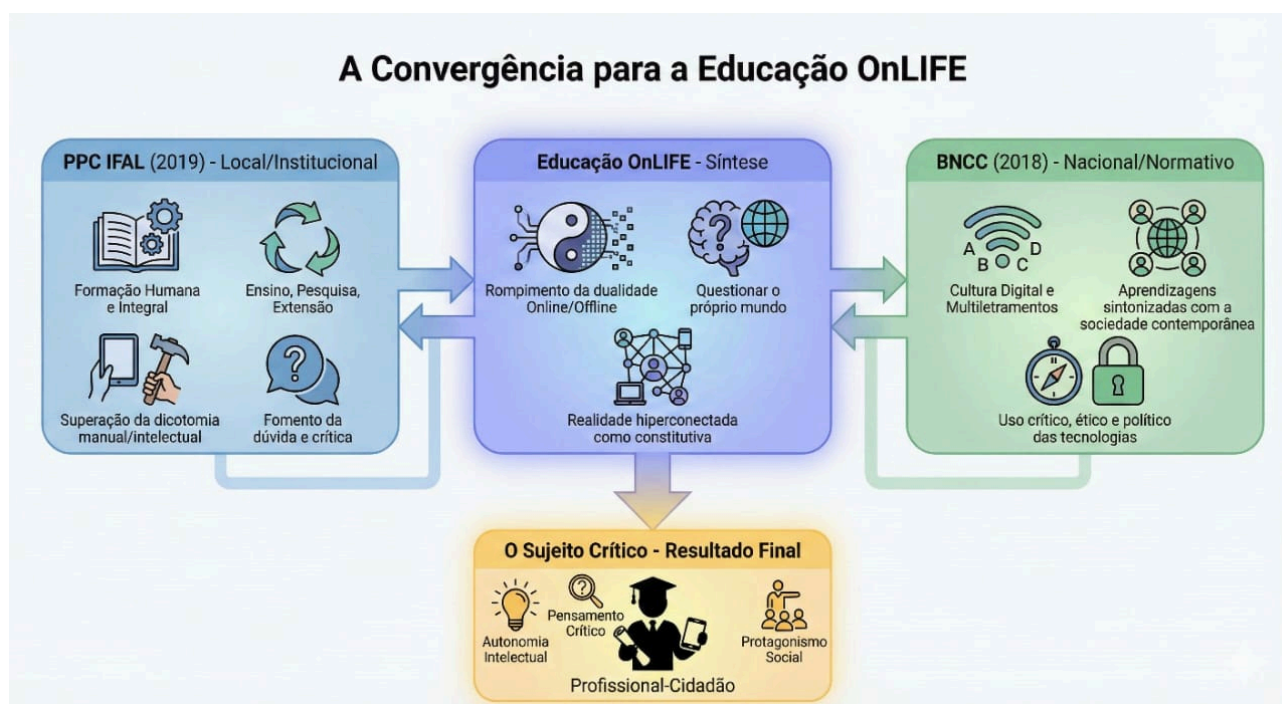
Fundamentado nessa realidade experienciada, evidencia sua importância, que não se trata simplesmente de desenvolver a capacidade de "resolver problemas", mas, também, uma autonomia e criticidade no uso das tecnologias, o que, no contexto de uma educação "OnLIFE", implica em "questionar o próprio mundo".

Diante dessas congruências, podemos concluir que o PPC do IFAL e a BNCC, juntos, constroem um caminho pedagógico que transcende a formação técnica. Eles dialogam para garantir que o estudante do Curso de Desenvolvimento de Sistemas não seja apenas um operador de sistemas, mas um pensador crítico, capaz de compreender e atuar de forma significativa na sociedade digital, em plena sintonia com os desafios e as possibilidades de uma vida OnLIFE.

Nesse sentido, há uma convergência de propósitos. O PPC do IFAL, ao afirmar que o estudante deve "compreender a sociedade, sua gênese e transformação e os múltiplos fatores que nela intervêm, como produtos da atividade humana e do seu papel como indivíduo social", coloca o indivíduo como protagonista em um mundo que não é apenas físico, mas também digital. Essa visão é o alicerce para uma educação "OnLIFE", que entende a tecnologia não como um apêndice, mas como um elemento constitutivo da realidade social.

Em um esquema visual, as proposições educacionais nos dois documentos e suas ligações com a ideia de uma educação onlife pode ser acompanhada na imagem abaixo, construída a partir do meu comando no Gemini, a partir da reflexão neste tópico:

Figura 07: Esquema visual das ideias de Educação na BNCC e no PPC do Curso de Desenvolvimento de Sistemas do IFAL.



Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Embora a BNCC preconize um uso crítico das TDIC, ela não implementa qualquer política pública de acompanhamento ou controle que possa auxiliar o professor e oferecer condições para que isso seja implementado de forma eficaz. O uso indiscriminado de aplicativos disponíveis aos alunos não são temas de discussão e debate propostos pela BNCC.

Assim, "OnLIFE" é o elo de ligação de ambos os documentos, que se alinham ao princípio de que a educação deve transcender a dualidade online/offline, preparando os alunos para "exercer o protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva", tanto no ambiente físico quanto no digital.

CAPÍTULO 04

ANÁLISE: SUJEITOS DA PESQUISA E A VIDA ONLIFE

No capítulo anterior, abordamos a pesquisa, seus sujeitos, sua localização e os procedimentos realizados. Em seguida, elaboramos um diálogo, mediado pelo referencial onlife, entre a BNCC e o PPC do curso de Desenvolvimento de Sistemas do IFAL (Campus Maceió). Antes de iniciarmos essa etapa da pesquisa, passamos por todo um rigoroso processo de submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética, cumprindo todos os requisitos necessários, para nos credenciarmos e estarmos aptos à realização desta fase da pesquisa.

Assim, este capítulo está distribuído e organizado de acordo com os seguintes tópicos: no primeiro, finalizada a coleta dos dados, procedemos com a análise das representações gráficas; no segundo, discorremos sobre as considerações dos sujeitos da pesquisa sobre a vida contemporânea e a relação com a prática pedagógica, por meio da ATD.

4.1 Tratamento dos dados: análise gráfica

Este subcapítulo dedica-se à apresentação das considerações dos participantes da pesquisa, reconhecendo que suas vozes constituem elemento central para a compreensão do fenômeno investigado. Suas percepções, experiências e reflexões aqui reunidas possibilitam o desvelamento de dimensões que não poderiam ser plenamente apreendidas apenas a partir dos referenciais teóricos. Buscou-se compreender como os participantes articulam suas práticas cotidianas, suas formas de comunicação e suas experiências hiperconectadas, de modo a evidenciar aspectos significativos da vivência onlife.

Ao analisar as redes dos alunos, constatamos que 93,3% dos alunos acompanhados seguem o perfil do IFAL e que 14 desses 15 alunos seguem colegas que também estão como sujeitos nessa pesquisa. 5 desses alunos não postavam durante o período da investigação, nem mesmo no *feed* do *Instagram*. A maioria dos demais estudantes tinha menos de 4 postagens no *feed*. Essas práticas demonstram que as redes sociais são utilizadas por eles mais para consumir do que para produzir. No entanto, majoritariamente, as postagens, quando ocorreram, eram relacionadas à vida pessoal deles. Houve poucas postagens relacionadas ao instituto, e as que estavam

relacionadas falavam sobre os jogos internos.

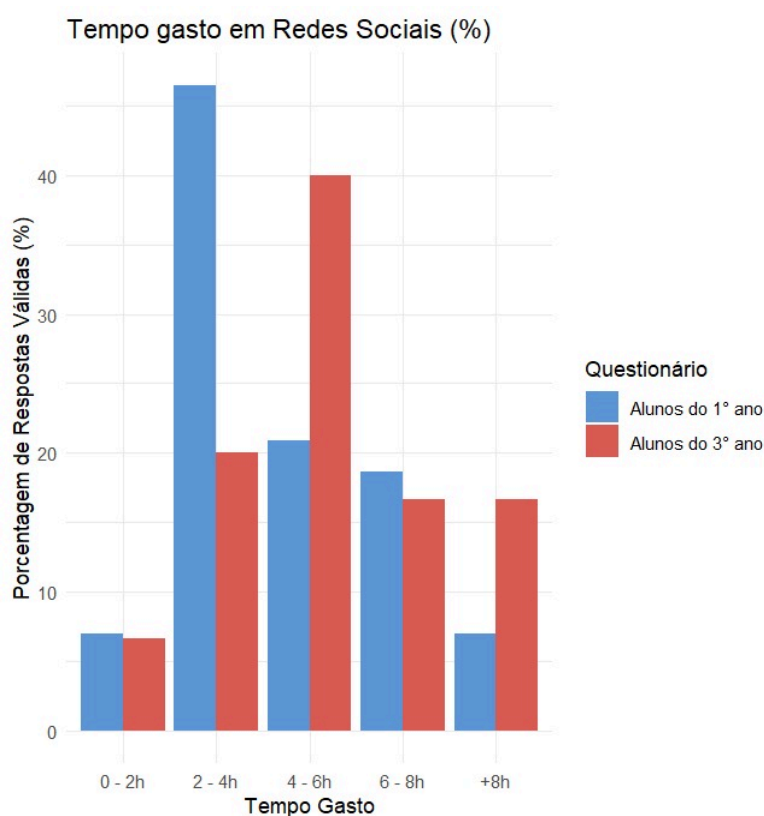
Assim, no decorrer deste subtópico, serão expostas as contribuições dos participantes, acompanhadas de análises que buscam formular possíveis compreensões, de modo a favorecer uma interpretação mais ampla e consistente da realidade em questão.

Para dar maior fluidez à análise dos gráficos, nomeamos os 5 docentes colaboradores da pesquisa como P01, P02, P03, P04 e P05

Com base nas respostas dadas aos questionários, apresentamos a seguir os gráficos elaborados, os quais possibilitam uma melhor visualização das tendências identificadas. Cada gráfico será acompanhado de sua respectiva análise, de modo a esclarecer os significados que emergem a partir das informações representadas.

Quando questionados sobre quanto tempo gastam por dia em *Whatsapp*, *Instagram*, *Tik Tok*, *Youtube*, *Telegram* e outros aplicativos de rede social, obtivemos os seguintes resultados dos alunos:

Gráfico 1, do 1º e do 3º ano: tempo gasto em redes sociais.



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Analisando o gráfico, é perceptível que nas práticas dos alunos do 3º ano houve um aumento significativo no número de horas diárias passadas em redes sociais. Podemos ainda constatar que os intervalos de 4- 6h, 6-8h, e mais de 8h, somados, nas turmas do 1º ano, atingiu 46,5 %, enquanto nas do 3º ano, alcançou 73,4% do total.

As redes sociais, por serem mais atrativas, naturalmente prendem a atenção por gerar um certo conforto e, de certa forma, substituem uma análise profunda por algo mais cômodo e superficial. Nesse contexto, Ferreira argumenta:

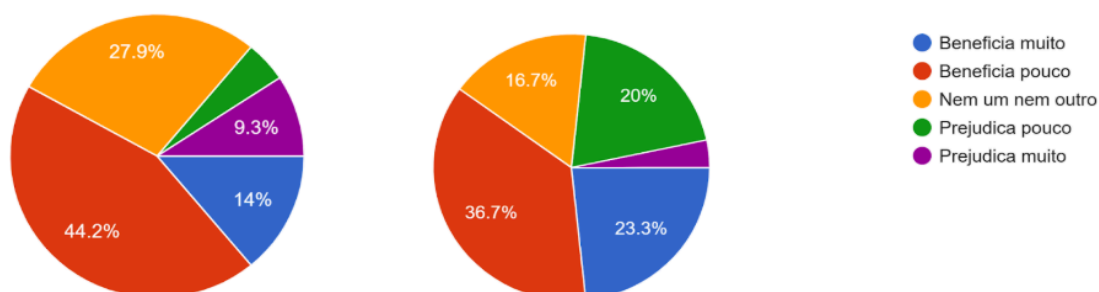
Seriam os youtubers, então, todos, sem exceção, superficiais? Não creio nem defendo essas ideias, mas vejo, com pesar, o abandono do livro impresso e/ou digital e o uso abusivo de informações opinativas de uma série de pessoas, em muitas ocasiões, sem aprofundamento no que dizem, sentem e pensam. (Ferreira, 2023, p. 85)

O consumo excessivo de informações opinativas que não estão pautadas em um referencial mais profundo fomenta o empobrecimento intelectual. Mesmo quando não concordamos com aquelas informações, elas concorrem com o tempo que poderia ser destinado a atividades relacionadas à construção do conhecimento. Essa perspectiva é compatível a de Meira:

No mercado do aprendizado, as escolas oferecem oportunidades de aprender e os aprendizes querem aprender alguma coisa. Nesse caso, a competição não se dá entre formas diferentes de ensino ou estilos de aprendizagem: há uma competição com os games, a Netflix, o WhatsApp, porque nesse mercado o elemento escasso é o tempo. Se eu dedicar 30% do meu tempo para jogar, outros 30% para redes sociais, mais 30% para eu fazer outras coisas, sobra 10% para eu aprender alguma coisa. (Meira, 2021, p. 14)

Quando perguntados “Você acredita que a maior parte do conteúdo que você consome nas redes sociais te beneficia ou prejudica?”, responderam:

Gráficos 2 e 3, do 1º e do 3º ano, respectivamente: sobre se o conteúdo consumido online prejudica ou beneficia.



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

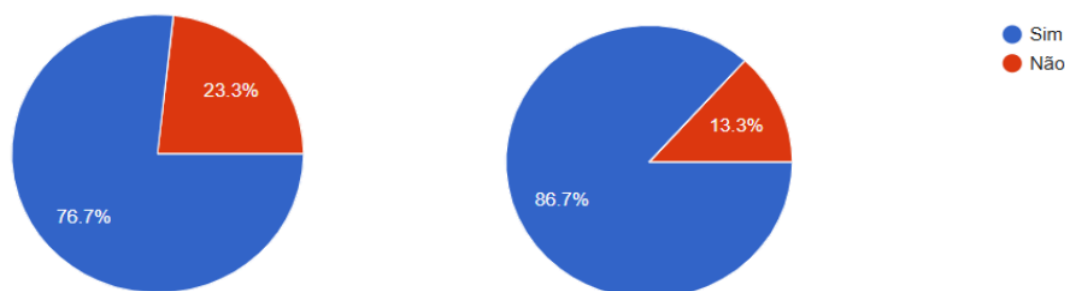
Em ambos os gráficos, percebemos que mais da metade dos alunos entende que consomem conteúdos benéficos nas redes sociais (“beneficia pouco” + “beneficia muito”). Ainda assim, 23% dos alunos do terceiro ano acham que o conteúdo que eles consomem os prejudica de alguma forma.

76,8% dos primeiros anos e 73,4% dos terceiros anos afirmam consumir conteúdos que versam entre o beneficia pouco, o neutro e o prejudica pouco. Ou seja, conteúdos rasos que vão na contramão do conhecimento verdadeiro.

“O conceito OnLife busca justamente fazer uma contribuição positiva para repensar esse mundo hiperligado e assim ter mais hipóteses para compreender problemas educacionais relacionados com as tecnologias digitais.” (STEYER; BASSANI; BEHAR, 2023, p.12)

No que se refere a se esses alunos concordam com a expressão que afirma que o celular se tornou uma “extensão” do nosso próprio corpo, os dados são os que seguem:

Gráficos 4 e 5, do 1º e do 3º ano, respectivamente: “o celular se tornou uma extensão do nosso próprio corpo”.



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Nesse tópico, os gráficos 5 e 6 mostram que tanto os alunos do 1º ano como os do 3º ano, em sua grande maioria, disseram estar de acordo com a ideia de que o celular se tornou uma “extensão do nosso próprio corpo”.

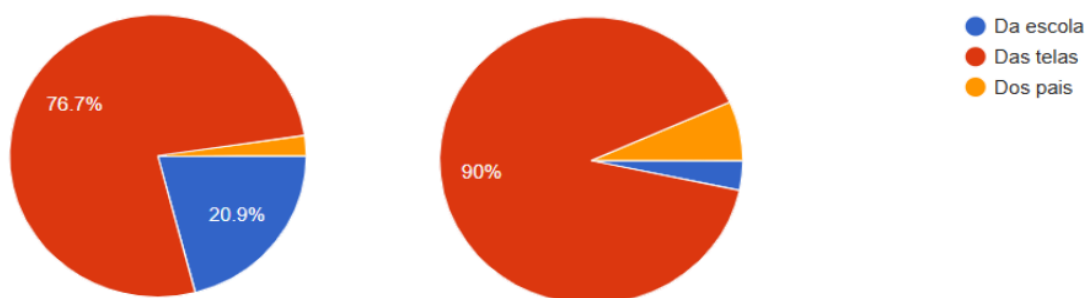
Esta mesma pergunta foi feita aos 5 docentes entrevistados. Todos estão de acordo com essa metáfora. Justificando essa constatação, P02 ressalta: “Porque nos

tornamos dependentes; a todo momento estamos usando e não conseguimos mais ficar sem fazer nada. Quando ficamos sem fazer nada, a primeira coisa que pensamos — por tê-lo na mão — é desbloquear e olhar se tem alguma coisa para fazer, checar tudo de novo. Concordo. Isso é simbólico e acho que reflete justamente essa dependência que vamos criando em relação a ele, de estar conectado. Seja para falar com outras pessoas, para se divertir ou para adquirir conhecimento.”

Essa representação vai muito além de um dado meramente quantitativo, pois esse simbolismo ganha vida nas respostas dos gráficos 1, 2, 3 e 4. Enquanto os gráficos 1 e 2 trabalham com as variáveis tempo e espaço, os gráficos 3 e 4 enfatizam o modo como experienciam essa relação.

Para a pergunta “Com qual linguagem você mais se identifica no processo de assimilação de conteúdos?”, as respostas construíram os gráficos que seguem:

Gráficos 6 e 7, do 1º e do 3º ano, respectivamente: sobre a linguagem com a qual mais se identifica.



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Para os estudantes do primeiro ano, a linguagem da escola está com uma margem significativa (mesmo assim baixa) de adesão, em relação ao grupo do terceiro ano, grupo no qual a aderência à linguagem do ambiente escolar cai para 3,3%. Além disso, a identificação com a linguagem dos pais sobe de 2,3% para 6,7%.

Saltam aos olhos a afinidade que ambas as turmas têm com a linguagem das telas: 76,7% e 90%. Isso é um reflexo de nossa sociedade hiperconectada. Será que os alunos estão aprendendo mais com as telas? Ou eles estão tendo apenas a ilusão de

entender?

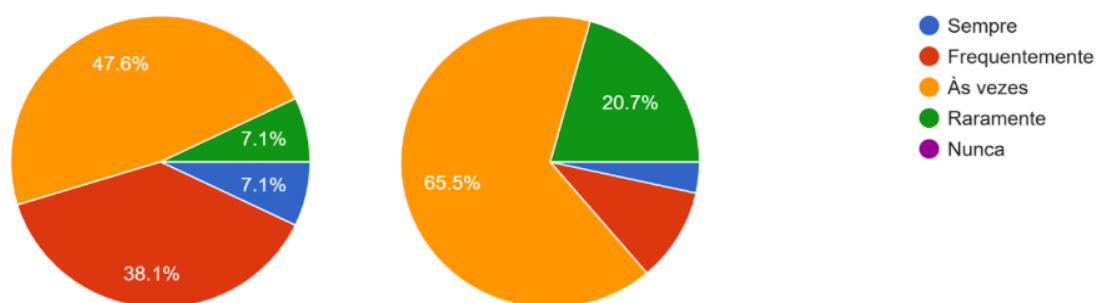
Esses questionamentos corroboram com a opinião de P01: “A maior dificuldade é a falsa compreensão que estudantes compreendem a complexidade do conhecimento. O acesso às respostas prontas e midiáticas não cria raízes com o que se está estudando. Portanto, conhecer (ser informado) e ter conhecimento (domínio do conteúdo) de um tema específico, exige tempo, reflexão e profundo senso de criticidade. Infelizmente o excesso ou exagero de exposição às informações disponíveis na internet não garante nem assegura integridade, confiabilidade e segurança de conhecimento científico e acadêmico com base na formação técnica de profissionais e pesquisa desenvolvidos pelos centros universitários. Portanto, se o estudante não detém um nível de maturidade e senso crítico, tão necessários aos ambientes de informação disponíveis pela internet, então o processo de aprendizagem fica comprometido, permeando um pseudoconceito de suficiência e praticidade aos estudantes.”

Devido à vasta quantidade de conteúdos disponíveis na internet e a preferência pela linguagem das telas, faz-se necessário que o professor realize o trabalho de curador digital. “Primeiramente, o curador busca conteúdo e informações relevantes, depois ele procura adicionar valor às informações, apropriando-se delas, e, por último, compartilha com sua rede de contatos de forma que todos possam compreender e aplicar.” (STEYER; BASSANI; BEHAR, 2023, p.12)

Também é importante que os alunos desenvolvam uma autonomia fundamentada no senso crítico para buscarem conteúdos por conta própria. “No primeiro dia de aula na educação básica, os alunos deveriam começar a aprender por que e como fazer buscas na internet conscientemente. Isso deveria ser obrigatório.” (Meira, 2021, p. 15). Essa ideia pode ser desenvolvida a partir de uma prática pedagógica que a materialize. É o que possibilita a prática denominada “Garimpo Digital” que sugerimos no Produto Educacional. Nela, o professor pede para os alunos buscarem o melhor conteúdo sobre um determinado tema e justificar a escolha. Após isso, o professor deve julgar quem se saiu melhor e explicar o porquê.

No que se refere ao questionamento sobre se consideram que o processo de aprendizagem diante das telas é exercido de forma passiva, os números são os seguintes:

Gráficos 8 e 9, do 1º e do 3º ano, respectivamente: se consideram que o processo de aprendizagem diante das telas é exercido de forma passiva.



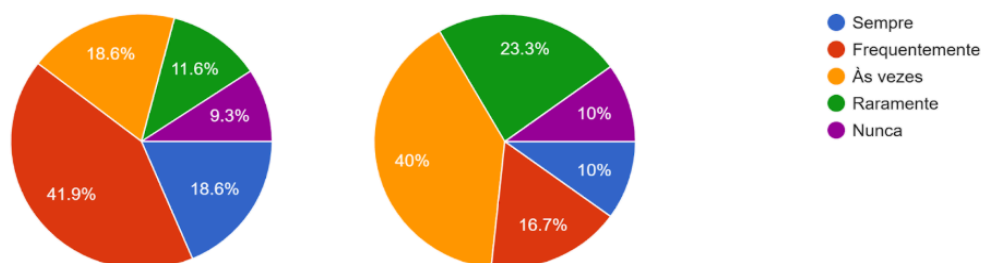
Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

O gráfico do primeiro ano indica que quase metade desses alunos utilizam o método de aprendizagem passiva de forma frequente (frequentemente + sempre). Já o gráfico do terceiro ano mostra uma redução drástica no uso do comportamento passivo. Essa queda se configura nos seguintes dados: 65,5% às vezes e 20% raramente. Isto sinaliza uma maturidade maior do terceiro ano com relação ao uso das telas. Os gráficos 3 e 4 demonstram o uso das redes sociais com a mesma superficialidade. Porém, nos gráficos 9 e 10, o terceiro ano demonstra a busca por uma aprendizagem mais profunda.

Isso corrobora com a ideia expressa por P05: “Tem coisas que se adquirem com a maturidade, outras não. Em relação a essa questão, vejo que a prática pedagógica pode influenciar o aluno mostrando a ele como utilizar esses meios de forma produtiva: as redes sociais, o tempo de tela, aquele espaço. É uma forma de mostrar a eles como utilizar para serem produtivos. Mas essa questão de se conscientizarem em aproveitar esse tempo e não perderem muito tempo com esses dispositivos, vejo que é também uma questão de maturidade à qual eles precisam chegar. E também o papel de mostrar a eles a administração do tempo. Isso também cabe ao professor: orientá-los e mostrar que o tempo é uma matéria-prima escassa, principalmente nos nossos dias.”

Perguntamos: “Quando o professor solicita uma pesquisa, com que frequência você substitui a leitura de textos impressos por vídeos no *Youtube*?”. Responderam:

Gráficos 10 e 11, do 1º e do 3º ano, respectivamente: sobre a substituição do texto impresso por conteúdo no *Youtube*.



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Somadas, as opções “frequentemente” e “sempre” compõem 60,5% do gráfico do primeiro ano. No terceiro ano, o resultado diminuiu para 26,7%. Além disso, “raramente” e “às vezes” mais que dobram. A redução drástica do primeiro para o terceiro ano confirma a análise dos gráficos 9 e 10.

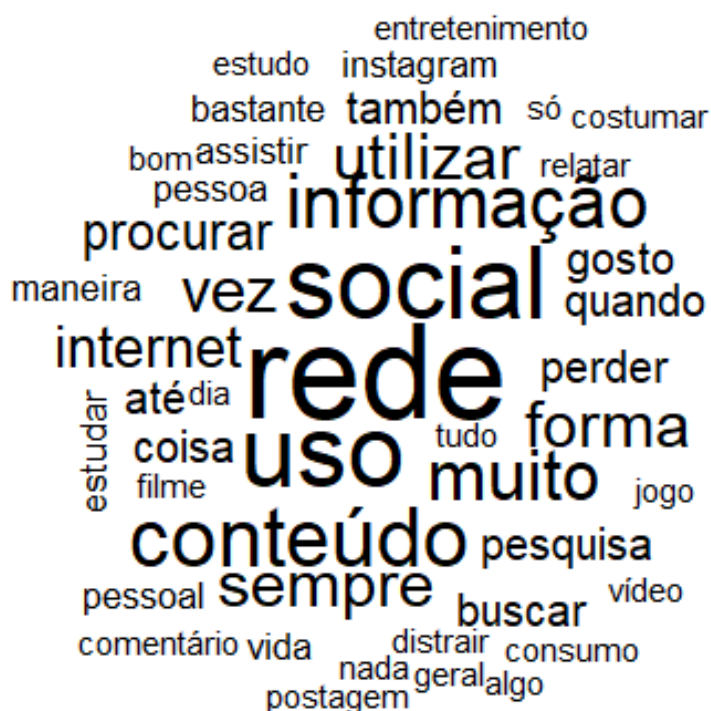
No primeiro ano, a frequência de substituições de textos impressos por vídeos é relevante. Mesmo havendo uma redução no terceiro ano, Ferreira (2023) relata que, ao dialogar com pais e professores, ouve-se com frequência relatos análogos a este:

Tem sido essa a prática desses meus alunos e alunas. Quando pergunto se leram um livro de literatura, por exemplo, me falam que viram um vídeo que tem um resumo, uma resenha e que, por isso, eles optaram por não ler o livro, fazendo, assim, a substituição do texto pela imagem e tentando, com isso, evitar a palavra escrita, favorecendo o império da palavra digital. (FILHO, 2018, p.145)

Nesse sentido, toda essa análise gráfica se insere nessa perspectiva hiperconectada onde a cultura das telas está arraigada no cotidiano de todas as pessoas. Apesar desse potencial, a linguagem das telas, por si só, não educa, é preciso educar para as redes. Ao mesmo tempo, devemos perceber o potencial imenso que pode ser explorado.

Para construção e análise do gráfico 13, uma nuvem de palavras, utilizamos as respostas à pergunta aberta: “De que maneira você age na internet?”.

Gráfico 12: De que maneira você age na internet?



Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Visando colher informações dos discentes sem condicionamentos prévios, aplicamos a seguinte indagação: “De que maneira você age na internet?”, deixando-os se expressar da maneira que os convém. Partindo do núcleo “rede social”, as principais conexões semânticas revelam elementos como informação, conteúdo, estudar, entretenimento e distração. Esses termos nos orientam na direção de seus comportamentos nesse universo digital e servem de subsídio para pensar uma prática pedagógica consonante com a Educação OnLife.

O conceito de “informação” não converge para um único ponto, mas versa entre um sentido mais geral (tudo o que está exposto na internet) e um mais restrito (a busca pelo conhecimento). Será que eles estão meramente absorvendo dados? Ou há um tempo hábil para o processamento que transforma informação em conhecimento?

Atualmente, a internet é um dos meios mais eficazes para o aprendizado quando bem utilizada. Mas, quando mal-empregada, se torna fonte de distrações e empecilho para o próprio processo de construção do saber. Os verbos “buscar” e “procurar” trazem o sentido de um uso que vai além de uma postura passiva. Como exemplo de engajamento

proativo, temos a fala literal de um dos estudantes: “Costumo utilizar a internet para todas as áreas de minha vida. Estudo, organização, entretenimento, pesquisas e passatempo. Apesar do tempo elevado de tela, busco usar as redes sociais de forma inteligente e segura, evitando conteúdos tóxicos e as utilizando a meu favor.”

Em contrapartida, a ausência de uma curadoria pessoal sobre o que se consome torna o indivíduo refém de algoritmos, como exemplificado pelo relato: “De maneira que só perco meu tempo sem procurar benefícios para mim”. Isso revela a diversidade contida nesse ambiente que pode levar aos extremos, gerando um processo de construção ou desconstrução.

Este comentário sintetiza a forma como usam a internet para os estudos: “Uso muito para estudar. Vendo vídeos no youtube e utilizando o ChatGPT como professor particular e assistindo cursos. Apesar de saber o potencial que essa ferramenta tem pra me atrapalhar.”

A maioria dos estudantes reconhece utilizar as redes sociais de forma inadequada, mas demonstra consciência na tentativa de um uso mais eficaz dos meios digitais. Isso é representado através das respostas de dois estudantes: “Eu uso muito as redes sociais e é difícil viver sem, porém venho diminuindo o uso, pois percebi que o conteúdo não estava me beneficiando (mas o bom é que eu nem posto). Mas a internet no geral é ótima como forma de obter conhecimento.” e “Procuro plataformas de redes sociais para além de distrair a cabeça. Como uma forma de analisar os contextos sociais nos momentos cotidianos em nossa sociedade. E também como uma fonte de informação sobre coisas que eu gosto: músicas, filmes, animes e doramas. Procuro agir na internet com responsabilidade, comigo mesma e principalmente com os outros.”

As vozes dos estudantes traduzem o ambiente digital como um facilitador em todas as esferas da vida, englobando estudo, trabalho, lazer e relacionamentos. Essa tendência não volta atrás. Essa junção pode se converter em uma zona de comodidade que emperra o desenvolvimento do pensamento crítico. Não devemos esperar que essa conscientização parta das redes, mas de cada um de nós.

4.2 Tratamento dos dados: Análise Textual Discursiva

Este tópico tem por objetivo trazer as vozes dos participantes da pesquisa e propor uma leitura interpretativa, com base no nosso objeto de estudo, práticas

pedagógicas no contexto de vidas onlife. Nesse sentido, adotamos como metodologia a Análise Textual Discursiva (ATD) que, de acordo com Moraes e Galiuzzi (2016) consiste em uma análise de informações que tem por intento produzir novas compreensões extraídas de discursos.

Segundo esses autores, a ATD tem como essência, por predomínio, uma natureza qualitativa e se caracteriza pela parcialidade, ou seja, o pesquisador se posiciona e, mesmo não compactuando com os princípios de uma pesquisa imparcial, neutra, conserva o rigor científico de caráter objetivo.

Para a coleta dos dados empíricos foi feita uma pesquisa semiestruturada de forma presencial com cinco professores do curso integrado de Desenvolvimento de Sistemas do IFAL (Campus Maceió). Trazemos aqui, o processo de análise desses dados coletados que objetivaram perceber como compreendem a prática pedagógica no contexto de vidas onlife.

Com o intuito de analisar as falas dos professores, colaboradores da pesquisa, buscamos interpretar seus discursos a partir do modo como percebem a prática pedagógica nesse novo contexto. Elegemos a ATD como um método de análise, visto que o nosso intento não visa dar uma resposta, mas propor possíveis caminhos, como enfatiza Moraes (2003, p.191), a ATD

[...] pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação, isto é, não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão.

Desse modo, Moraes e Galiuzzi (2016) descrevem dois movimentos que são essenciais para a ATD, segundo explicam, o primeiro movimento acontece do todo para as partes, ou seja, temos uma análise. Justamente a primeira fase da ATD é analisar, no sentido de fragmentar, de quebrar em partes, quebrar o texto, o discurso. Esse primeiro movimento é chamado de unitarização, que é justamente a identificação das unidades.

Após esse primeiro movimento, dividimos as falas dos colaboradores da pesquisa, organizamos as informações em categorias micro, as quais compõem uma categoria macro. Nossa categoria macro, aqui definida, configura-se enquanto a priori, pois partimos do método dedutivo, ou seja, do geral para o específico, da categoria para as unidades.

Assim, dialogam com os pressupostos teóricos de vida/educação onlife nos

auxiliando a elucidar as percepções contidas nos discursos expressos por esses professores.

Ao concluir as análises, identificamos durante o processo de síntese cinco maneiras de perceber a prática pedagógica no contexto de vidas onlife, estas falas estão escritas no quadro I como unidades de significado e agrupadas em cinco categorias iniciais. Para codificarmos essas falas, utilizamos símbolos da seguinte forma: questão seguida de seu número identificador, por exemplo: Q01 (Questão número 1), acompanhado da identificação do professor P01, P02, P03, P04 e P05 (que são professores 1, 2, 3, 4 e 5). Assim, Q02P05 se refere ao recorte da resposta do professor 5 à questão 2. Com relação aos alunos, nomeamos A01, A02, A03 ... A15 (alunos 1, 2, 3 ... 15).

Tendo por base essas falas e através da nossa interpretação, subsidiada pelo conceito de vida/educação onlife, por meio do processo de categorização de seus discursos expressos ao responder às seguintes perguntas:

Q01 - Que tipo de comportamento essa era hiperconectada nos exige no processo de condução da vida?

Q02 - E como fomentá-lo através da nossa prática pedagógica?

Q03 - Você concorda com a expressão que afirma que o celular “se tornou uma extensão do nosso próprio corpo”?

Q04 - Você diria que essa “extensão” funciona como mecanismo que emperra ou alavanca os processos de ensino e aprendizagem?

Durante esse percurso, identificamos as seguintes categorias iniciais: Pré-requisito/Autoconhecimento; Curiosidade/Curadoria; Dependência; Equilíbrio e Humanização/Presencialidade. Destas, chegamos à categoria final, que denominamos de “percepção dos professores sobre Práticas Pedagógicas no contexto de vidas onlife”.

Quadro 1 – Unidades de significado, categorias iniciais e categoria final (continua)

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CATEGORIA INICIAL	CATEGORIA FINAL
<p>Q04P01 Conhecer (ser informado) e ter conhecimento (domínio do conteúdo) de um tema específico exige tempo, reflexão e profundo senso de criticidade.</p> <p>Q04P01 Se o estudante não detém um nível de maturidade e senso crítico [...] o processo de aprendizagem fica comprometido permeando um pseudo conceito de suficiência e praticidade aos estudantes.</p> <p>Q01P02 Talvez comportamentos sejam até mais importantes do que conhecimento. [...] primeiro de comportamento — é não ter medo de errar, de fazer as coisas, de tentar.</p> <p>Q01P02 Não simplesmente seguir o fluxo de olhar uma rede social a cada momento e ter que consumir novos conteúdos. Acredito que isso pode ter o efeito contrário, que é sugar a pessoa para essa hiperconectividade. Então, acho que vem aí um comportamento de conseguir se conhecer, se perceber em relação a tudo isso.</p>	PRÉ-REQUISITO/AUTOCONHECIMENTO	Percepções dos professores sobre Práticas Pedagógicas no contexto de Vidas Onlife

<p>Q01P02 Talvez o primeiro conhecimento seja o autoconhecimento, o conhecimento da própria pessoa.</p> <p>Q01P03 O tipo de habilidade que as pessoas precisam aprender a desenvolver nessa era hiperconectada é a separação entre a hora de focar no aprendizado [...] e a hora recreacional.</p> <p>Q04P03 Cabe ao usuário o discernimento, saber ligar o modo "não perturbe". Mas isso é um aprendizado próprio.</p> <p>Q02P05 Acredito que eles devem começar a se policiar, a se automonitorar, para terem uma noção de quanto tempo perdem com redes sociais...</p> <p>Q02P05 Tendo essa consciência do tempo que utilizam e perdem, eles começarão a poder reduzir e focar naquilo que é mais importante.</p> <p>Q02P05 Tem coisas que se adquirem com a maturidade, outras não. [...] vejo que é também uma questão de maturidade à qual eles precisam chegar.</p>		
--	--	--

<p>Q01P01 É imprescindível que docentes tratem os tópicos de forma interdisciplinar e vinculados com o uso de atividades em software e aplicativos educacionais.</p> <p>Q04P01 Infelizmente o excesso ou exagero de exposição às informações disponíveis na internet não garante nem assegura integridade, confiabilidade e segurança de conhecimento científico e acadêmico com base na formação técnica de profissionais e pesquisa desenvolvidos pelos centros universitários.</p> <p>Q02P02 Especificamente nas minhas disciplinas, o que tenho trabalhado um pouco é através da curiosidade. Passar problemas que exijam mais dos alunos.</p> <p>Q02P02 Problemas e projetos mais práticos exigem mais do aluno e, através da curiosidade, ele consegue avançar nisso.</p> <p>Q02P03 Fazemos uma curadoria de quais são as boas fontes de informação e mostramos para os alunos que eles podem usá-las, mas nunca abrir mão das referências originais e oficiais.</p> <p>Q01P03 A habilidade que a pessoa precisa desenvolver hoje em dia, ao meu ver, é a separação e a busca por fontes sólidas de informação.</p> <p>Q02P05 A prática pedagógica pode influenciar o aluno mostrando a ele como utilizar esses meios de forma produtiva [...] mostrar a eles como utilizar para serem produtivos.</p>	Curiosidade / Curadoria	
---	--------------------------------	--

<p>Q03P01 Qualquer dispositivo eletrônico mal utilizado tem um retorno ou efeito negativo na relação psico-social dos indivíduos.</p> <p>Q03P01 Neste sentido os celulares têm sido, em certa medida, uma extensão do nosso próprio corpo. [...] estamos dependentes dos aparelhos celulares.</p> <p>Q04P01 A maior dificuldade é a falsa compreensão que os estudantes compreendem a complexidade do conhecimento. O acesso a respostas prontas e midiáticas não cria raízes com o que se está estudando.</p> <p>Q04P02 A partir do momento que perdemos o controle, ficamos super dependentes e o temos justamente como uma extensão, não conseguimos ficar longe; então isso vai atrapalhar.</p> <p>Q03P02 Quando ficamos sem fazer nada, a primeira coisa que pensamos — por tê-lo na mão — é desbloquear e olhar se tem alguma coisa para fazer, checar tudo de novo. [...] reflete justamente essa dependência que vamos criando...</p> <p>Q04P03 Hoje em dia, você se dispõe a fazer uma atividade e o celular é uma constante fonte de interrupção.</p> <p>Q04P04 Emperra a partir do momento em que você desvia do seu foco. Você está fazendo uma tarefa e logo já está em outra coisa que não tem nada a ver.</p> <p>Q04P04 Isso afeta todas as pessoas. Todos nós. Acredito que afeta os adolescentes de forma mais forte, e os idosos também. Vejo que os idosos estão ficando muito dependentes do celular.</p> <p>Q04P05 Emperra, pois tira muito a atenção dos estudantes.</p> <p>Q03P01 Por exemplo, nos celulares encontramos inúmeros aplicativos como câmeras fotográficas, gravação, rádio, Uber, sites de busca, pesquisa, redes sociais, whatsapp, banco, email, etc, entre tantas outras ações estamos dependentes dos aparelhos</p>	<p>Dependência</p>	
--	---------------------------	--

<p>celulares. Contudo, a relação de dependência ainda é uma decisão humana.</p> <p>Q03P05 Concordo, porque ele faz parte do dia das pessoas, mais do que qualquer outro utensílio.</p>		
<p>Q02P01 A palavra é equilíbrio na prática pedagógica. O docente é a balança capaz de dosar a interatividade que a conectividade promove, com as atividades presenciais.</p> <p>Q03P01 A busca pela saúde mental e bem estar requer o uso adequado dos aparelhos celulares, exigindo períodos diários de desconectividade.</p> <p>Q03P01 É possível estabelecer equilíbrio entre o usos dos aparelhos celulares com os momentos de encontro pessoal e manter presencialmente as relações interpessoais.</p> <p>Q04P02 Na verdade, tudo que é exagerado pode atrapalhar. É preciso equilíbrio.</p> <p>Q04P04 Saber dosar o tempo de uso do celular e de computadores na sala de aula ou nas atividades letivas.</p> <p>Q01P05 Acredito que priorizar aquilo que é mais importante no dia a dia. [...] é necessário delimitar o que é mais importante.</p> <p>Q02P05 Isso também cabe ao professor: orientá-los e mostrar que o tempo é uma matéria-prima escassa.</p>	Equilíbrio	

<p>Q01P01 Ao mesmo tempo cabe ao docente ilustrar atividades que o uso da tecnologia não elimina a interpretação e a análise humana nos problemas.</p> <p>Q02P01 A presença do docente é e sempre será imprescindível ao crescimento e desenvolvimento dos adolescentes e jovens. Nenhum sistema on-line [...] irá substituir o papel de formação do docente na sala de aula.</p> <p>Q02P01 A educação, antes de qualquer avaliação, é o ambiente próprio de afeto e partilha, comprometido com o bem estar emocional e profissional do indivíduo.</p> <p>Q03P01 Somos responsáveis por criar laços emocionais fortes e afetivos em nossas relações e nisso não coaduna com relações oriundas do ambiente online.</p> <p>Q01P04 Cuidar da saúde mental e das relações interpessoais, além das relações tecnológicas.</p> <p>Q02P04 Procurando novas metodologias de ensino que se adequem e se adaptem ao uso da tecnologia em sala de aula com o fator humano.</p> <p>Q03P04 Não é extensão do nosso corpo, é extensão das nossas necessidades diárias de funções e relações comerciais e afetivas.</p>	Humanização e Presencialidade	
---	--------------------------------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Com o intuito de explicitar a compreensão que se apresenta como produto de uma combinação dos elementos construídos ao longo dos passos anteriores, passamos à materialização do metatexto que engloba todas as vozes dos professores subsidiado pelo pressuposto teórico que adotamos nesta pesquisa, cujo grande desafio proposto pela ATD é exercitar o diálogo entre o todo e as partes, cuja sua exteriorização está descrita a seguir.

Percepção dos professores sobre prática pedagógica no contexto de vidas onlife

Imbuídos em compreender os modos de pensar dos professores através dos seus discursos sobre práticas pedagógicas no contexto de vidas Onlife, no qual sintetizamos e caracterizamos essa temática no seguinte questionamento: que tipo de comportamento esta sociedade hiperconectada nos exige no processo de condução da vida e como fomentá-lo através de nossa prática pedagógica? Assim, focamos nosso olhar na percepção dos sentidos das palavras expressas na multiplicidade de significados que carregam esses discursos materializados pela expressão de seus pensamentos.

Na primeira categoria, pré-requisito/autoconhecimento, o P02 traz como alicerce, como fundação a Q01, o autoconhecimento como a fonte de todos os outros auto (cuidado, respeito, direção, propósito, etc.). Essa percepção manifestada pelo P02 coaduna com a dos professores P01, P03 e P05. Tudo começa com autoconhecimento. Se eu não me conheço, como vou me amar? Como vou me cuidar? Como vou me desenvolver? O manual de operação do homem, que regula seu nível potencial de ser humano, é a liberdade de se autoconhecer.

Esse comportamento encontra respaldo na competência geral número oito da BNCC, que o descreve como: “Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.” (Brasil, 2018, p.10)

De acordo com o P02, fomentar esse processo através da prática pedagógica pode ser desenvolvido a partir do afloramento da curiosidade que instiga o aprofundamento. Para Jacon (2017, p. 745), “Acredita-se que o conhecimento sistematizado em rede e a criatividade são (e serão) os insumos necessários à formação do capital intelectual docente”. Já o P03 enfatiza a relevância de se fazer uma curadoria de fontes confiáveis de informação e disponibilizá-las para os alunos, sem abrir mão das referências originais. Essas percepções expressas por esses professores estão em consonância com as propostas que fundamentam o conceito de uma educação Onlife.

Em práticas educacionais que envolvem propostas híbridas e orgânicas, é comum que os educadores enfrentem dificuldades para realizar a remixagem e a organização do conteúdo disponível na Web. Assim, surge o conceito de curadoria de conteúdo digital. “A curadoria de conteúdo envolve o processo de buscar e de selecionar, entre a grande quantidade de informações disponível na Web, um

conjunto de conteúdos e apresentá-los de forma significativa e organizada em torno de um tema específico” (Bassani; Magnus, 2020, p.6). A curadoria depende totalmente das competências e a principal característica do curador é a de mediação, o que está em consonância com a sociedade contemporânea. (Steyer; Bassani; Behar, 2023, p.10)

Na categoria dependência o P01 é enfático ao afirmar: "Qualquer dispositivo eletrônico mal utilizado tem um retorno ou efeito negativo na relação psico social dos indivíduos". Para o P02 um sintoma do reflexo dessa dependência é justamente quando não conseguimos ficar sem fazer nada. Essa “onipresença” do celular faz com que o primeiro pensamento que nos vem à mente nesses momentos é desbloqueá-lo, fugir de encarar os nossos próprios pensamentos. "O tédio, antes estímulo para criatividade e reflexão, se torna experiência aversiva – combatida com mais estímulos digitais, reforçando o ciclo de superficialidade e fuga da própria interioridade." (Roza, 2025, p. 5). Contudo, como ressalta o P01, a relação de dependência ainda é uma decisão humana. Há uma linha tênue quando falamos de dependência, pois ela pode indicar tanto uma necessidade real, quanto uma perda do autocontrole. O prefixo auto é um indicativo de que a decisão precede a ação. Essa é a característica que nos define como ser humano. Aqui, torna-se crucial definirmos tecnologia, que, de acordo com Costa e Silva (2013), subsidiado por Vieira Pinto, é justamente essa clareza conceitual que expande nossa visão, pois “a adequada posição sobre o conceito de tecnologia possibilita: a) aproximar-se da essência da técnica; b) visualizar o significado do seu papel; c) compreender a razão das grandes transformações experimentadas ao longo do tempo.” (Costa e Silva, 2013, p.5).

A questão que desafia os processos educacionais de crianças e adolescentes nos dias contemporâneos não é necessariamente a existência de redes sociais digitais, mas sim o fato de essas redes escancararem a ausência de espaço e tempo para ficarmos juntos, para trocarmos ideias, para brincarmos, para nos conhecermos. As redes sociais digitais são como lupas que mostram o silenciamento dentro das casas. (Ferreira, 2023, p. 29 e 30)

O P01 é categórico ao expor seus pensamentos, quando os sintetiza ao argumentar que a palavra de ordem na prática pedagógica é equilíbrio. E que o docente é o articulador dessa mediação. Essa ideia se coaduna com a dos demais professores. Esse equilíbrio não significa necessariamente uma dualidade on/off line, momentos em que um só existe na exclusão do outro, mas evidentemente há momentos de

intraconexão, de interconexão, que precisamos de uma conexão com nós mesmos, com a natureza, com o outro, cara a cara, olho no olho; mas isso não exclui o fato de estarmos em rede, na era da conectividade, vivendo vidas onlife. Para Schlemmer (2021) é justamente esse coengendramento on/off line que vai compor o que entendemos por educação Onlife.

Esse percurso educacional não se desenvolveu vinculado à estrutura física da sala de aula, tampouco num mesmo e único tempo síncrono, igual para todos, tendo a centralidade no professor ou no conteúdo. Essa arquitetura educacional foi profundamente alterada, com a transposição de metodologias, práticas e pedagogias. Ocorreu um processo de invenção, de transubstanciação, alterando a condição habitativa do ensinar e do aprender. (Schlemmer, 2021, p. 49, 50).

Nesse contexto, Floridi (2015) ressalta que o equilíbrio perpassa necessariamente por um projeto de sociedade e de ser humano, onde uma boa cultura atua como um ponto de estabilidade. A prática pedagógica exerce um papel fundamental no desenvolvimento do pensamento crítico, capaz de transformar os conceitos que refletem nossa forma de ser e estar no mundo.

O que parece faltar, nas sociedades ricas, é o envolvimento fundamental com o projecto humano: a quantidade crescente de lazer parece encontrar a nossa cultura despreparada. É como se, tendo trabalhado arduamente para obter o direito de gozar férias, a humanidade pudesse então estar acriticamente despreparada para aproveitar ao máximo o seu recurso mais precioso, o tempo. As tecnologias são usadas primeiro para economizar tempo e depois para matá-lo. Assim, uma das questões políticas prementes que enfrentamos nas sociedades da informação avançadas é: em que tipo de projecto humano estamos a trabalhar? (Floridi, 2015, p.22)

O pensamento exposto por Floridi (2015) vai ao encontro do que preconiza a categoria Humanização e Presencialidade. Nela, destacamos a percepção do P04 sobre a relação que o celular estabelece com o ser humano: “Não é extensão do nosso corpo, é extensão das nossas necessidades diárias de funções e relações comerciais e afetivas.” Apesar de discordar da expressão “extensão do próprio corpo” a opinião dele não contradiz o conceito de vida onlife, pois ele considera o celular como um fator que amplia as nossas relações. Em contraponto com essa opinião, o P01 vai dizer que as nossas relações afetivas não coadunam com o ambiente online. Se aproximando desse pensamento, o P04 ressalta que para usar as tecnologias de forma positiva, é necessário “cuidar da saúde mental e das relações interpessoais, além das relações tecnológicas.”

Tanto na fala do P04, quanto no conceito de educação onlife, há busca por novas metodologias de ensino que se adequem com a conectividade e com o fator humano.

Diante de tudo o que foi experienciado mediante um processo de análise e síntese que resultou na construção deste meta-texto, inferimos que essas percepções, embora não pautadas em um referencial consciente, sinalizam um grau de congruência com a definição de Educação OnLIFE:

A Educação OnLIFE se caracteriza como uma educação ligada (On), conectada à vida (LIFE), portanto os processos de ensino e de aprendizagem se desenvolvem a partir das problematizações do tempo/mundo presente, num percurso de invenção e transubstanciação da educação potencializado por metodologias inventivas (Schlemmer, 2018) e práticas pedagógicas inventivas, simpoiéticas e gamificadas. (Schlemmer, 2020, p.50)

Conforme a autora enfatiza, essa ação inventiva impulsiona a construção do conhecimento a partir das problematizações da contemporaneidade. Simpoiética como sendo uma transformação em rede que parte do ato conectivo entre entidades humanas e não-humanas. Gamificada, pois faz uso de elementos presentes em jogos. A partir dessa conceituação, percebemos que os professores estão cientes da importância de se aprofundar nessa temática.

Quadro 2 - Unidades de significado, categorias

iniciais e categoria final (continua)

<p>A13: "Hoje vivemos também no plano virtual. Tenho amigos nas redes sociais que são mais próximos do que quem realmente está perto de mim. (...) a falsidade existe desde que o mundo é mundo, não começou agora com a Internet não."</p> <p>A15: "Sei lá pra mim é uma extensão da vida real sim. É como se fossem as antigas cartas. Uma forma de manter contato mesmo na distância. (...) Claro que não substitui o contato físico mas quando um amigos ou parente vai viajar conseguimos contato mais rápido..."</p>	<p>Relações/Conexão</p>	
--	-------------------------	--

<p>A01: "Também concordo que 'like não é afeto', já que demonstrar carinho vai além de clicar em um botão... Por outro lado, discordo em parte da ideia de que seguir de volta não é amizade de forma absoluta."</p> <p>A04: "Esse post fala direto com o coração. A imagem transmite solidão e desgaste, como se mostrasse alguém cercado pelo mundo, mas vazio por dentro. A frase lembra uma verdade simples e dura: curtidas não são afeto seguidores não são amizade e redes sociais não substituem a vida real. É um convite silencioso para valorizar o que é verdadeiro — presença, cuidado e conexões reais."</p> <p>A05: "Preocupante pois nós seres humanos somos seres sociais, ou seja, dependente de outros seres humanos para ter uma boa vivência... Existem algumas pessoas que passam demasiado tempo nas redes ao invés da vida real buscando sentimentos e relações que telas são incapazes de fornecer."</p> <p>A08: "Acho que traz uma reflexão sobre a forma como utilizamos as redes sociais como parâmetro para nossas relações. E de como ela interfere na forma como levamos a vida. Se uma postagem minha tem vários likes significa que as pessoas gostam do que faço e de mim se não as pessoas me odeiam. Acabamos nos prendendo a falsa validação virtual e nós esquecemos do valor dos sentimentos verdadeiros."</p> <p>A09: "Like realmente não parece ser expressão de afeto... No frigar dos ovos, likes sozinhos são métricas de vaidade. Não sabemos ao certo a motivação..."</p>	<p>Sentido/Métricas</p>
<p>A02: "Eu realmente acho que like não é afeto... as redes sociais podem nós aproximar, mas em excesso começam a substituir a vida real. E quando isso acontece, a gente vive menos, sente menos e acaba se perdendo dentro de uma tela."</p> <p>A07: "Por fim, a internet sofre do problema de ser praticamente uma 'terra sem lei' onde pessoas se sentem a vontade de praticarem atos repugnantes pois atrás das telas ninguém sabe sobre sua pessoa."</p> <p>A10: "Chega a ser assustador, o que a pessoa não faz se valendo porque está atrás de uma tela, inacessível, destilando seu ódio... Essas são realmente elas porque se sentem inatingível, cômodas, numa terra sem lei."</p> <p>A03: "Com isso, criam uma realidade que só existe na internet, buscando aprovação, muitas vezes de pessoas estranhas, apenas para tentar preencher vazios de relações que deveriam existir na vida real."</p>	<p>Dualismo/Fuga da Realidade</p>

<p>A06: "Eu concordo com a ideia de que rede social não representa a vida real, porque ali a maioria das pessoas mostra só o que quer que os outros vejam. (...) O problema começa quando se confunde o ambiente virtual com a realidade..."</p> <p>A11: "Rede social não tem CPF. É constituída de pessoas. Assim, reflete a vida real. A questão é o ser humano nas suas formas de viver e se representar."</p> <p>A12: "Nós sabemos disso! Mas é a única forma que se tem hoje em dia para lidar com gente que não sabe interagir pessoalmente... ou seja, através desses meios, é que se torna possível a observação destas mal caratíces... É uma droga necessária que desmascara e revela tudo..."</p> <p>A14: "Rede social é real sim! Grande engano das pessoas que utiliza as redes com a finalidade de serem o que não são."</p>	Parecer/Ser	
--	-------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE REDES SOCIAIS DIGITAIS À LUZ DO REFERENCIAL ONLIFE

Baseado no questionamento que fundamenta a pesquisa: “Que tipo de comportamento esta sociedade hiperconectada nos exige no processo de condução da vida e como fomentá-lo através de nossa prática pedagógica?”, adotamos uma atividade que se caracteriza como possibilidade de prática pedagógica em conformidade com o referencial teórico Vida/Educação Onlife.

Visando instigar os estudantes a expressar suas opiniões a respeito de suas próprias experiências nas redes, propomos a análise de um card que suscita o desenvolvimento do pensamento crítico. A postagem foi publicada no Facebook, pela página Pensamento de um Líder, em 21 de setembro de 2024 e está disponível no link: <https://www.facebook.com/share/1CfMMZR9hq/>.



Buscamos entender como eles pensam e se posicionam sobre os diversos níveis de interação fomentados pelas redes.

A primeira categoria, Relação/Conexão, se fundamenta na defesa da utilidade prática das redes sociais, se contrapondo à mensagem expressa no card de uma visão puramente negativa. Segundo o A13, "hoje vivemos também no plano virtual. Tenho amigos nas redes sociais que são mais próximos do que quem realmente está perto de mim. (...) a falsidade existe desde que o mundo é mundo, não começou agora com a Internet não." Por sua vez, o A15 faz uma analogia com as antigas cartas. De acordo com ele, as redes sociais são uma forma de manter contato com aqueles que estão longe. Para ele, não substituem o contato físico, mas são uma extensão da vida real. Essas ideias expressas pelos estudantes corroboram com a posição defendida por Schlemmer (2021),

"Essas tecnologias se configuram como espaços de natureza digital virtual, e tem em si, a potência do encontro síncrono ou assíncrono, oportunizado por diversos tipos, níveis de presença, o que configura uma ecologia de

espaços, presencialidades e formas de interação (Di Felice e Schlemmer, 2011), nos permitindo um habitar atópico (Di Felice, 2009)." (Schlemmer 2021, p. 5)

As experiências retratadas pelos estudantes revelam a imagem de uma sociedade caracterizada pela hiperconectividade. A contemporaneidade nos proporciona novas formas de interação. Independente das peculiaridades de cada modalidade, fazem parte de uma mesma realidade. Tentar compreender as nuances dessas mediações favorece o desenvolvimento do pensamento crítico que nos auxilia na nossa tomada de decisão, e, conseqüentemente, na maneira como agimos. Nesse sentido, Lima Filho (2023) argumenta que a formação humana não pode prescindir do "exercício de pensar criticamente a própria técnica", evitando que a tecnologia seja vista apenas como ferramenta, mas sim submetida a um "crivo ético e político" que considere a presença do ser humano no mundo e com o mundo

No enxerto da categoria inicial Sentido/Métricas, observamos que a discussão gira em torno da essência da validação virtual. Conforme o A01: "Também concordo que 'like não é afeto', já que demonstrar carinho vai além de clicar em um botão... Por outro lado, discordo em parte da ideia de que seguir de volta não é amizade de forma absoluta." Para o A04, a imagem transmite solidão e desgaste, como se mostrasse alguém cercado pelo mundo, mas vazio por dentro. O A04 é categórico ao afirmar que as redes sociais não substituem presença, cuidado e conexões reais. O A08 concorda: "Acho que traz uma reflexão sobre a forma como utilizamos as redes sociais como parâmetro para nossas relações. E de como ela interfere na forma como levamos a vida. (...) Acabamos nos prendendo à falsa validação virtual e nos esquecemos do valor dos sentimentos verdadeiros." As respostas dos alunos não contradizem o conceito de onlife na medida em que eles refletem sobre os diferentes graus de interação que se inserem tanto na modalidade offline quanto na virtual. É o que expressa Schlemmer a partir de Floridi quando nos caracteriza como

"um ser híbrido que emerge em coengendramento num viver e conviver igualmente híbrido, o que torna sem sentido polarizar momentos off-line ou on-line, pois me constituo em ambos e até simultaneamente. Atualmente, vivo uma realidade hiperconectada resultante do hibridismo dos mundos físico, biológico e digital, numa sociedade OnLIFE (Floridi, 2015)." (Schlemmer 2021, p. 5)

Os sentidos que atribuímos às métricas dependem do contexto e da mensagem que queremos transmitir. As interações virtuais não carregam um sentido único, podendo expressar diversos níveis de sentimento.

Refletindo o fenômeno das pessoas que tratam as redes sociais como um mundo à parte, temos a categoria Dualismo/Fuga da Realidade. Para o A02: "(...) as redes sociais podem nos aproximar, mas em excesso começam a substituir a vida real. E quando isso acontece, a gente vive menos, sente menos e acaba se perdendo dentro de uma tela." Corroborando com esse pensamento, Roza (2025) nos adverte que

"Paradoxalmente, tal hiperconectividade intensifica a solidão: superficialidade dos contatos – mediada por telas, sem entonação ou contato humano direto – resulta em vazio relacional e dificulta a construção de laços autênticos. O resultado é uma solidão mascarada por notificações e conversas instantâneas, que estimula um ciclo vicioso de mais conexões em busca de preenchimento." (Roza, 2025, p. 4)

A forma de expressão do A03 - "(...) criam uma realidade que só existe na internet, buscando aprovação, muitas vezes de pessoas estranhas, apenas para tentar preencher vazios de relações que deveriam existir na vida real" - denota um senso comum presente em nosso inconsciente coletivo. Este dualismo é, na verdade, uma ilusão cognitiva. A tentativa de fugir dos problemas gera a ilusão de um mundo paralelo que abre portas para atitudes que instigam vícios e comportamentos primitivos. Isso gera consequências em todos os aspectos da vida, inclusive no que tange à construção de conhecimento. A capacidade das redes sociais de envolver os estudantes por períodos longos e, muitas vezes, despreocupados com a formação acadêmica acaba dificultando os alunos a desenvolver um pensamento crítico.

Parecer/Ser: O A06 expressa sua percepção sobre as redes sociais: "Eu concordo com a ideia de que rede social não representa a vida real, porque ali a maioria das pessoas mostra só o que quer que os outros vejam. (...) O problema começa quando se confunde o ambiente virtual com a realidade...". No entanto, o problema não está na confusão entre o online e o offline, mas entre o parecer e o ser. Para Roza (2025), a preocupação com a aparência não é algo necessariamente ruim. De acordo com ele:

"No ambiente digital, a necessidade do disfarce se intensifica, tornando-se estratégia quase obrigatória para aceitação social. O palco digital

potencializa a maleabilidade das identidades: o indivíduo adapta suas subjetividades conforme o ambiente e o público, não como falsidade, mas em resposta às demandas de adaptação e reconhecimento. (Roza, 2025, p. 3)"

Se alinhando ao pensamento de Roza (2025), o aluno 11 afirma: "Rede social não tem CPF. É constituída de pessoas. Assim, reflete a vida real. A questão é o ser humano nas suas formas de viver e se representar." Todas essas relações exercem algum tipo de influência no processo de construção do conhecimento por parte do aluno. Para Schlemmer (2021), o ambiente de aprendizagem, portanto, não é isolado; ele é parte de uma ecologia de espaços e presencialidades que impactam diretamente a prática pedagógica.

Essa visão do aluno A11 se aproxima da Teoria da Atividade abordada por Machado (2013) através de Leontiev, onde a atividade humana (incluindo a digital) é impulsionada por motivos e necessidades, gerando ações que transformam tanto o meio quanto o próprio sujeito e suas relações sociais. O "parecer" nas redes é, portanto, uma ação humana dotada de intencionalidade e contexto social, e não algo separado da constituição do sujeito.

As categorias (Relações/Conexão, Dualismo/Fuga da Realidade, Sentido/Métricas e Parecer/Ser) demonstram que os estudantes expressam a mesma realidade a partir de polos opostos. O fato dessas percepções apresentarem tantas contradições, manifesta que a diversidade de experiências nas redes sociais são elementos que compõem o mundo real. São elas que ditam e representam sua forma de ser e estar no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu da constatação de que vivemos imersos em um mundo hiperconectado, experienciando "vidas OnLIFE". Nessa realidade, como afirma Floridi (2015), as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) deixaram de ser meras ferramentas para se tornarem "forças ambientais" que afetam radicalmente a nossa condição humana e abalam nossos quadros referenciais. Diante desse cenário, que expõe a demanda de uma nova postura educacional, esta pesquisa se propôs a discutir "práticas Pedagógicas no Contexto de Vidas OnLIFE: Por Dentro da Vida nas Redes Sociais no Ensino Médio Integrado".

O objetivo geral deste estudo foi analisar o comportamento expresso nas interações digitais dos discentes e a percepção dos docentes sobre esse fenômeno, visando fomentar a construção de práticas pedagógicas alinhadas ao contexto da educação OnLife. Consideramos que este objetivo foi alcançado. No Capítulo 04, apresentamos e analisamos os dados coletados junto aos sujeitos, mapeando suas percepções e usos das redes. Além disso, realizamos o objetivo geral no produto educacional, uma cartilha de práticas pedagógicas no contexto de vidas onlife, que instiga os professores a refletir sobre a própria prática pedagógica diante dessas transformações e implicações geradas pela conectividade.

Os objetivos específicos também foram desenvolvidos. Durante esse processo de acompanhar os estudantes, por um período de dois meses, seguimos a rotina de alguns discentes dos primeiros e terceiros anos no *Instagram* e no *TikTok*. Observamos suas postagens e a maneira como agiam nas redes sociais. Para entender melhor como a vida hiperconectada influencia o aprendizado dos alunos, realizamos questionários em sala de aula. Para melhor interpretar os dados coletados, utilizamos o método de Análise Textual Discursiva (ATD), e o auxílio de ferramentas digitais como o Google Forms e o Iramuteq.

O segundo objetivo era "analisar, através da Análise Textual Discursiva (ATD), as percepções dos docentes e discentes sobre os desafios da hiperconexão e sua relação com os processos de ensino e aprendizagem". Este objetivo foi desenvolvido em dois momentos centrais: primeiro, no Capítulo 02, onde estabelecemos o referencial teórico que trata da vida/educação OnLife a partir de exemplos práticos que evidenciam a sua pertinência; segundo, no Capítulo 04, onde aplicamos esses conceitos críticos para embasar a análise dos dados coletados, interpretando as respostas e percepções dos

participantes sobre como experienciam essa realidade e suas implicações nos processos de ensino e aprendizagem.

O terceiro objetivo específico foi "correlacionar as diretrizes da BNCC e do PPC do curso com os princípios da educação OnLife". Este ponto foi alcançado no capítulo 3.2, ao estabelecermos um diálogo no qual os dois documentos apontam para um alinhamento com a perspectiva de vida/educação OnLife.

Delineamos como último objetivo: “desenvolver um Produto Educacional (PE), na modalidade cartilha, fundamentado nos resultados da pesquisa, que discuta princípios e orientações para práticas pedagógicas que fomentem a inventividade, a cocriação e a colaboração como fundamentos de uma educação OnLife”. A cartilha “Práticas Pedagógicas no contexto de vidas OnLife” nos leva por um caminho de reflexão que propõe sugestões práticas de implementação subsidiadas por esses conceitos.

A pesquisa partiu da seguinte hipótese: "essa realidade OnLIFE, na qual vivemos, projeta desafios na nossa prática, enquanto professores". Esta hipótese foi confirmada pelos dados coletados: os estudantes estão imersos na cultura digital - 46,5% dos alunos do 1º ano e 73,4% do 3º ano passam mais de 4 horas diárias em redes sociais (Gráficos 1 e 2) e dentre as 3 linguagens referenciadas pela pesquisa (das telas, dos pais e da escola), 76,7% do primeiro ano e 90% do terceiro ano se identificam mais com a linguagem das telas no processo de assimilação de conteúdos (Gráficos 7 e 8).

Com relação à problemática da pesquisa: "que tipo de comportamento esta sociedade hiperconectada nos exige no processo de condução da vida e como fomentá-lo através de nossa prática pedagógica?", este estudo aponta a necessidade de desenvolver um processo contínuo de reflexão sobre essa nova conjuntura digital que nos perpassa e suas possíveis implicações em nossas vidas. Foi evidenciado pela pesquisa que o desenvolvimento do pensamento crítico é consequência do autoconhecimento. Os dados observados demonstram a necessidade de uma nova formação docente que supere o uso instrumental das TDIC e que promova os princípios de uma educação OnLife que têm como fundamento os pilares da inventividade, da colaboração e da cocriação.

Para alcançar tais resultados, a metodologia adotou um "caráter cartográfico", focada em "acompanhar processos", pois nossas relações são dinâmicas e não podem ser analisadas de forma estática. Os dados foram gerados por meio do acompanhamento

dos 15 discentes no Instagram e TikTok, complementados por rodas de conversa e questionários. Também foram feitas entrevistas semi-estruturadas com 5 docentes, a fim de colher suas impressões e considerações a respeito do tema e o tipo de abordagem pedagógica implementada por eles diante desse contexto. A análise do material seguiu os preceitos da "análise textual discursiva (ATD)", permitindo a construção de categorias e "metatextos" que revelaram as percepções dos sujeitos.

Por fim, a cartilha propõe 10 Práticas pedagógicas que os docentes podem aplicar visando aprofundar uma perspectiva crítica em contexto onlife:

1 - Investigação Contextualizada - Utilizar a pesquisa guiada para ampliar a discussão sobre um determinado tema.

2 - Debates Assíncronos - Incentivar os alunos a comentar em uma postagem instigante e, a partir desses comentários, criar uma discussão em sala de aula.

3 - Curadoria Digital - Pesquisar conteúdos, selecionar bons materiais e significá-los para compartilhar com os alunos.

4 - Rastreamento de Desinformações - Pedir que os alunos verifiquem a veracidade de algumas notícias e expliquem os métodos utilizados;

5 - Estudo Híbrido - Solicitar um trabalho que utiliza recursos online, mas que deve ser escrito à mão;

6 - Garimpo Digital - Os alunos buscam o melhor conteúdo sobre um determinado tema e justificam a escolha;

7 - Edição Colaborativa - O professor inicia um documento sobre um assunto e, em turnos, os alunos fazem edições com sugestões de melhoria (Kaizen) para melhorar o projeto.

8 - Análise de Comentários - Usar como estudo de caso uma seção de comentários de rede social relacionada ao tema da aula.

9 - Contra-Algoritmo - A partir dos resultados de uma busca no Google, inventar um algoritmo de classificação (ex: relevância, viés político, confiabilidade) para justificar qual resultado é o pior, qual é o melhor, e por quê.

10 - Aba Única - Os alunos são desafiados a trabalhar com apenas uma aba do navegador aberta por vez. O objetivo é que eles mantenham a concentração e o foco durante a pesquisa.

Apesar de atender satisfatoriamente a todos os objetivos estipulados, faz-se necessário abordar as limitações às quais a pesquisa está submetida. Um dos problemas enfrentados foi a limitação de dados gerados a partir do acompanhamento dos estudantes nas redes sociais por um período de dois meses, nos impulsionando a mudar a rota e buscar outras estratégias que pudessem fornecer maior densidade. Outra lacuna é a necessidade de um teste prático da eficácia das práticas pedagógicas sugeridas no produto educacional, que só será possível ao longo do tempo, de acordo com as necessidades específicas das turmas e as peculiaridades de cada docente na forma de abordar o tema. Os meios sugeridos na cartilha não garantem, por si só, a eficácia dos resultados. Apesar de dar início a um processo de criação de novas práticas, não visamos entregar fórmulas prontas, mas instigar a criatividade individual dos professores. Devido a barreiras geográficas e temporais, o escopo da pesquisa se limitou a 20 participantes: 5 docentes e 15 discentes.

Salientamos que esta pesquisa buscou articular a reflexão teórica com a práxis pedagógica. É fundamental que as novas pesquisas busquem um alinhamento ainda maior entre a educação onlife e uma perspectiva crítica que compreenda a tecnologia como extensão da consciência humana, reconhecendo-a, assim, como ambiente projetado pela ação do homem. Ressaltamos a necessidade de aprofundar os conceitos aqui abordados, implementando o que sugerimos e elaborando novas práticas pedagógicas que atendam aos critérios de acordo com as propostas de inventividade e cocriação.

REFERÊNCIAS

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. O funcionamento da atenção na cartografia. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

CAMILLONI, Alicia. El saber sobre el trabajo en el currículo escolar. **Anales de la Educación Común**, Tercer siglo, ano 2, n. 3, 2006. Dirección General de Cultura y Educación de la Provincia de Buenos Aires. Disponível em: <http://www.redetis.org.ar/node.php?id=100482&elementid=6759>. Acesso em: 30 dez. 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Capitalismo e esquizofrenia Vol. 2: mil platôs**. Tradução de Brian Massumi. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.

DI FELICE, M.; SCHLEMMER, E. As ecologias da presencialidade na Educação OnLIFE. **Revista EDT, Educação Temática Digital**, Campinas, 2021. (No prelo).

FERREIRA, H. M. **A geração do quarto: quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2023.

FLORIDI, Luciano. **The onlife manifesto: being human in a hyperconnected era**. New York: Springer Nature, 2015.

GALIAZZI, Maria do Carmo; RAMOS, Maurivan Güntzel; MORAES, Roque (org.). **Aprendentes do aprender [curso eletrônico]: um exercício de análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2021. (Coleção Educação nas Ciências).

GINESTIÉ, Jacques. ¿Qué metodología para qué educación tecnológica? *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL EL DESAFÍO DE UNA EDUCACIÓN TECNOLÓGICA PARA TODOS EN EL PROGRAMA MECE, 2000, Santiago. **Anais [...]**. Santiago, 2000. Disponível em: <http://www.aix-mrs.iufm.fr/formations/filieres/te/recherche/publications/ginestie/sommaire.htm>. Acesso em: 17 set. 2012.

HAUDRICOURT, André-Georges. La technologie, science humaine. **La pensée**, Paris, n. 115, p. 28-35, maio/jun. 1964. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5816034v/f30.image.langPT>. Acesso em: 16 set. 2012.

JACON, Maria do Carmo Moreira. **Práticas Pedagógicas na Educação Profissional Tecnológica: reflexões à luz de correntes teóricas modernas e contemporâneas**. São Paulo: Academia, 2017.

KUENZER, A. Z. **Trabalho e escola: a aprendizagem flexibilizada**. *In*: REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED – ANPED SUL, 11., 2016, Curitiba. **Anais [...]** Curitiba: UFPR, 2016. p. 1-22. Disponível em: <http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-21-Educa%C3%A7ao-e-Trabalho.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2024.

LEONTIEV, Alexis Nikolaievich. **Actividad, conciencia, personalidad**. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1983.

LÉVY, Pierre. **O futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 1993.

LIMA, Amanda Duarte. **Cartilha: os fundamentos e a organização do trabalho**. Fortaleza: Instituto Federal do Ceará (IFCE), 2019. Trabalho de Mestrado (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT) – Campus Fortaleza.

LIMA FILHO, Domingos Leite. A inter-relação trabalho, tecnologia, ciência e cultura como base para a formação integral na Educação Profissional e Tecnológica. *In*: LIMA FILHO, Domingos Leite; SANTOS, José Deribaldo Gomes dos; NOVAES, Henrique Tahan (org.). **Educação profissional no Brasil do século XXI: políticas, críticas e perspectivas: vol. 2**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023. p. 25-48. DOI: <https://doi.org/10.36311/2023.978-65-5954-344-1.p25-48>.

MAGALHÃES, Dulce. **Manual da disciplina para indisciplinados**. 1. ed. São Paulo: Benvirá, 2012.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHykhL5pM5tXzdj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2024.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. Por um novo conceito e paradigma de educação digital OnLIFE. **Revista UFG (on-line)**, v. 20, p. 2-35, 2020.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. v. 1, n. 1.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

PEREIRA, Fábio. **Nudge: assumo o controle das suas telas**. São Paulo: Editora Gente, 2023.

PRENSKY, Marc. Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. **On the Horizon**, New York: MCB University Press, v. 9, n. 5, Oct. 2001. Disponível em: http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf. Acesso em: 7 nov. 2017.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ROZA, José Alberto. A engenharia do eu: redes sociais e a construção da subjetividade contemporânea. **Revista CULT**, 2025. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/engenharia-do-eu-redes-sociais-e-construcao-da-subjetividade-contemporanea>. Acesso em: 28 set. 2025.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. Barão Geraldo: Autores Associados, 1982.

STEYER, Daiana; BASSANI, Patrícia Scherer; BEHAR, Patrícia Alejandra. Pistas para um Modelo Pedagógico para Educação OnLife com Foco no Personal Learning Enviroment (PLE). **Revista e-Curriculum**, São Paulo, 2023.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXOS

APÊNDICE 1

INFORMAÇÕES E USO DAS REDES SOCIAIS X PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

PAUTA PARA CONVERSA COM PROFESSORES

ITENS A SEREM ABORDADOS:

- 1 Educação x sociedade
- 2 BNCC (letramento digital)
- 3 TDIC e educação sistematizada (possibilidade de uso e dificuldades)
- 4 Comportamento dos alunos
- 5 Guerra cultural
- 6 Prática pedagógica
- 7 Educação Onlife

INFORMAÇÕES E USO DAS REDES SOCIAIS X PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

PROFESSORES

Este Questionário compõe a pesquisa: “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”, sob responsabilidade do pesquisador Givaldo Silva Jatobá e orientação do Prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes (ProfEPT/Ifal).

Desde já, agradecemos pela disponibilidade do seu tempo e a gentileza da sua atenção em responder a este Questionário, a fim de que nos sirva como um dos instrumentos de coleta de dados. Asseguramos que a sua identidade será preservada para fins éticos em todo o processo investigativo. Esclarecemos que, em quaisquer momentos, você poderá recusar a continuidade de sua participação neste processo.

Givaldo Silva Jatobá– Mestrando (ProfEPT/Ifal)
Prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes – Orientador (ProfEPT/Ifal)

OBJETIVOS: Analisar por meio de uma perspectiva crítica as implicações pedagógicas da vida OnLIFE no processo de ensino-aprendizagem.

Elaborar, após resultados, uma cartilha como produto educacional, que tem como tema: Práticas Pedagógicas para uma realidade hiperconectada.

- 1 Que tipo de comportamento essa sociedade nos exigirá no processo de condução da vida?

2 E como fomentá-lo através de nossa prática pedagógica?

3 Você concorda com a expressão que afirma que o celular “se tornou uma extensão do nosso próprio corpo”? Por que?

4 Você diria que essa “extensão” funciona como um mecanismo que emperra ou alavanca o processo de aprendizagem? Justifique sua resposta.

APÊNDICE 2

INFORMAÇÕES E USO DAS REDES SOCIAIS X PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

PAUTA PARA RODAS DE CONVERSA COM ESTUDANTES

ITENS A SEREM ABORDADOS:

- Horas que passam nas redes sociais
- Postagens (horário)
- Seguidores
- Vídeos assistidos
- Tipos de vídeos
- Redes sociais e relações familiares e sociais
- Função das redes sociais
- Uso do celular fora e dentro da escola

**INFORMAÇÕES E USO DAS REDES SOCIAIS X PROCESSO
ENSINO-APRENDIZAGEM**

ESTUDANTES DO TERCEIRO ANO

Este Questionário compõe a pesquisa: “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”, sob responsabilidade do pesquisador Givaldo Silva Jatobá e orientação do Prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes (ProfEPT/Ifal).

Desde já, agradecemos pela disponibilidade do seu tempo e a gentileza da sua atenção em responder a este Questionário, a fim de que nos sirva como um dos instrumentos de coleta de dados. Asseguramos que a sua identidade será preservada para fins éticos em todo o processo investigativo. Esclarecemos que, em quaisquer momentos, você poderá recusar a continuidade de sua participação neste processo.

Givaldo Silva Jatobá– Mestrando (ProfEPT/Ifal)
Prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes – Orientador (ProfEPT/Ifal)

1. Quanto tempo você gasta por dia em Whatsapp, Instagram, Tik Tok, Youtube, Telegram e outros aplicativos de rede social?
 0 - 2h 4 - 6h +8h
 2 - 4h 6 - 8h
2. Você concorda com a expressão que afirma que “o celular se tornou uma extensão do nosso próprio corpo”?
 Sim Não
3. Você tem o hábito de levar o celular e fazer uso dele ao ir ao banheiro?
 Sempre Frequentemente Às vezes
 Raramente Nunca
4. Você costuma examinar a qualidade do conteúdo das informações que você consome nas redes sociais?

Sempre Frequentemente Às vezes

Raramente Nunca

5. Com qual linguagem você mais se identifica no processo de assimilação de conteúdos?

Da escola Das telas Dos pais

6. Você considera que o processo de aprendizagem diante das telas é exercido de forma passiva?

Sempre Frequentemente Às vezes

Raramente Nunca

7. Os professores procuram relacionar os conteúdos trabalhados em sala de aula ao contexto social dos alunos no ambiente digital no qual a sociedade está imersa?

Sempre Frequentemente Às vezes

Raramente Nunca

8. Quando o professor solicita uma pesquisa, com que frequência você substitui a leitura de textos impressos por vídeos no Youtube?

Sempre Frequentemente Às vezes

Raramente Nunca

9. Você define o propósito de sua entrada nas redes sociais antes de sua ação propriamente dita?

- Sempre Frequentemente Às vezes
 Raramente Nunca

10. Você acredita que a maior parte do conteúdo que você consome nas redes sociais te beneficia ou prejudica?

- beneficia muito beneficia pouco prejudica muito
 prejudica pouco nem um nem outro

11. Você tem dificuldade de se concentrar e costuma perder a paciência ao assistir um vídeo longo?

- Sempre Frequentemente Às vezes
 Raramente Nunca

12. De 1 a 5, durante esses 3 anos nas redes sociais do IFAL, como você avalia a eficácia na divulgação das informações?

- 5 4 3
 2 1

13. De 1 a 5, que nota você dá à interação que você estabelece com as redes sociais do IFAL?

- 5 4 3
 2 1

14. Quais as principais dificuldades que você encontra na sua relação com as redes sociais do IFAL? O que poderia ser melhorado?

15. De que maneira você age na internet?

16. Diante dessas indagações propostas, reservo o espaço abaixo para tecer suas críticas, sugestões e/ou comentários acerca do tema:

APÊNDICE 3

INFORMAÇÕES E USO DAS REDES SOCIAIS X PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

PAUTA PARA RODAS DE CONVERSA COM ESTUDANTES

ITENS A SEREM ABORDADOS:

- Horas que passam nas redes sociais
- Postagens (horário)
- Seguidores
- Videos assistidos
- Tipos de vdeos
- Redes sociais e relações familiares e sociais
- Função das redes sociais
- Uso do celular fora e dentro da escola

**INFORMAÇÕES E USO DAS REDES SOCIAIS X PROCESSO
ENSINO-APRENDIZAGEM**

ESTUDANTES DO PRIMEIRO ANO

Este Questionário compõe a pesquisa: “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”, sob responsabilidade do pesquisador Givaldo Silva Jatobá e orientação do Prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes (ProfEPT/Ifal).

Desde já, agradecemos pela disponibilidade do seu tempo e a gentileza da sua atenção em responder a este Questionário, a fim de que nos sirva como um dos instrumentos de coleta de dados. Asseguramos que a sua identidade será preservada para fins éticos em todo o processo investigativo. Esclarecemos que, em quaisquer momentos, você poderá recusar a continuidade de sua participação neste processo.

Givaldo Silva Jatobá– Mestrando (ProfEPT/Ifal)
Prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes – Orientador (ProfEPT/Ifal)

17. Quanto tempo você gasta por dia em Whatsapp, Instagram, Tik Tok, Youtube, Telegram e outros aplicativos de rede social?

- 0 - 2h 4 - 6h +8h
 2 - 4h 6 - 8h

18. Você concorda com a expressão que afirma que “o celular se tornou uma extensão do nosso próprio corpo”?

- Sim Não

19. Você tem o hábito de levar o celular e fazer uso dele ao ir ao banheiro?

- Sempre Frequentemente Às vezes
 Raramente Nunca

20. Você costuma examinar a qualidade do conteúdo das informações que você consome nas redes sociais?

Sempre Frequentemente Às vezes

Raramente Nunca

21. Com qual linguagem você mais se identifica no processo de assimilação de conteúdos?

Da escola Das telas Dos pais

22. Você considera que o processo de aprendizagem diante das telas é exercido de forma passiva?

Sempre Frequentemente Às vezes

Raramente Nunca

23. Os professores procuram relacionar os conteúdos trabalhados em sala de aula ao contexto social dos alunos no ambiente digital no qual a sociedade está imersa?

Sempre Frequentemente Às vezes

Raramente Nunca

24. Quando o professor solicita uma pesquisa, com que frequência você substitui a leitura de textos impressos por vídeos no Youtube?

Sempre Frequentemente Às vezes

Raramente Nunca

25. Você define o propósito de sua entrada nas redes sociais antes de sua ação propriamente dita?

- Sempre Frequentemente Às vezes
 Raramente Nunca

26. Você acredita que a maior parte do conteúdo que você consome nas redes sociais te beneficia ou prejudica?

- beneficia muito beneficia pouco prejudica muito
 prejudica pouco nem um nem outro

27. Você tem dificuldade de se concentrar e costuma perder a paciência ao assistir um vídeo longo?

- Sempre Frequentemente Às vezes
 Raramente Nunca

28. Diante dessas indagações propostas, reservo o espaço abaixo para tecer suas críticas, sugestões e/ou comentários acerca do tema:

ANEXO 1

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Ministério da Educação
Instituto Federal de Alagoas – IFAL
Campus Maceió

TERMO DE COMPROMISSO

Senhor(a) coordenador(a) do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos do Instituto Federal de Alagoas (CEPSH/Ifal)

Eu, Givaldo Silva Jatobá, proponente do projeto de pesquisa intitulado “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes, comprometo-me a dar início à pesquisa de campo ou coleta de dados, referentes a essa pesquisa, somente após apreciação e aprovação pelo CEPSH/Ifal e parecer de aprovação disponível na Plataforma Brasil.

Asseguro o caráter anônimo dos dados coletados em documentos ou junto aos participantes e, quando da divulgação dos resultados, as identidades dos participantes serão preservadas, salvo quando estes manifestarem desejo em contrário. Os materiais da pesquisa: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Termo de Assentimento Livre e respostas dos questionários, serão mantidos em confidência estrita, em arquivo, físico ou digital, sob minha guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa.

Responsabilizo-me pelo andamento, realização e conclusão da pesquisa conforme o Protocolo de Pesquisa encaminhado ao CEPSH/Ifal ou, em caso de modificações, informá-las ao Comitê. Declaro que as informações fornecidas nos documentos são verdadeiras e que nenhuma informação relevante para a análise ética foi omitida. Comprometo-me a encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, ou justificar ao CEPSH/Ifal, ou à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) a não publicação dos resultados, bem como a encaminhar relato sobre eventos adversos

decorrentes da pesquisa.

Declaro que li e entendi as Resoluções (CNS) 466/2012, 510/2016 e suas complementares e enviaremos ao CEPESH/Ifal, via Plataforma Brasil, o relatório parcial e relatório final, ou justificativa, a qualquer momento, se o estudo for interrompido.

Maceió - AL, _____ de _____ de _____.

Givaldo Silva Jatobá
Pesquisador Responsável

ANEXO 2

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Ministério da Educação
Instituto Federal de Alagoas – IFAL
Campus Maceió

**TERMO DE CONCORDÂNCIA DOS SERVIÇOS ENVOLVIDOS DA INSTITUIÇÃO
PROPONENTE**

Maceió (AL), 10 de Junho de 2024.

Senhor(a) Coordenador(a) do CEPESH/Ifal

Declaramos que nós da Direção-Geral, do Campus Maceió, estamos cientes e de acordo em que serão desenvolvidas rodas de conversas com estudantes da primeira e terceira série do curso de Desenvolvimento de Sistemas no Ensino Médio Integral, após acompanhar seus processos de interação no Instagram e no TikTok por um período de dois meses, em apoio a realização da pesquisa “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”, observadas as resoluções 466/2012, 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNE) e suas complementares, pelo pesquisador Givaldo Silva Jatobá, estudante do curso do Mestrado em Educação Profissional do Instituto Federal de Alagoas, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes, nas nossas dependências, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos do Instituto Federal de Alagoas (CEPSH/Ifal), até o seu final, previsto para o mês de setembro de 2024.

Diretor-Geral do Campus Maceió

ANEXO 3

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Ministério da Educação
Instituto Federal de Alagoas – IFAL
Campus Maceió**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO
DE IMAGEM, SOM DE VOZ E DEPOIMENTOS PARA FINS DE PESQUISA
(ESTUDANTE – MAIOR DE 18 ANOS)**

Eu,

___, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem, som de voz e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), *AUTORIZO* a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”, sob responsabilidade de Givaldo Silva Jatobá, vinculado ao Curso do Mestrado em Educação Profissional do Instituto Federal de Alagoas.

Minha imagem, som de voz e/ou depoimentos podem ser utilizados apenas para análise por parte da equipe de pesquisa, apresentações em conferências profissionais e/ou acadêmicas e atividades educacionais.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem, nem som de voz, nem depoimentos por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitada anteriormente.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem, som de voz e/ou depoimentos, em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com a participante.

Assinatura da participante

Assinatura do pesquisador

Maceió (AL), _____ de _____ de _____.

ANEXO 4

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Ministério da Educação
Instituto Federal de Alagoas – IFAL
Campus Maceió**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO
DE IMAGEM, SOM DE VOZ E DEPOIMENTOS PARA FINS DE PESQUISA
(ESTUDANTE – MENOR DE 18 ANOS)**

Eu,

___, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem, som de voz e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), *AUTORIZO* a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”, sob responsabilidade de Givaldo Silva Jatobá, vinculado ao Curso do Mestrado em Educação Profissional do Instituto Federal de Alagoas.

Minha imagem, som de voz e/ou depoimentos podem ser utilizados apenas para análise por parte da equipe de pesquisa, apresentações em conferências profissionais e/ou acadêmicas e atividades educacionais.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da sua imagem, nem som de voz, nem depoimentos por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitada anteriormente. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às

imagens, sons de voz e/ou depoimentos são de responsabilidade do pesquisador responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da imagem, som de voz e/ou depoimentos da menor à qual sou responsável, em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Lei Nº 13.146/2015).

Este documento foi elaborado em três vias, uma ficará com o pesquisador responsável pela pesquisa, outra com a participante e a outra com o(a) responsável pela participante.

Assinatura da participante



Assinatura do Responsável pela Participante da Pesquisa

Assinatura do pesquisador

Maceió (AL), _____ de _____ de _____.

ANEXO 5



**Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos do
Instituto Federal de Alagoas – CEPESH/Ifal**

Rua Dr. Odilon Vasconcelos, 103, 4º Andar, Sala 404

Jatiúca – Maceió – AL. CEP.: 57035-660

Telefone: (82) 3194-1176 – E-mail: eticaempesquisa@ifal.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

ESTUDANTE – MAIORES DE 18 ANOS

Título do Projeto: “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”

Pesquisador responsável: Givaldo Silva Jatobá e orientação do prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes.

Nome do participante da pesquisa:

Data de Nascimento: (não obrigatório) ____/____/____

Neste momento o(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar, em caráter voluntário, do Projeto de Pesquisa “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Givaldo Silva Jatobá e orientação do prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes. Por favor, leia atentamente o texto seguinte e esclareça com o pesquisador todas as dúvidas que surgirem. Após serem sanadas as possíveis dúvidas, caso aceite participar do estudo, assine ao final deste Termo e rubrique as demais páginas, o qual consta em duas vias. Uma delas pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não sofrerá nenhuma penalidade.

A pesquisa tem por objetivo analisar o comportamento expresso nas interações digitais dos discentes e a percepção dos docentes sobre esse fenômeno, visando fomentar a

construção de práticas pedagógicas alinhadas ao contexto da educação OnLife, e a partir desse estudo, produzir a cartilha “Práticas Pedagógicas para uma realidade hiperconectada”. Dessa forma, espera-se contribuir em alguma medida para uma formação omnilateral na Educação Profissional e Tecnológica. A nossa função enquanto pesquisadores nesse trabalho consiste: I. Compreender a percepção dos estudantes sobre redes sociais digitais como elemento orientador de construção de práticas pedagógicas consonantes com o conceito de educação OnLife. II. Analisar, através da Análise Textual Discursiva (ATD), as percepções dos docentes e discentes sobre os desafios da hiperconexão e sua relação com os processos de ensino e aprendizagem. III. Correlacionar as diretrizes da BNCC e do PPC do curso com os princípios da educação OnLife. IV. Desenvolver um Produto Educacional (PE), na modalidade cartilha, fundamentado nos resultados da pesquisa, que discuta princípios e orientações para práticas pedagógicas que fomentem a inventividade, a cocriação e a colaboração como fundamentos de uma educação OnLife.

Na duração da pesquisa, que acontecerá nos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro de 2024, em especial, poderão ocorrer incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental, a saber: por se tratar de uma pesquisa processual em que os participantes serão seguidos nas redes sociais: Instagram e TikTok por um período de dois meses, e após esse intervalo de tempo, mediante análise serão planejados os encontros presenciais através das rodas de conversa, e na conclusão dos trabalhos, dois questionários: um de perfil e outro de avaliação, como instrumentos de coleta de dados, é passível de existir constrangimento ou aborrecimento em responder aos questionários, desconforto ao se expor nas redes sociais. Além dos riscos de invasão de privacidade e o de perder o autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados. Em que o primeiro poderá ser minimizado por meio da exclusão desses arquivos do armazenamento virtual, assim que for finalizada a coleta dos dados, e colocados em armazenamento local (HD, cartão de memória, pendrive). E o segundo evitando expor o participante a situações que o faça perder o autocontrole e se comprometendo a não divulgar pensamentos e sentimentos nunca revelados sem a permissão do participante, caso ocorra. A qualquer momento o colaborador poderá ser desligado, a partir de seu pedido, e o fato comunicado ao Conselho de Ética na Pesquisa para que se avalie a necessidade de adequação. Havendo quebra de sigilo, os dados com sigilo rompido no curso do estudo serão descartados. Na condição de pesquisadores

responsáveis pela pesquisa, caso o participante venha a sofrer qualquer tipo de dano, previsto ou não, resultante de sua participação na pesquisa, nos comprometemos a buscar a assistência que se faça necessária.

Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente, são: além da fundamentação científica acerca do tema, poder contribuir para uma formação omnilateral dos estudantes, baseada na associação entre as dimensões do trabalho, da ciência e da cultura no processo formativo a partir do Produto Educacional que se presta à oferta de uma cartilha, cujo tema/título é: Práticas Pedagógicas para uma realidade hiperconectada, que discuta esse contexto, que apresente essas vidas do IFAL, que possa traçar o perfil dessas vidas e tecer orientações para uma prática pedagógica, para uma educação OnLIFE. No que diz respeito às rodas de conversa, intenciona-se que viabilizem momentos de reflexão e ação, a partir da experiência de cada um, com as redes sociais, através do desenvolvimento do diálogo da criticidade, por meio de discussões e problematizações, em encontros presenciais, um por semana, totalizando oito ao final da pesquisa. A sua participação é voluntária. Caso você opte por não participar, não terá nenhum prejuízo no seu tratamento escolar.

Não haverá despesa alguma decorrente de sua participação nesta Pesquisa, podendo deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerá nenhuma punição.

Não haverá nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela sua participação na pesquisa; no entanto, caso tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, será ressarcido.

Em caso de algum dano decorrente da sua participação nesta pesquisa, conforme determina a Resolução n.510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, será providenciada a assistência necessária e terá direito a buscar indenização, nos termos da Lei.

O seu nome será mantido em sigilo, garantindo a privacidade, e se desejar terá livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre os estudos dessa pesquisa, como também será informado das suas consequências, enfim, tudo o que anseie saber antes, durante e depois da sua participação.

As informações coletadas serão usadas, única e exclusivamente, para a finalidade desta pesquisa e os resultados serão publicados para fins acadêmicos.

Qualquer dúvida solicita-se a gentileza de entrar em contato com o pesquisador Givaldo

Silva Jatobá, pelo telefone: 82-98184-8319, e-mail givaldo.mestrado@hotmail.com, endereço: Rua Manoel Pereira Correia, 104. Bairro Alto do Cruzeiro, Arapiraca/AL-57312-510

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, que é um colegiado (grupo de pessoas que se reúnem para discutir assuntos em benefício de toda uma população), interdisciplinar (que estabelece relações entre duas ou mais disciplinas, ou áreas de conhecimento) e independente (mantém-se livre de qualquer influência), com dever público (relativo ao coletivo, a um país, estado ou cidade), criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade, dignidade e bem-estar. É responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. São consideradas pesquisas com seres humanos, aquelas que envolvam diretamente contato com indivíduo (realização de diagnóstico, entrevistas e acompanhamento clínico) ou aquelas que não envolvam contato, mas que manipulem informações dos seres humanos (prontuários, fichas clínicas, fichas de alunos ou informações de diagnósticos catalogadas em livros ou outros meios). Assim, se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante da pesquisa, a qualquer momento você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos do Instituto Federal de Alagoas (CEPSH/Ifal), situado na Rua Dr. Odilon Vasconcelos, No. 103, 4o. Andar, Sala 404, Jatiúca - Maceió – AL, pelo Telefone: (82) 3194-1176 (das 08:00 às 12:00 de segunda a sexta) ou pelo e-mail “eticaempesquisa@ifal.edu.br”.

Eu,

_____,
declaro ter sido informado e concordo em permitir a minha participação, em caráter voluntário, do projeto de pesquisa “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”, sem que para isso eu tenha sido forçada ou obrigada.

Maceió, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa

Eduardo Cardoso Moraes – Pesquisador

Givaldo Silva Jatobá – Pesquisador responsável pela pesquisa

ANEXO 6



**Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos do
Instituto Federal de Alagoas – CEPESH/Ifal**

Rua Dr. Odilon Vasconcelos, 103, 4º Andar, Sala 404

Jatiúca – Maceió – AL. CEP.: 57035-660

Telefone: (82) 3194-1176 – E-mail: eticaempesquisa@ifal.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**(PARA RESPONSÁVEIS, COM PESQUISA EM MENORES DE IDADE E PARA
PESSOAS LEGALMENTE INCAPAZES)**

Título do Projeto: “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”

Pesquisador responsável: Givaldo Silva Jatobá e orientação do prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes.

Nome do participante da pesquisa:

Data de Nascimento: (não obrigatório) ____/____/____

Neste momento o seu filho/tutelado está sendo convidado a participar, em caráter voluntário, do Projeto de Pesquisa “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”, sob a responsabilidade do pesquisador Givaldo Silva Jatobá e orientação do prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes. Por favor, leia atentamente o texto seguinte e esclareça com o pesquisador todas as dúvidas que surgirem. Após serem sanadas as possíveis dúvidas, caso aceite participar do estudo, assine ao final deste Termo e rubrique as demais páginas, o qual consta em duas vias. Uma delas pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não sofrerá nenhuma penalidade.

A pesquisa tem por objetivo analisar o comportamento expresso nas interações digitais dos discentes e a percepção dos docentes sobre esse fenômeno, visando fomentar a construção de práticas pedagógicas alinhadas ao contexto da educação OnLife, e a partir desse estudo, produzir a cartilha “Práticas Pedagógicas para uma realidade

hiperconectada”. Dessa forma, espera-se contribuir em alguma medida para uma formação omnilateral na Educação Profissional e Tecnológica. A nossa função enquanto pesquisadores nesse trabalho consiste: I. Compreender a percepção dos estudantes sobre redes sociais digitais como elemento orientador de construção de práticas pedagógicas consonantes com o conceito de educação OnLife. II. Analisar, através da Análise Textual Discursiva (ATD), as percepções dos docentes e discentes sobre os desafios da hiperconexão e sua relação com os processos de ensino e aprendizagem. III. Correlacionar as diretrizes da BNCC e do PPC do curso com os princípios da educação OnLife. IV. Desenvolver um Produto Educacional (PE), na modalidade cartilha, fundamentado nos resultados da pesquisa, que discuta princípios e orientações para práticas pedagógicas que fomentem a inventividade, a cocriação e a colaboração como fundamentos de uma educação OnLife.

Na duração da pesquisa, que acontecerá nos meses de junho, julho, agosto e setembro de 2024, em especial, poderão ocorrer incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental, a saber: por se tratar de uma pesquisa processual em que os participantes serão seguidos nas redes sociais: Instagram e TikTok por um período de dois meses, e após esse intervalo de tempo, mediante análise serão planejados os encontros presenciais através das rodas de conversa, e na conclusão dos trabalhos, dois questionários: um de perfil e outro de avaliação, como instrumentos de coleta de dados, é passível de existir constrangimento ou aborrecimento em responder aos questionários, desconforto ao se expor nas redes sociais. Além dos riscos de invasão de privacidade e o de perder o autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados. Em que o primeiro poderá ser minimizado por meio da exclusão desses arquivos do armazenamento virtual, assim que for finalizada a coleta dos dados, e colocados em armazenamento local (HD, cartão de memória, pendrive). E o segundo evitando expor o participante a situações que o faça perder o autocontrole e se comprometendo a não divulgar pensamentos e sentimentos nunca revelados sem a permissão do participante, caso ocorra. A qualquer momento o colaborador poderá ser desligado, a partir de seu pedido, e o fato comunicado ao Conselho de Ética na Pesquisa para que se avalie a necessidade de adequação. Havendo quebra de sigilo, os dados com sigilo rompido no curso do estudo serão descartados. Na condição de pesquisadores responsáveis pela pesquisa, caso o participante venha a sofrer qualquer tipo de dano, previsto ou não, resultante de sua participação na pesquisa, nos comprometemos a buscar a assistência que se faça necessária.

Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente, são: além da fundamentação científica acerca do tema, poder contribuir para uma formação omnilateral dos estudantes, baseada na associação entre as dimensões do trabalho, da ciência e da cultura no processo formativo a partir do Produto Educacional que se presta à oferta de uma cartilha, cujo tema/título é: Práticas Pedagógicas para uma realidade hiperconectada, que discuta esse contexto, que apresente essas vidas do IFAL, que possa traçar o perfil dessas vidas e tecer orientações para uma prática pedagógica, para uma educação OnLIFE. No que diz respeito às rodas de conversa, intenciona-se que viabilizem momentos de reflexão e ação, a partir da experiência de cada um, com as redes sociais, através do desenvolvimento do diálogo da criticidade, por meio de discussões e problematizações, em encontros presenciais, um por semana, totalizando oito ao final da pesquisa. A sua participação é voluntária. Caso você opte por não participar, não terá nenhum prejuízo no seu tratamento escolar.

Não haverá nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação do seu filho/tutelado; no entanto, caso tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, será ressarcido(a).

Em caso de algum dano decorrente da participação do filho/tutelado nesta pesquisa, conforme determina a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, será providenciada a assistência necessária e terá direito a buscar indenização, nos termos da Lei.

O nome do seu filho/tutelado será mantido em sigilo, garantindo a privacidade, e se desejar terá livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre os estudos dessa pesquisa, como também será informado das suas consequências, enfim, tudo o que anseie saber antes, durante e depois da participação dele(a).

As informações coletadas através da participação do seu filho/tutelado serão usadas, única e exclusivamente, para a finalidade desta pesquisa e que os resultados serão publicados para fins acadêmicos.

Qualquer dúvida solicita-se a gentileza de entrar em contato com o pesquisador Givaldo Silva Jatobá, pelo telefone: 82-98184-8319, e-mail givaldo.mestrado@hotmail.com, endereço: Rua Manoel Pereira Correia, 104, Bairro Alto do Cruzeiro, Arapiraca/AL - 57312-510

São consideradas pesquisas com seres humanos, aquelas que envolvam diretamente contato com indivíduo (realização de diagnóstico, entrevistas e acompanhamento clínico)

ou aquelas que não envolvam contato, mas que manipulem informações dos seres humanos (prontuários, fichas clínicas, fichas de alunos ou informações de diagnósticos catalogadas em livros ou outros meios). Assim, se você tiver dúvidas sobre seus direitos e do(a) seu(sua) filho(a)/tutelado(a) como participante da pesquisa, você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos do Instituto Federal de Alagoas (CEPSH/Ifal), situado na Rua Dr. Odilon Vasconcelos, No. 103, 4o. Andar, Sala 404, Jatiúca – Maceió – AL, pelo Telefone: (82) 3194- 1176 (das 08:00 às 12:00 de segunda a sexta) ou pelo e-mail “eticaempesquisa@ifal.edu.br” (a qualquer momento).

Eu, _____
_____, declaro ter sido informado sobre a participação do meu filho/tutelado no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a participação do meu filho/tutelado implicam, concordo em permitir a participação do meu filho/tutelado, em caráter voluntário, do projeto de pesquisa “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”, sem que para isso eu tenha sido forçada ou obrigada.

Assinatura do Responsável pelo Participante da Pesquisa

Assinatura do participante da pesquisa

Eduardo Cardoso Moraes – Pesquisador

Givaldo Silva Jatobá – Pesquisador responsável pela pesquisa

ANEXO 7**Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos do Instituto Federal de Alagoas – CEPESH/Ifal**

Rua Dr. Odilon Vasconcelos, 103, 4º Andar, Sala 404

Jatiúca – Maceió – AL. CEP.: 57035-660

Telefone: (82) 3194-1176 – E-mail: eticaempesquisa@ifal.edu.br**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.A.L.E.)
(Maiores de 12 anos e menores de 18 anos)**

Título do Projeto: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Pesquisador responsável: Givaldo Silva Jatobá e orientação do prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes.

Local da Pesquisa: Instituto Federal de Alagoas, Campus Maceió

Endereço: R. Mizael Domingues, 530 - Centro, Maceió - AL, 57020-600

O que significa assentimento?

Assentimento é um termo que nós, pesquisadores/as, utilizamos quando convidamos uma pessoa da sua faixa etária para participar de um estudo. Depois de compreender do que se trata o estudo, e se concordar em participar dele, você pode assinar este documento.

Nós te asseguramos que você terá todos os seus direitos respeitados e receberá todas as informações sobre o estudo, por mais simples que possam parecer.

Pode ser que este documento denominado TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO contenha palavras que você não entende. Por favor, peça ao/à responsável pela pesquisa ou à equipe de estudo para explicar qualquer palavra ou informação que você não entenda claramente.

Informação ao participante

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa, que tem o objetivo de analisar o comportamento expresso nas interações digitais dos discentes e a percepção dos docentes sobre esse fenômeno, visando fomentar a construção de práticas pedagógicas alinhadas ao contexto da educação OnLife, e a partir desse estudo, produzir a cartilha “Práticas Pedagógicas para uma realidade hiperconectada”. Dessa forma, espera-se contribuir em alguma medida para uma formação omnilateral na Educação Profissional e Tecnológica. A nossa função enquanto pesquisadores nesse trabalho consiste: I. Compreender a percepção dos estudantes sobre redes sociais digitais como elemento orientador de construção de práticas pedagógicas consonantes com o conceito de educação OnLife. II. Analisar, através da Análise Textual Discursiva (ATD), as percepções dos docentes e discentes sobre os desafios da hiperconexão e sua relação com os processos de ensino e aprendizagem. III. Correlacionar as diretrizes da BNCC e do PPC do curso com os princípios da educação OnLife IV. Desenvolver um Produto Educacional (PE), na modalidade cartilha, fundamentado nos resultados da pesquisa, que discuta princípios e orientações para práticas pedagógicas que fomentem a inventividade, a cocriação e a colaboração como fundamentos de uma educação OnLife.

Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente, são: além da fundamentação científica acerca do tema, poder contribuir para uma formação omnilateral dos estudantes, baseada na associação entre as dimensões do trabalho, da ciência e da cultura no processo formativo a partir do Produto Educacional que se presta à oferta de uma cartilha, cujo tema/título é: Práticas Pedagógicas para uma realidade hiperconectada, que discuta esse contexto, que apresente essas vidas do IFAL, que possa traçar o perfil dessas vidas e tecer orientações para uma prática pedagógica, para uma educação OnLIFE. No que diz respeito às rodas de conversa, intenciona-se que viabilizem momentos de reflexão e ação, a partir da experiência de cada um, com as redes sociais, através do desenvolvimento do diálogo da criticidade, por meio de discussões e problematizações, em encontros presenciais, um por semana, totalizando oito ao final da pesquisa. A sua participação é voluntária. Caso você opte por não participar, não terá nenhum prejuízo no seu tratamento escolar.

Na duração da pesquisa, que acontecerá nos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro de 2024, em especial, poderão ocorrer incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental, a saber: por se tratar de uma pesquisa processual

em que os participantes serão seguidos nas redes sociais: Instagram e TikTok por um período de dois meses, e após esse intervalo de tempo, mediante análise serão planejados os encontros presenciais através das rodas de conversa, e na conclusão dos trabalhos, dois questionários: um de perfil e outro de avaliação, como instrumentos de coleta de dados, é passível de existir constrangimento ou aborrecimento em responder aos questionários, desconforto ao se expor nas redes sociais. Além dos riscos de invasão de privacidade e o de perder o autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados. Em que o primeiro poderá ser minimizado por meio da exclusão desses arquivos do armazenamento virtual, assim que for finalizada a coleta dos dados, e colocados em armazenamento local (HD, cartão de memória, pendrive). E o segundo evitando expor o participante a situações que o faça perder o autocontrole e se comprometendo a não divulgar pensamentos e sentimentos nunca revelados sem a permissão do participante, caso ocorra. A qualquer momento o colaborador poderá ser desligado, a partir de seu pedido, e o fato comunicado ao Conselho de Ética na Pesquisa para que se avalie a necessidade de adequação. Havendo quebra de sigilo, os dados com sigilo rompido no curso do estudo serão descartados. Na condição de pesquisadores responsáveis pela pesquisa, caso o participante venha a sofrer qualquer tipo de dano, previsto ou não, resultante de sua participação na pesquisa, nos comprometemos a buscar a assistência que se faça necessária.

A sua participação é voluntária. Caso você opte por não participar, não terá nenhum prejuízo no seu tratamento escolar.

Contato para dúvidas

Se você ou seu/sua responsável tiver dúvidas com relação ao estudo ou aos riscos relacionados a ele, você deve contatar o pesquisador principal ou membro de sua equipe: Givaldo Silva Jatobá, e-mail: givaldo.mestrado@hotmail.com, e prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes, e-mail: Eduardo.moraes@ifal.edu.br

Caso o senhor ou a senhora tenha dúvidas, mesmo após os esclarecimentos dados pelos pesquisadores responsáveis por esta pesquisa, ou se tiver sugestões ou denúncias, o CEPESH estará disponível para lhe atender. O CEPESH está localizado na Rua Dr. Odilon Vasconcelos, nº 103, 4º andar, sala 404 – Bairro: Jatiúca, Maceió, Alagoas. Atendimento

ao Público: Segunda a Sexta das 08h às 12h. O contato poderá ser feito, também, pelo telefone (82) 3194-1176 (das 08h às 12h) ou por e-mail: eticaempesquisa@ifal.edu.br (a qualquer momento).

Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante da pesquisa, você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto Federal de Alagoas (CEPSH/Ifal), pelo e-mail eticaempesquisa@ifal.edu.br.

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu li e discuti com o pesquisador responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados adquiridos para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Entendi a informação apresentada neste TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas.

Eu receberei uma cópia assinada e datada deste documento.

Maceió, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa

Eduardo Cardoso Moraes – Pesquisador

Givaldo Silva Jatobá – Pesquisador responsável pela pesquisa

ANEXO 8

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Ministério da Educação
Instituto Federal de Alagoas – IFAL
Campus Maceió

**DECLARAÇÃO DE CUMPRIMENTO DAS NORMAS DA RESOLUÇÃO 466/12, DE
PUBLICIZAÇÃO DOS RESULTADOS SOBRE O USO E DESTINAÇÃO DO
MATERIAL/DADOS COLETADOS**

Givaldo Silva Jatobá, sob orientação e supervisão do Prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes, do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), pesquisadores do projeto intitulado “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”, ao tempo em que me comprometo em seguir fielmente os dispositivos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, asseguro que os resultados da presente pesquisa serão tornados públicos sejam eles favoráveis ou não, bem como declaro que os dados coletados para o desenvolvimento do projeto, por meio de acompanhamento no Instagram e no TikTok, rodas de conversa, questionários, pesquisa bibliográfica e documental serão utilizados para subsidiar a construção de um material didático como produto educacional a ser utilizado como recurso didático nas aulas do curso de Desenvolvimento de Sistemas e áreas afins e que será disponibilizado à sociedade gratuitamente. Declaro, ainda, que, após a conclusão da pesquisa, o material físico ficará na posse do pesquisador responsável, Givaldo Silva Jatobá, (a exemplo de impressos preenchidos durante a pesquisa), com a finalidade de que se realize a tabulação de resultados, conclusões e produto educacional desenvolvido. Em razão da sua natureza sigilosa, tais materiais ficarão sob a guarda do pesquisador responsável por um período máximo de 5 (cinco) anos após o encerramento da pesquisa, de acordo com o Art. XI.2 (f) da Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

Maceió, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa

Eduardo Cardoso Moraes – Pesquisador

Givaldo Silva Jatobá – Pesquisador responsável pela pesquisa

ANEXO 9



**Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos do
Instituto Federal de Alagoas – CEPESH/Ifal**

Rua Dr. Odilon Vasconcelos, 103, 4º Andar, Sala 404

Jatiúca – Maceió – AL. CEP.: 57035-660

Telefone: (82) 3194-1176 – E-mail: eticaempesquisa@ifal.edu.br

Termo de Compromisso de Utilização de Dados (TCUD)

1. Identificação da pesquisa

Título do projeto: “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”

Departamento/Faculdade/Curso: Instituto Federal de Alagoas

Pesquisador(a) responsável: Givaldo Silva Jatobá

2. Identificação dos membros do grupo de pesquisa

Nome completo (sem abreviação)	RG	Assinatura
Givaldo Silva Jatobá	1.413.903	
Eduardo Cardoso Moraes	20020010139045	

3. Descrição dos Dados

Os dados serão coletados somente após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética. Os dados obtidos no período de junho de 2024 a setembro de 2024, por meio de acompanhamento no Instagram e no TikTok, rodas de conversa, questionários, pesquisa bibliográfica e documental serão utilizados somente para a finalidade descrita no projeto. Sendo mantidos em pastas sob os cuidados do pesquisador responsável para avaliações e/ou reavaliações de quaisquer propósitos descritos no protocolo e destruídos após o período de guarda. Salientamos que os dados obtidos na pesquisa somente serão utilizados para o projeto vinculado.

4. Declaração dos pesquisadores

Os pesquisadores envolvidos no projeto se comprometem a manter a confidencialidade sobre os dados coletados nos arquivos do Sistema Integrado de Gestão de Atividades – SIGA-A, bem como a privacidade de seus conteúdos, como preconizam a Resolução 466/12, e suas normas complementares, do Conselho Nacional de Saúde.

Declaramos entender que a integridade das informações e a garantia da confidencialidade dos dados e a privacidade dos indivíduos que terão suas informações acessadas estão sob nossa responsabilidade. Também declaramos que não repassaremos os dados coletados ou o banco de dados em sua íntegra, ou parte dele, a pessoas não envolvidas na equipe da pesquisa.

Os dados obtidos na pesquisa somente serão utilizados para este projeto. Todo e qualquer outro uso que venha a ser planejado, será objeto de novo projeto de pesquisa, que será submetido à nova apreciação pelo Comitê de Ética.

Devido à impossibilidade de obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de todos os participantes, assinamos esse Termo de Consentimento de Uso de Banco de Dados, para a salvaguarda dos direitos dos participantes.

Maceió, 10 de junho de 2024.

Eduardo Cardoso Moraes

Givaldo Silva Jatobá

5. Autorização da Instituição

Declaramos para os devidos fins, que cederemos aos pesquisadores apresentados neste termo, o acesso aos dados solicitados para serem utilizados nesta pesquisa.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento, por parte dos pesquisadores, dos requisitos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e suas normas complementares, comprometendo-se os supracitados a utilizar os dados dos participantes da pesquisa exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o(s)/a(s) pesquisador/a(es/as) deverão apresentar o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Maceió, 10 de junho de 2024.

Diretor Geral - Campus Maceió

ANEXO 10



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Ministério da Educação
Instituto Federal de Alagoas – IFAL
Campus Maceió

**DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO, INFRAESTRUTURA E INSTALAÇÕES PARA O
DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA E SUAS CONSEQUÊNCIAS**

Eu, Givaldo Oliveira dos Santos, diretor-geral do Campus Maceió, autorizo Givaldo Silva Jatobá, o qual terá como orientador o prof. Dr. Eduardo Cardoso Moraes, o uso do espaço físico do auditório, deste instituto, para a realização da pesquisa intitulada “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”.

Comprometendo-se seguir as normas e rotinas do Serviço, zelar pelo sigilo ético e respeitar a resolução 466/12, 510/16 CNS/MS e todas as suas complementares, havendo o compromisso de divulgação dos dados obtidos apenas em reuniões e publicações científicas com sigilo e resguardo ético da Instituição.

Maceió - AL, 10 de Junho de 2024.

Givaldo Oliveira dos Santos
Diretor Geral
Instituto Federal de Alagoas - Campus Maceió

ANEXO 11



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Ministério da Educação
Instituto Federal de Alagoas – IFAL
Campus Maceió

DECLARAÇÃO SOBRE A DESTINAÇÃO DOS DADOS COLETADOS
(Entrevista/Questionário/Outros)

Protocolo de pesquisa: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DE VIDAS ONLIFE: POR DENTRO DA VIDA NAS REDES SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Pesquisador responsável: Givaldo Silva Jatobá

Os dados obtidos no estudo mencionado serão utilizados somente para as finalidades descritas no protocolo.

Declaramos, ainda, que, após a conclusão da pesquisa, o material físico ficará na posse do pesquisador responsável, Givaldo Silva Jatobá, (a exemplo de impressos preenchidos durante a pesquisa), com a finalidade de que se realize a tabulação de resultados, conclusões e produto educacional desenvolvido. Em razão da sua natureza sigilosa, tais materiais ficarão sob a guarda do pesquisador responsável por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o encerramento da pesquisa, de acordo com o inciso XI.2 alínea f da Resolução 466/12, bem como o inciso IV do art. 28 da Resolução CNS 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

Após ter sido analisado o material e passado o tempo previsto nas referidas resoluções, ele será:

- Destruído/descartado;
- Devolvido ao paciente;
- Disponibilizado no laboratório relacionado à coleta de dados para possíveis avaliações ou reavaliações de qualquer propósito descrito no protocolo e destruído logo após ser reanalisado ou ao final do estudo;
- Armazenado em uma instituição depositária para uso futuro.

Maceió, 10 de Junho de 2024.

Pesquisador:

Orientador:

Maceió (AL), 12 de julho de 2024.